

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO

RAQUEL DOS SANTOS SOUSA LIMA

***“OH! QUE IMITEM A SANTA RITA DE CÁSSIA!” AS MULHERES DE NOSSO TEMPO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA DEVOÇÃO EM VIÇOSA (MG), 2003-2006.***

Niterói  
2006

RAQUEL DOS SANTOS SOUSA LIMA

***“OH! QUE IMITEM A SANTA RITA DE CÁSSIA!” AS MULHERES DE NOSSO TEMPO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA DEVOÇÃO EM VIÇOSA (MG), 2003-2006.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História Contemporânea II

Orientadora: Profa. Dra. RACHEL SOIHET.

Niterói  
2006

*Ao meu pai Cilon, quem me apresentou à Santa Rita de Cássia, e à minha mãe Zita. Sem o amor deles eu não teria chegado até aqui.*

*À minha mãe, à minha avó Laura e às minhas tias Ilídia, Lolô, Dedéia, Elenir e Cacalma, criadas para serem “santas do cotidiano”.*

## AGRADECIMENTOS

Devo começar agradecendo particularmente aos meus pais pelo amor e pelo apoio sempre pontual que me deram nos diversos momentos de minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Meu pai, Cilon, e minha mãe, Zita, junto às minhas irmãs Karine, Thaíse e Helem sempre foram meu porto seguro. É difícil encontrar palavras que expressem todo o amor, o carinho e a gratidão que sinto em relação a eles.

A realização do mestrado e a escrita da dissertação só foram possíveis com o apoio de diferentes pessoas, às quais dirijo meus agradecimentos sinceros.

Inicialmente agradeço à Rachel Soihet, minha orientadora acadêmica, pela oportunidade privilegiada de interlocução e também pelas palavras de ânimo e confiança durante os (vários) momentos difíceis deste trabalho. Ela também se constituiu em “ouvinte”, pois com ela ainda dividi vários “problemas do gênero”, ao que sou grata. Com carinho registro sua importância na minha trajetória intelectual. Às professoras Suely Costa e Renata Menezes agradeço pelas contribuições fornecidas durante o Exame de Qualificação. As sugestões ajudaram a reorientar a pesquisa, tornando-a mais dinâmica, interessante e rica. Suely sempre será associada ao Gênero; as conversas que tecemos durante a realização do curso de História das Mulheres e Gênero eu levo para a vida, pois ajudaram a refletir sobre minha trajetória pessoal. Com Renata Menezes compartilho a paixão pelos estudos de santidade e a ela agradeço gentilmente a indicação de livros, de dados, de idéias. Sua ajuda tem sido valiosa desde 2003.

Durante a escrita quatro amigos tornaram-se particularmente importantes pois além de terem ouvido as angústias da pesquisa, me emprestaram seus olhos e palavras, constituindo-se interlocutores essenciais quando minha causa parecia “impossível”. Eles leram, discutiram, questionaram, sugeriram, traduziram e ainda me animaram. Flávia Esteves leu cuidadosamente todo o trabalho, conferiu idéias “do gênero” e prestou socorro amigo nas “horas impossíveis”; Simone G. Oliveira, também apaixonada pela “religiosidade popular”, me ajudou a pensar nos resultados do trabalho de campo. “Nesse sentido” sua leitura foi particularmente importante, bem como suas correções e dicas; com Igor S. Teixeira, estudioso da santidade medieval, dividi angústias sobre a difícil história da “santa do impossível” (“Precisamos nós verdadeiramente de uma Rita de Cássia?”, dizia o texto traduzido por ele, diretamente da Idade Média, na “rádio santidade”). A leitura que este amigo fez do primeiro capítulo e as dicas, as correções e as sugestões de palavras, *sites*, textos, foram valiosíssimas, essenciais; Edílson Pereira (“respira”!) se particulariza por ter me ajudado a encontrar o “fio”

do trabalho, quando a quantidade de material coletado em campo me assustava e desesperava. Suas palavras foram preciosas, sobretudo quando meu repertório estava desgastado, e eu já embaralhava os termos. A todos esses amigos agradeço com muito carinho, registrando minha eterna gratidão.

Ana Paula Guerrelhas, amiga-irmã da antiga república, traduziu meu resumo com prontidão e gentileza. Thank you so much, Ana Paul!

Agradeço aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense pelo apoio na participação de eventos e à Comissão de Planejamento Acadêmico pela compreensão nos momentos mais difíceis da elaboração da dissertação. Os funcionários também merecem agradecimento, em especial Mário e Stela, pelas dicas e força durante o curso. Também registro que o debate acadêmico com as professoras Adriana Facina, Martha Abreu e Gilzlene Neder ajudaram a ampliar as perspectivas de meu trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa, em especial aos colegas professores e funcionários do COLUNI- Colégio de Aplicação- pela liberação das atividades de trabalho para meu aprimoramento acadêmico, que certamente será revertido na melhoria de empenho profissional em sala de aula. Sou grata particularmente ao Duarte e à Marilda, colegas de área, por terem concordado e realizado esforços para viabilizarem minha saída para o treinamento. À Marilda, Diná e Luíza agradeço pelas leituras do projeto, as dicas de textos de gênero e as indicações de devotos, antes mesmo da pesquisa se iniciar. Rita me deu dicas e enviou “currículos” preciosos de Viçosa. Hélio me dirigiu palavras de força, tão importantes na ocasião da seleção.

Faço um agradecimento especial à Diretora Eunice pelas palavras constantes de ânimo e por ter várias vezes facilitado minha participação em congressos, importante para meu aprimoramento profissional. À Meire carinhosamente agradeço pela prontidão com o qual ela sempre me ajudou na resolução de (inúmeros) problemas burocráticos. Catarina sempre me passou “muita energia”, com o seu constante sorriso no rosto. Aos outros tantos colegas peço desculpas pela injustiça de não tê-los citado nominalmente e registro que são inúmeros e variados os agradecimentos que tenho para fazer...

Martha Nascimento se destaca pelo exemplo profissional e principalmente pela amizade, estabelecida em Viçosa e reforçada nos momentos compartilhados na “Cidade Maravilhosa”. Com afeto agradeço as palavras, os móveis, a força durante todos estes anos.

Registro também meus sinceros agradecimentos à Sueli e Margarida, secretárias da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFV por todas as dicas e ajudas nas questões

referentes ao meu treinamento. Agradeço à Pró-Reitoria de Ensino por ter viabilizado a prorrogação do prazo para meu retorno, tão importante para a conclusão deste trabalho. À FUNARBE sou grata pela ajuda de custo fornecida durante os anos em que permaneci fora.

Aos colegas cursistas do Projeto Veredas, dos quais eu precisei me afastar por causa da pesquisa, agradeço pela compreensão naquele momento particular de minha vida.

Outras pessoas em Viçosa foram importantíssimas para a realização da pesquisa.

Ao Sr. Tony Melo agradeço com carinho por ter permitido meu acesso ao seu arquivo. Registro que a consulta a seu acervo particular é indispensável para qualquer estudo sobre a cidade de Viçosa. Agradeço ao Cônego Geraldo Vidigal de Carvalho pela gentileza de ter permitido meu acesso às biografias de Santa Rita de Cássia, entre outros documentos, que foram essenciais para a composição desta dissertação. Os livros que me cedeu sobre a história de Viçosa, entre outros, foram certamente muito valiosos. Às secretárias da Igreja de Santa Rita de Cássia e da Casa Paroquial, Eliane e Sônia, serei eternamente grata. Com muito boa vontade e carinho elas me cederam documentos, livros de registros, e principalmente me apresentaram aos devotos, fontes primordiais de minha pesquisa. A estes devotos registro minha eterna gratidão, pois sem eles o trabalho seria impossível.

Alguns ex-alunos, hoje amigos, forneceram ajuda na elaboração direta do trabalho. Márcio Xavier foi pessoa importantíssima na transcrição de entrevistas e nas discussões sobre os procedimentos metodológicos da história oral. Seu socorro nas horas em que “ouvir as fitas” se tornava difícil foi valiosíssimo. Ao Leandro Gomide serei sempre grata pela boa vontade, carinho e gentileza de me acompanhar durante a Procissão de Santa Rita, atrás de “santas”, fotos e ângulos, os quais ele soube explorar bem! Sua expressão “força lá” também foi estímulo em momentos em que o desânimo bateu. Marcos Andersen merece um agradecimento particular, pois com ele fui pela primeira vez fazer fotos das “Santas Ritas”, em 2003. Sua boa vontade para clicar e revelar as fotos deve ser registrada. Rafael Gomes me ajudou a editar as fotos, recortar, configurar páginas. “Enfim”, agradeço por toda a ajuda oferecida na formatação do trabalho.

As amigas da ex-república Las Boehmias, especialmente Giovanna e Sorahia, forneceram carinho, ombros e estadia preciosa durante os momentos do campo. Em Niterói deixo bons amigos, que foram pessoas essenciais durante todo o mestrado, pela ajuda afetiva, espiritual, gastronômica, entre outras. Isabela Campoi, Clarissa, Julia Julis, Rafael, Jorcelino, Flávia Esteves, Márcio Gonçalves, Berenice Zottis, Jackson, Patrícia.

Alguns amigos de longa data, ainda que distantes espacialmente, sempre estiveram presentes na minha trajetória acadêmica, pessoal e profissional: Raquel Seabra, Fabiana Filipino, e Ricardo.

Em Viçosa alguns amigos sempre estiveram presentes e saber que eles continuam na cidade torna meu retorno mais confortante: Celinha, Maurícia, Gilberto, Hélio e seus tios Carmem e Fábio, que me deram apoio afetivo e estadia na época da seleção. A Ana Maria Rigueira agradeço por ter me ajudado a desvendar outros projetos em torno da pesquisa. A Janaína Marcon agradeço pelo carinho, pelos textos, pela força e pela amizade, ainda que de longe.

Finalmente, reitero a importância de toda a minha família, suporte emocional de tudo. É difícil citar nomes, mas também é injusto não citar alguns que me forneceram apoio especial durante todos os anos de mestrado. Meus pais, minhas irmãs Thaíse, Karine e Helem. A todos os meus outros familiares agradeço pelo carinho, pela confiança e pela força. Às minhas tias Ilídia, Lolô, Dedéia e Elenir e à minha avó Laura agradeço os telefonemas, as comidas enviadas, os bolos, as palavras amigas de carinho, a leitura de textos, o amor de sempre. Tio Machado e tia Edir desde criança me apoiaram com livros, canetas, carinho, palavras de força, e por isso lhes agradeço. Particularmente agradeço ao meu avô pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar. A todos os demais, saibam que sempre estiveram e que sempre estarão em minha vida.



**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

**L732 Lima, Raquel dos Santos Sousa.**

“Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!” As mulheres de nosso tempo: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006 / Raquel dos Santos Sousa Lima. – 2006.

160 f ; il.

Orientador: Rachel Soihet.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,  
Departamento de História, 2006.

Bibliografia: f. 143-156.

1. Igreja Católica – Viçosa (MG). 2. Gênero. 3. Prática. 4.  
Representação. I. Soihet, Rachel. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

RAQUEL DOS SANTOS SOUSA LIMA

“OH! QUE IMITEM A SANTA RITA DE CÁSSIA!” AS MULHERES DE NOSSO TEMPO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA DEVOÇÃO EM VIÇOSA (MG), 2003-2006.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História Contemporânea II.

Aprovada em setembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. RACHEL SOIHET – Orientadora  
UFF

---

Profª. Dra. Suely Costa Gomes  
UFF

---

Prof. Dra. Renata de Castro Menezes  
PUC-RJ

Niterói  
2006

*Dados estatísticos costumam confirmar a observação do senso comum de que as mulheres investem mais em religião do que os homens. Daí se conclui que elas seriam 'mais religiosas' do que eles. Tal visão esconde um enorme equívoco que as atuais formas fundamentalistas das religiões, no Ocidente e no Oriente, vêm desvendar. Na verdade, as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso.*

ROSADO-NUNES, Maria José. "Dossiê Gênero e Religião". In: *Estudos Feministas*, v. 13. n.2/2005, p. 363.

## SUMÁRIO

Introdução	16
1. HISTÓRIAS POSSÍVEIS DA “SANTA DO IMPOSSÍVEL”	
1.1. A “Vita” de Santa Rita de Cássia e os relatos biográficos.	27
1.2. “Oh! que imitem a Santa Rita as mulheres de nossos tempos”	46
2. REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA DEVOÇÃO EM VIÇOSA	
2.1. “Viçosa chamava até Santa Rita do Turvo”	60
2.2. “Santas Ritas” da procissão, “Ritas” de Viçosa	76
2.3. As mulheres na devoção familiar	89
3. A VIDA DE SANTA RITA: DAS REPRESENTAÇÕES ÀS PRÁTICAS	
3.1. “Ela é um modelo de mulher”	99
3.2. Devoção e práticas conjugais	115
Considerações	131
Anexos	133
Fontes	139
Referências Bibliográficas	142
Ilustrações	157

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1: Imagem de Santa Rita de Cássia localizada na entrada principal da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 2: “Santinho” cedido pela devota F.C.. Editora Santo Expedito.
- Ilustração 3: Fonte: MARCHI, Monsenhor Luis de. *Santa Rita de Cássia. A Santa dos Casos Impossíveis e Desesperados*. 4.ed. São Paulo, 1995, p. 33
- Ilustração 4: Imagem de Santa Rita que fica no interior da Igreja Matriz. Semana da Festa da Padroeira, maio de 2006. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 5: Imagem localizada na Avenida Santa Rita de Cássia. Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.
- Ilustração 6: Imagem localizada no entroncamento da Rua Gomes Barbosa com a Avenida Santa Rita de Cássia. Festa de 2006. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 7: Procissão da Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.
- Ilustração 8: Andor construído pelo Senhor A.. Procissão da Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.
- Ilustração 9: Missa Solene (Missa das Rosas). Festa de 2005. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 10: Roupinha de Santa Rita de Cássia com a qual Dona E. vestiu sua filha S., hoje com 35 anos. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 11: Oratório que Dona E. herdou de sua mãe. Foto de Raquel Lima.
- Ilustração 12: Criança vestida de Santa Rita. Procissão da Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.
- Ilustração 13: Diferentes gerações de “Santas Ritas”. Procissão da Festa de 2003. Foto de Marcus Andersen.
- Ilustração 14: Criança vestida de Santa Rita. Procissão da Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.

## RESUMO

A presente dissertação é um estudo das representações e das práticas de devoção a Santa Rita de Cássia na cidade mineira de Viçosa, entre os anos de 2003 e 2006, sob a perspectiva da História Cultural e dos estudos de gênero. A vida de Santa Rita em geral é apresentada nas narrativas biográficas como a de uma mulher que viveu sob o signo da obediência, abnegação, resignação e sofrimento em vários momentos de sua trajetória humana. Partindo-se dessas proposições, e considerando-se que a Santa tem sido apresentada como exemplo a ser imitado pelas mulheres, buscou-se perceber como os devotos se apropriam das representações veiculadas sobre a Santa, e como as transformam em práticas nas suas vivências cotidianas. Para tal, foram entrevistados homens e mulheres de diferentes faixas etárias que moram na cidade de Viçosa, onde a Santa é Padroeira, e onde também é muitas vezes associada ao sentimento de identidade social da comunidade católica viçosense.

Palavras-chaves: Religião, Gênero, Santa Rita de Cássia, Devoção, Práticas e Representações.

## **ABSTRACT**

The present work is a study on the representations and devotion practices to Saint Rita de Cassia in the city of Viçosa, in Minas Gerais, between the years of 2003 and 2006, under the perspective of the Cultural History and the studies of gender. Saint Rita's life is, in general, presented on biographical narratives as of a woman who lived under the sign of obedience, self-denial, resignation and suffering in many moments of her human trajectory. Starting from these assumptions, and considering that the Saint has been being presented as an example to be imitated by women, it was aimed to realize how devotes take property of the Saint's propagated representations, and how they change them into practices on their daily living. For that, men and women of different ages who live in Viçosa, where she is The Patron Saint and is also many times associated to the feeling of social identity of the local catholic community, were interviewed.

Key-words: Religion, Genre, Saint Rita de Cassia, Devotion, Practices and Representations.

## INTRODUÇÃO

Também o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro do que vagos projectos de objectividade. O obstáculo transformou-se em vantagem. A explicação e a análise do investimento existencial, em vez de afastarem uma investigação serena, tornam-se o instrumento e a alavanca da compreensão.<sup>1</sup>

Viçosa, ano de 2003. Dirigíamos nosso olhar ao passado, intrigados com as histórias contadas sobre a vida de Santa Rita de Cássia, italiana que viveu entre os anos de 1381 e 1457 e que foi canonizada no último ano do século XIX. A trajetória de vida dessa mulher medieval constituiu-se em grande inquietação – seja em função do longo percurso observado entre a morte (1457), beatificação (1628) e canonização (1900) de Santa Rita ou pelas passagens narradas sobre sua vida. Um ‘caminho’ de santidade tão significativo, apresentado pelo Papa Leão XIII como modelo de conduta às mulheres quando, na cerimônia solene em que apresentava ao mundo a Santa canonizada,<sup>2</sup> ele disse: “Oh! Que imitem a Santa Rita as mulheres de nosso tempo!”.<sup>3</sup>

As características de obediência, abnegação, submissão e resignação encontradas nas narrativas escritas sobre Santa Rita de Cássia chamaram nossa atenção quando tivemos contato com as biografias da Santa. Isto se deu na época em que escrevíamos um projeto de pesquisa sobre a história da Igreja de Santa Rita de Cássia em Viçosa<sup>4</sup>, cidade mineira na qual ela é padroeira.

As mensagens que propunham a vivência de Santa Rita de Cássia como um modelo exemplar em todas as etapas de sua vida se revelaram mais significativas quando foram pensadas em relação a algumas falas que tínhamos ouvido em conversas informais com outros moradores da cidade, nas quais Viçosa foi identificada como “a cidade das Ritas”.

<sup>1</sup> NORA, Pierre, “Introdução”. In: *Ensaio de Ego-história*. Rio de Janeiro: Ed. 70 LTDA, 1987, p.10.

<sup>2</sup> A canonização é a inscrição de uma pessoa na lista oficial dos santos reconhecidos pela Igreja Católica - o cânon, e variou ao longo do tempo, pois o ideal de santidade esteve relacionado às transformações mais amplas da sociedade européia. Para detalhes conferir DOUILLET, Jacques. *O que é um santo?* Tradução de Lúcia J. Villela. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant. (Coleção Sei e Creio Enciclopédia), 1960 e BOTELHO, Demerval A. Para se instruir um processo de canonização. *Revista Atualização*, Belo Horizonte, n.193-194, jan./fev. 1986, pp. 47-59.

<sup>3</sup> Discurso proferido por Leão XIII em 24 de maio de 1900. In: RIESCO, Gabriel. *Vidas ejemplares de la Cristianidad. Santa Rita de Cássia*. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1946, p. 376. Disponível também em: <[http://www.microservicen.net.br/Srita/História\\_Det.htm](http://www.microservicen.net.br/Srita/História_Det.htm)>. Acesso em 05 jul. 2003.

<sup>4</sup> No ano de 2000 Viçosa, segundo o último Censo divulgado pelo IBGE, tinha 56.346 residentes numa área de 300,15 Km<sup>2</sup>. Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, o município dista aproximadamente 220 km de Belo Horizonte e 350 km do Rio de Janeiro. Apud. CRUZ, Tancredo, ALVARENGA, S.S. e SILVA, Ananias. *Currículo de Viçosa*. Viçosa: MG: CENSUS, 2004, p. 23

Com nosso olhar de ‘estranhamento’, isto é, de não viçosenses, já havíamos observado não apenas o grande número de mulheres chamadas de Rita e de Rita de Cássia em Viçosa, e também as “Santas Ritas” que caminhavam na procissão que assistimos durante as atividades da Festa da Santa em maio de 2003. Aquelas “Santas” eram mulheres de diferentes faixas etárias que acompanhavam o cortejo vestidas com roupas semelhantes àquelas de Santa Rita de Cássia.

Esses dados também ganharam relevo no momento em que foram apresentados no mini-curso sobre a Santidade na História e na Antropologia<sup>5</sup>, do qual participamos no mesmo ano de 2003. Com base nas discussões gerais que foram tecidas sobre os estudos relativos à santidade e ao culto dos santos, a perspectiva do gênero foi se apresentando como um elemento central para a compreensão tanto da trajetória de Rita de Cássia até a sua santificação, quanto da trajetória das devotas de Viçosa.

A partir de então, deslocamos o objeto de análise (inicialmente pensado para o projeto de pesquisa) e concentramos nosso esforço intelectual nas narrativas biográficas que eram divulgadas sobre Santa Rita de Cássia em Viçosa. Nos interessamos pelas formas de apropriação e representação destas narrativas nas vivências cotidianas das devotas de Santa Rita naquela cidade. Para tanto, privilegiamos a perspectiva conceitual dos estudos de História Cultural e dos de gênero como referencial teórico de nossa pesquisa.

Inspirados nas considerações do historiador Roger Chartier, situamos a História Cultural como um campo que “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>6</sup> Respaldados por esta concepção, pretendíamos analisar as narrativas sobre a história de Santa Rita de Cássia, as quais foram pensadas a partir da idéia de que, enquanto construções discursivas, eram textos escritos a partir de determinados lugares – a fala dos homens da Igreja Católica que as escreveram - e com determinadas intenções – foram dirigidas às mulheres.

Partindo desse pressuposto, fez-se necessário pontuar o trabalho pelo referencial teórico dos estudos de gênero, entendido aqui no sentido proposto pela historiadora Joan Scott, para quem ele “é uma categoria útil de análise na medida em que sugere aspectos

---

<sup>5</sup> “História, antropologia e santidade: novos paradigmas para o estudo do culto aos santos”, ministrado pela antropóloga Renata Menezes no V *Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, Juiz de Fora-MG, maio de 2003.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990, p.16.

relacionais entre homens e mulheres, onde “(...) a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens”.<sup>7</sup>

Apreciando as sugestões apresentadas pela Banca Examinadora do Exame de Qualificação, na época em que já desenvolvíamos o projeto de pesquisa no mestrado, sobretudo aquelas referentes ao gênero, consideramos que seria enriquecedor incorporar em nossa pesquisa a fala de homens devotos de Santa Rita de Cássia em Viçosa. Afinal, se a sociedade e a história criam e estabelecem conceitos normativos referidos aos gêneros, delimitando lugares, imagens e símbolos relativos às mulheres e aos homens no mundo social, de fato era preciso investigar como homens e mulheres<sup>8</sup> se apropriavam das narrativas escritas sobre Santa Rita de Cássia, as quais propunham modelos de conduta ‘feminina’ baseadas na história desta Santa.

Em vez de entrevistarmos apenas mulheres devotas de uma certa faixa etária, conforme discutimos no projeto de pesquisa, optamos por diversificar o perfil de nossos entrevistados e entre os homens e as mulheres escolhemos pessoas de faixas etárias, estados civis, profissões e classes sociais diferenciadas. Pois se o gênero era entendido como “uma forma primeira de significar as relações de poder”<sup>9</sup>, era preciso ponderar que essas relações não podiam ser dadas como puras ou estáticas, uma vez que elas se conectam com questões sociais, classistas, étnicas, entre outras.

A exigência fundamental que fizemos para a escolha das pessoas que seriam entrevistadas foi a de que elas se apresentassem como devotas de Santa Rita de Cássia. Acreditamos que para atingir de forma mais ampla as questões envolvidas na devoção seria interessante diversificar o perfil de nossos entrevistados, sem nos restringirmos, por exemplo, a um grupo geracional específico. Essa “abertura” resultou da experiência da pesquisa de campo, na qual a diversidade e complexidade do corpo de fiéis mostrou-se cada vez mais evidente.

Entretanto uma questão prático-metodológica ainda se fazia essencial: onde e como encontrar esses devotos? Tentamos seguir duas direções. Uma mais direta, no sentido da participação nas atividades realizadas pela instituição religiosa, envolvendo aqueles que freqüentavam e/ou participavam de atividades na Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia. A outra, indireta e próxima da realidade dos fiéis, abrangendo pessoas que se diziam devotas, mas que não necessariamente se relacionavam com a Paróquia, ou que sequer a freqüentava.

---

<sup>7</sup>SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. SOS CORPO. 3ª. ed. Recife, abril de 1996. Mimeografado, p. 1.

<sup>8</sup> Perceba-se com isso o caráter relacional do gênero.

<sup>9</sup> SCOTT, op. cit., p. 14.

Ambas opções demandaram um deslocamento constante para Viçosa, a fim de que pudéssemos manter contato direto com o “nosso campo”. Já tínhamos estabelecido alguns poucos contatos com mulheres devotas e também coletado alguns dados pesquisados em documentos do arquivo da Igreja Matriz, bem como algumas fotos que tínhamos feito durante as festividades de Santa Rita de Cássia no ano de 2003.<sup>10</sup> Mas as fontes substanciais desta pesquisa foram os depoimentos orais dos devotos sobre suas próprias trajetórias.

Na medida em que as fontes orais, no caso as entrevistas dos devotos, se constituíam numa construção documental intermediada<sup>11</sup> por nós pesquisadores, fez-se necessário elaborar perguntas antes de ir ao campo, e, com base na visita a ele, repensar e reestruturar as questões previamente pensadas. Assim, o roteiro elaborado para a pesquisa foi algumas vezes reestruturado.<sup>12</sup>

Com base nas leituras realizadas sobre entrevistas em História Oral, especialmente nos procedimentos metodológicos fornecidos por Verena Alberti no seu livro *Manual de História Oral*, elaboramos duas fichas para cada entrevistado.<sup>13</sup> Uma, que chamamos de “cadastro de entrevistados”, com as informações pessoais dos depoentes, que se encontra reproduzida no anexo de número três. Outra, que chamamos de “cadastro de entrevistas”, utilizada como um “caderno de campo”, no qual anotávamos sistematicamente questões relativas à cada entrevista realizada, desde as razões da escolha daquele depoente, até comentários técnicos da entrevista, que reproduzimos no anexo de número quatro.

Além destas duas fichas, também criamos um documento de “cessão de direitos sobre depoimento oral” para cada depoente e entrevista. Esta carta foi assinada por todos os entrevistados e seu modelo está no anexo de número cinco.

Do *Manual de História Oral* também retiramos sugestões que orientaram o trabalho de transcrição das entrevistas. As palavras destacadas em itálico marcam as ênfases feitas pelos

---

<sup>10</sup> Algumas destas fotos foram reproduzidas e ‘discutidas’ no corpo do segundo capítulo; outras compõem o grupo de ilustrações que apresentamos, a fim de tornar os leitores mais familiarizados com nosso objeto de estudo. Elas foram tiradas pelos pesquisadores Raquel dos Santos Sousa Lima, Leandro Gomide e Marcos Andersen, com os quais discutimos o projeto.

<sup>11</sup> As fontes orais “são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretações”. FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. xiv.

<sup>12</sup> O primeiro roteiro estruturado antes da pesquisa de campo, que chamamos de “roteiro geral para entrevistas”, encontra-se reproduzido no anexo de número um, e nele tentamos abordar questões mais amplas sobre o culto a Santa Rita na cidade. Posteriormente, o roteiro foi complementado com questões mais específicas sobre a vivência de Santa Rita como exemplo de mulher, no “roteiro sobre a vida de Santa Rita de Cássia”, que apresentamos no anexo de número dois.

<sup>13</sup> Para maiores detalhes Cf. ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

entrevistados durante a conversa, evidenciando o destaque que deram a um determinado assunto ou conceito. As reticências, quando aparecem no meio da transcrição, referem-se a pequenas pausas nas falas dos entrevistados. Já as reticências que aparecem entre parênteses indicam recortes efetuados nas falas dos devotos. Os trechos marcados em negrito referem-se às passagens destacadas pelos pesquisadores. A palavra *riso*, quando estiver entre parênteses, no singular, refere-se aos entrevistados; quando aparecer entre parênteses e no plural, refere-se aos entrevistados e aos entrevistadores.<sup>14</sup>

Apesar de Verena Alberti sugerir que a transcrição deva ser feita de acordo com a norma ortográfica, optamos por transcrever as palavras da forma como foram pronunciadas pelos devotos. Entendemos que modificar a fala dos devotos, transcrevendo-as segundo a norma culta, poderia retirar a riqueza de suas narrativas.

Registramos também que para a transcrição de algumas entrevistas contamos com a ajuda do acadêmico de História, Márcio Xavier, com quem dividimos idéias e tecemos discussões sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Entre agosto e setembro de 2005 nos centramos na tarefa de freqüentar a Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia, localizada na praça principal de Viçosa. Já havíamos observado antes mesmo da pesquisa, desde muito tempo, o enorme trânsito de pessoas que visitavam uma grande imagem da Santa que fica na entrada principal da Igreja.<sup>15</sup> São pessoas que passavam por lá, entravam, muitas vezes se dirigiam à Santa, rezavam, “conversavam” com ela, e saíam.<sup>16</sup>

Durante aquele período de visitas à Igreja passamos a freqüentar a sala da Secretaria, localizada ao lado da referida imagem. Por intermédio das conversas com a secretária Eliane Ferrão fomos apresentados a devotos que, de alguma forma, eram relacionados com a vivência religiosa naquela Igreja. São eles: o Sr. A., eletricitista mecânico, casado, oitenta anos de idade, que há trinta e cinco anos é responsável pela confecção do andor de Santa Rita de Cássia; J.R., vinte e um anos, estudante do curso de engenharia, solteiro, membro de um

<sup>14</sup> Cf. ALBERTI, op. cit., pp. 173-186.

<sup>15</sup> Esta imagem está reproduzida na ilustração de número um.

<sup>16</sup> Como moradores da cidade de Viçosa entre os anos de 1998 e 2003, presenciamos essas “visitas” inúmeras vezes, já que a Igreja localiza-se na área comercial da cidade. Particularmente, ainda destacamos que essas cenas nos remetem às lembranças de infância. Há também pessoas que, depois de visitarem a Santa, entram na Igreja para acompanhar alguma missa. Mas é importante observar que, apesar de ser muito comum a freqüência de devotos nas diversas missas diárias que são oferecidas na Matriz, o ato de ir pontualmente às mesmas não significa necessariamente que o fiel vá lá exclusivamente por causa de sua devoção à Santa Rita. Recordamos que nas constantes viagens familiares que fazíamos para Porto Firme, cidade vizinha de Viçosa, entrávamos na cidade de Viçosa especialmente para que pudéssemos “visitar a santinha”. Naquelas ocasiões, entrávamos na Igreja, rezávamos em frente a imagem de Santa Rita, na entrada da Igreja, e depois entrávamos “para rezar”. Somente depois de termos “visitado” e rezado para a Santa, e de termos deixado algum dinheiro como contribuição para ‘Ela’, é que podíamos prosseguir a viagem.

grupo de oração; M.G., pedagoga, cinquenta e oito anos, solteira, catequista; J., vendedora, solteira, trinta e cinco anos, participante do Grupo de Teatro que encena a vida de Santa Rita durante a Festa da Santa; Sr. G., farmacêutico aposentado, setenta e seis anos de idade, freqüentador diário da missa das quinze horas; Sr. J.M., professor aposentado da UFV, casado, oitenta e quatro anos, que participou das obras de construção e restauração da Igreja Matriz; estudioso da História da Universidade Federal de Viçosa.

Alguns dos nomes acima também foram recomendados por Sônia Maria dos Santos, secretária da Casa Paroquial. Sônia nos apresentou e sugeriu os seguintes nomes: J.B., auxiliar de laboratório da UFV, casado, cinquenta e quatro anos, vicentino; M.C., funcionária aposentada da UFV, casada, sessenta e dois anos, Ministra da Eucaristia; S.S., gerente de loja, pedagoga, trinta e oito anos, devota que já se vestiu de Santa Rita e D. Z., proprietária de uma loja de artigos religiosos.

As duas secretárias consultadas, os devotos entrevistados, bem como outras pessoas indicaram ainda o Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho como um grande conhecedor a respeito da devoção à Santa Rita na cidade de Viçosa.

A recorrente indicação do Cônego se deve a várias questões, das quais destacam-se: a produção de sermões sobre a vida de Santa Rita de Cássia na ocasião da Festa da Padroeira, tornando-se sua fala especial como membro da hierarquia eclesiástica local; a posição de morador nascido e criado em Viçosa, com suas memórias acerca da devoção; a condição de devoto de Santa Rita nos apresenta suas concepções pessoais sobre a Santa; como professor do Seminário de Mariana<sup>17</sup>, quando recebe inclusive respaldo científico (de senso comum) da comunidade viçosense. Para os católicos, em particular, como depreendemos dos nossos contatos, a figura do referido Cônego apresenta-se como elemento central nas questões que envolvem a vida de Santa Rita e as relações de devoção da cidade para com ‘Ela’.

Apesar de termos sido recebidos quando procuramos o Cônego, não conseguimos gravar uma entrevista com ele.<sup>18</sup> Em outra ocasião encaminhamos pessoalmente um questionário<sup>19</sup> ao Cônego, contendo perguntas sobre a devoção em Viçosa e sobre as

---

<sup>17</sup>Faremos outras referências a este Cônego nos capítulos seguintes, mas cabe registrar que antes mesmo da pesquisa se iniciar já havíamos feito contato com ele durante a escrita do projeto. Quando da execução da pesquisa, dirigimo-nos algumas vezes à sua casa, onde fomos recebidos e tivemos a oportunidade de consultar várias biografias de Santa Rita de Cássia, gentilmente indicadas e permitidas pelo Senhor José Geraldo.

<sup>18</sup> Quando procuramos este senhor, ele quis saber quais perguntas seriam feitas, para que ele soubesse antes. Falamos que eram questões relacionadas ao culto a Santa Rita, e ele respondeu que o que ele sabia era o que estava nos livros. Mais especificamente ele se referiu à estruturação de uma primitiva ermida sob a invocação da Santa, no século XVIII. Diante disso preferimos retornar em outra ocasião, a fim de tentarmos novamente a gravação da entrevista.

<sup>19</sup> Embora novamente tenha hesitado em ceder o depoimento oral, o Cônego perguntou se poderíamos esperar um pouco, e prontamente se dispôs a responder as questões. Depois disso, se dirigiu a sua Biblioteca, enquanto o

narrativas biográficas de Santa Rita de Cássia, nas quais enfatizávamos certos estereótipos femininos como elementos exemplares para as mulheres. Os dados obtidos nas sucintas respostas e no panegírico (de sua autoria) que ele nos deu foram bastante valiosos. Por intermédio destes documentos apreendemos parte do que o discurso eclesiástico apresenta sobre a vida de Santa Rita de Cássia no âmbito local, bem como tivemos acesso a algumas concepções que este senhor tem como devoto.

Um outro caminho que percorremos na busca aos devotos foi a aproximação ao cotidiano comum que envolve os fiéis, por intermédio de conversas que mantivemos com conhecidos, amigos, moradores da cidade, enfim, com pessoas que tinham um episódio para contar sobre algum devoto, ou sobre alguma mulher que havia se vestido de ‘Santa Rita’ durante a Procissão, ou sobre alguém que havia recebido alguma graça da Santa, entre outros casos.<sup>20</sup> Do conjunto de pessoas indicadas por intermédio desses contatos algumas tinham pouca ligação com a Igreja Católica em geral; outras afirmaram que já participaram de atividades na Igreja, mas que atualmente apenas freqüentam as missas; algumas disseram nem ter contato direto com a Igreja (Paróquia) de Santa Rita de Cássia ou com a devoção à Santa nesta Igreja, mas se identificaram como devotas ou como se intitularam algumas, ‘devotíssimas’.

Entre estes entrevistados estão: F.C., médica, divorciada, trinta e nove anos, com quem tivemos contato pessoal, após termos ganhado dela um santinho<sup>21</sup> de Santa Rita de Cássia; Dona M.A., aposentada do Tribunal da Justiça, casada, setenta e um anos, indicada por ser uma mulher devota, porém “muito dinâmica”; J., professor de português, solteiro, quarenta e seis anos, o qual procuramos por ser um dos idealizadores da colocação de uma nova imagem

---

aguardávamos na sala de recepção, em sua casa. Nesta sala o referido Cônego recebe as pessoas que o procuram durante os horários previstos para atendimento ao público, os quais ficam fixados na porta de sua residência, localizada no centro da cidade. Depois de aproximadamente trinta minutos de espera, o Cônego voltou e nos entregou as respostas digitadas e impressas, junto de um panegírico que ele havia escrito para ler na Praça da Igreja Matriz, durante a procissão da Festa de 1999. Também nos entregou um mapa que ele imprimiu, mostrando a localização de uma igreja de Santa Rita na França. O questionário está reproduzido no anexo de número seis.

<sup>20</sup> Agradecemos particularmente as sugestões fornecidas por Luíza L. Santana e Silva e Diná Guimarães, que nos indicaram os nomes de Dona M.C. (também indicada pela secretária S.S., ambas referidas anteriormente), Dona Z. e Dona M.A., entre outros que por vários motivos não conseguimos contatar.

<sup>21</sup> Esta médica, nossa conhecida naquela ocasião, nos ofereceu o santinho numa conversa casual que mantivemos em um supermercado, quando soube que pesquisariamos sobre o culto a Santa Rita de Cássia. Este santinho está reproduzido na ilustração de número dois. Este tipo de documento é definido pela antropóloga Renata Menezes como “um papel de cerca de 7 x 11 cm, no qual há na frente a reprodução vertical da imagem de um santo (desenhado ou através de foto de estátua), e atrás uma oração tida como ‘sua’, isto é, como especial para conseguir algo dele ou louvá-lo”. Segundo a autora, os usos desse documento são variados, podendo se dar tanto por aqueles fiéis que, depois de receberem uma graça, resolvem distribuí-los, como pelos que fazem uma “espécie de agradecimento antecipado”, isto é, mandam fazer os santinhos antes mesmo de receberem a graça. MENEZES, Renata de Castro. *A Dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004, p. 135.

na avenida Santa Rita, que já tinha uma imagem da Santa; Dona E., doméstica, viúva, setenta e dois anos, a qual conhecemos por intermédio de seu filho J.<sup>22</sup>; G., mestranda em Engenharia Florestal, solteira, vinte e quatro anos, a qual já conhecíamos, escolhida por se dizer devota da Santa.

Há ainda um último grupo de devotos com os quais realizamos contato, e que foram indicados tanto pelas secretárias da Igreja, quanto por conhecidos do nosso círculo de convivência, e até mesmo por alguns dos entrevistados (todas estas pessoas, apesar de terem aceitado conceder a entrevista, acabaram faltando ou cancelando o encontro).

Considerando a riqueza da possibilidade de análise que as trajetórias oferecem, destacamos aos leitores alguns destes casos – já que interpretamos o fato daquelas pessoas não terem efetivamente aceitado gravar a entrevista como algo bastante significativo. Isto porque, para criar uma narrativa de si, as pessoas envolvem fatos de suas trajetórias individuais, rememoram eventos do passado, enfim, tocam em questões muito particulares.<sup>23</sup>

Vejamos o caso de Dona Maurícia,<sup>24</sup> uma senhora aposentada que frequenta a Igreja todos os dias. Perguntada se era devota de Santa Rita, ela respondeu que era “devotíssima”, mas inicialmente não se dispôs a participar da pesquisa, ora alegando que não sabia nada de sua vida, ora que ficava emocionada ao falar da Santa. Ainda assim, nesta primeira conversa informal, Dona Maurícia falou que Santa Rita era poderosa, e que ela “sofreu muito com seu marido violento”. Alguns dias depois de ter nos visto conversar com outras pessoas na Igreja, ela nos procurou, disse que aceitava o convite, desde que a entrevistássemos junto de sua amiga, pois “assim ficava mais fácil falar de Santa Rita”.

---

<sup>22</sup> Conhecemos esta senhora quando, em maio de 2006, acompanhados pelo pesquisador Márcio Correa, que nos ajudou na transcrição de algumas fitas, fomos à casa do devoto J., a fim de buscarmos um documento. Naquela ocasião fomos apresentados à sua mãe e aos seus irmãos, que estavam na sala, assistindo televisão. Depois de conversarmos e de percebermos que a devoção estendia-se para a família como um todo, perguntamos a Dona E. e a sua filha Vilma (a qual tinha comentado que colocou o nome da filha de “Helem de Cássia”) se elas gostariam de prestar um depoimento da sua devoção, e as mesmas aceitaram. Naquele mesmo dia entrevistamos Dona E.; no entanto, como a entrevista com Vilma ocorreu duas semanas depois, por questões de tempo (para a transcrição inclusive) não conseguimos incorporá-la nas análises desta dissertação.

<sup>23</sup> Sobre esta questão são interessantes os trabalhos: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996; THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Paz e Terra, 1992. Há também o trabalho de Michael Pollak. Este autor adverte que devemos pensar em que medida as pessoas estariam convencidas da utilidade de falar sobre seu histórico de devota, já que não é natural falar de sua vida a outra pessoa, a não ser que se esteja “numa situação social de justificação ou de construção de si próprio”. POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, 1992.

<sup>24</sup> Dona Maurícia e Dona Célia Martha são pseudônimos que criamos para os reais nomes destas senhoras. Esta opção justifica-se pelo fato de que, se elas não quiseram gravar suas entrevistas, não seria sensato publicar seus respectivos nomes. Assim, preferimos mantê-las no anonimato, mas narrar a situação que as envolvia, uma vez que é bastante significativa no que se refere aos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa.

Marcamos a entrevista com ela e sua amiga, Dona Célia Martha, que também se disse muito devota. Ambas nos ligaram no dia agendado para a entrevista e cancelaram o encontro. Dona Célia Martha alegou que estava muito compromissada, sugeriu que procurássemos outra pessoa, mas disse que se não encontrássemos, poderíamos ligar para ela em outra ocasião. Retornamos a ligação um mês depois, mas ela ainda continuava “ocupada”. Dona Maurícia, logo após o telefonema de sua amiga, também nos ligou cancelando o encontro, porque se encontrava “adoentada”.

Ainda que os motivos do cancelamento dessa entrevista “dupla” não tenham sido esclarecidos, é significativo pensar que elas evitaram se envolver com algo que as “emocionariam”, quando fossem falar de Santa Rita que, segundo elas, “era tão sofrida”.<sup>25</sup>

Outro caso que também nos chamou a atenção foi o de Dona Isabela, uma senhora de setenta e dois anos de idade<sup>26</sup>. Tendo aceitado conceder a entrevista, esta senhora, quando do início da sua realização, ao ser perguntada se poderíamos iniciar a gravação, respondeu: “vamos ver né, se é isso que você pediu. Vamos treinar primeiro”. Depois disso, ela abriu um pedaço de papel e passou a ler o pequeno texto que ela própria disse ter feito para me contar a história de Santa Rita.

Dona Isabela afirmou nunca ter lido um livro de Santa Rita, e que a história que conhecida da Santa lhe fora passada quando ainda era criança, por sua mãe, também devota. Nesse caso, diferentemente daquele de Dona Maurícia, o que teria levado à recusa da gravação nos parece algo mais relacionado à confiança da própria entrevistada em sua “memória”, do que a qualquer outro motivo. Tanto é que a entrevista foi concedida, e a conversa bastante rica; *porém não gravada*, pois de acordo com a devota “não era preciso”.

Na narrativa tecida por Dona Isabela, percebemos que muita coisa também era comum aos depoimentos de outros devotos, sobretudo as questões que se referem ao poder de Santa Rita de Cássia como Padroeira de Viçosa. Entretanto dois momentos de sua fala nos chamaram a atenção. Um é relativo à figura de Santa Rita como “uma boa mãe e melhor madrastra ainda”, já que acolhia muito bem “quem vinha de fora”. O outro é quando ela afirmou, com base em todos os anos nos quais tinha acompanhado a Festa da Santa, que antigamente esta era “mais piedosa e menos pomposa”, e que hoje ela era “mais pomposa, só que o povo com menos fé”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Estes dados estão anotadas em nosso “caderno de campo”.

<sup>26</sup> Dona Isabela também é um pseudônimo que criamos para a referida senhora.

<sup>27</sup> Relembramos ao leitor que durante a entrevista anotávamos alguns dados, sobretudo aqueles que mais nos chamavam a atenção, como nos casos das frases colocadas entre aspas. Todas as anotações foram registradas no nosso “cadastro de entrevistas”, tomado como um caderno de campo.

Depois de termos apresentado os passos iniciais da pesquisa e indicado ao leitor o grupo de mulheres e homens que entrevistamos, passamos agora à sucinta descrição de como construímos os capítulos desta dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado *Histórias possíveis da “Santa do Impossível*, focalizamos o contexto em que Santa Rita de Cássia viveu, entre os anos de 1381 e 1457. Tentamos pensá-lo com base nas análises e discussões tecidas sobre a santidade feminina no período medieval, quando Santa Rita viveu. Depois analisamos o contexto da canonização de Santa Rita de Cássia, tentando estabelecer relações entre as transformações históricas ocorridas no século XIX e as medidas tomadas pela Igreja Católica diante daquelas mudanças que teriam abalado o poder desta instituição.

Foi em grande parte recorrendo às mulheres que a Igreja teria encontrado possibilidades para assegurar sua legitimidade naquele turbulento contexto. Assim, o Marianismo tornou-se referência para entendermos o que se escrevia sobre as mulheres no século XIX, no final do qual Santa Rita foi canonizada.

No segundo capítulo analisamos as *Representações e práticas da devoção em Viçosa*. Investigamos as diversas formas pelas quais ‘Santa Rita de Cássia’ é apropriada na fala de diferentes devotos e nos trabalhos historiográficos que encontramos sobre a cidade. Pelo fato das entrevistas terem revelado que Santa Rita é representada por muitos devotos como elemento que confere ‘identidade à comunidade viçosense, a qual estaria enraizada numa certa tradição’, optamos por trabalhar estas questões no item de abertura do capítulo.

Frente a essas questões nos dedicamos à análise de algumas formas específicas de devoção feminina, isto é, práticas referentes à intensa e visível participação das mulheres na devoção a Santa Rita de Cássia, em Viçosa. Subsequentemente, buscamos desvendar como a devoção é transmitida no seio da família e até que ponto as mulheres exercem poderes com base na idéia de que elas são o suporte moral e religioso por excelência, capaz de regenerar suas famílias e a sociedade.

No terceiro capítulo trabalhamos *A vida de Santa Rita: das representações às práticas*, no qual enfatizamos como os devotos e as devotas se apropriam e reproduzem as histórias que lhes foram contadas sobre a Santa Rita. Tentamos perceber em que medida as experiências das pessoas daquela ‘comunidade’ influenciam suas narrativas sobre Santa Rita e vice-versa.

Por último, analisamos como as narrativas religiosas divulgadas sobre Santa Rita de Cássia influenciam na prática cotidiana de alguns devotos, especialmente em relação às crenças e práticas referentes à vida conjugal, deles próprios, de seus conhecidos, e da própria Santa Rita. Com isso, tentamos compreender em que medida os discursos que pregam Santa

Rita como esposa exemplar, a qual “tolerou um marido bruto e violento”, se constituem em elemento de contestação ou de aceitação e, talvez, de suporte espiritual para a vida conjugal de homens e mulheres devotos na cidade de Viçosa.

Relacionando, dessa maneira, a tradição religiosa institucional católica com certas dinâmicas contemporâneas da religiosidade da devoção à Santa Rita nos territórios da cidade de Viçosa, almejamos compreender de modo mais relativizado e consistente, afinal, quem foi e quem acredita-se que foi Santa Rita de Cássia. Convidamos o leitor a adentrar nas histórias possíveis desta Santa, reconhecida não só no interior do catolicismo mineiro, mas em grande parte do mundo católico ocidental como a “Santa das causas impossíveis”.

## 1. HISTÓRIAS POSSÍVEIS DA “SANTA DO IMPOSSÍVEL”.

### 1.1. A “Vita” de Santa Rita de Cássia e os relatos biográficos.

(...) A vida de santo é a ‘cristalização literária das percepções de uma consciência coletiva’ (Jacques Fontaine). Do ponto de vista histórico e sociológico é preciso retrair as etapas, analisar o funcionamento e particularizar a situação cultural desta literatura. Mas o documento hagiográfico se caracteriza também por uma organização textual na qual se desdobram as possibilidades implicadas pelo título outrora dado a este tipo de relato. *Acta*, ou mais tarde, *Acta Sanctorum*. Deste segundo ponto de vista, a combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que **se refere não essencialmente ‘àquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘àquilo que é exemplar’**. As *res gestae* não constituem senão um léxico. Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’.<sup>28</sup> (grifo nosso)

É difícil precisar historicamente a trajetória humana da mulher Margherita Lotti, ou Santa Rita de Cássia, a “Santa das causas impossíveis”. Isto porque entre a data de sua morte (1457) e a publicação do primeiro relato hagiográfico escrito sobre ela (1610) se passaram cento e cinquenta e três anos. Além disso, há que se considerar que tanto o objetivo do texto hagiográfico quanto suas características não atestam a necessidade de precisões cronológicas acerca do aspecto humano da Santa. A hagiografia, “campo de conhecimento que lida com a obra e o estudo da vida dos santos”<sup>29</sup>, se refere ao que é exemplar. Por isso a vida e a morte do santo são descritas em sua relação com as atribuições da santidade: o caráter taumaturgo, os milagres (tanto em vida quanto após a morte), o ascetismo, a retidão, etc. De acordo com Michel de Certeau, a hagiografia é um gênero literário no qual os ‘fatos’ são, antes de tudo,

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 267.

<sup>29</sup> ATTWATER, Donald. *Dicionário de Santos*. Lisboa, Mem-Martins: Europa América, 1983, p. 25.

significantes a serviço de uma verdade que constrói a sua organização ‘edificando’ sua manifestação.<sup>30</sup>

A primeira “vida” sobre a história de Santa Rita, intitulada *Vita della beata Rita de Cascia dell’Ordine di Sant’Agostino* é de autoria do padre agostiniano Agostino Cavalucci.<sup>31</sup> Foi escrita a partir de relatos da tradição oral a pedido das monjas do Mosteiro Agostiniano de Cássia, para compor o processo de beatificação. Também fez parte, posteriormente, dos autos do processo de canonização e serviu de referência para a composição da narrativa que foi publicada sobre a então beata Rita de Cássia nas *Acta Sanctorum*<sup>32</sup>, coletânea das vidas de santos organizadas pelos jesuítas Bolland e Henskens no século XVII. O método de pesquisa destes padres pautou-se em exames de manuscritos e na classificação das fontes históricas, na tentativa de encontrarem fatos ou atos que pudessem comprovar a “verdade histórica” sobre os relatos das vidas dos santos, o que inovou o fazer hagiográfico.<sup>33</sup> Tal mudança no estilo de escrita teria ocorrido em função dos questionamentos levantados pelo movimento da Reforma que, a partir do século XVI, passou a condenar os abusos verificados nos cultos aos santos. Diante disso, a Igreja Católica teria não apenas implementado critérios normativos para a autorização dos cultos, no papado de Urbano VIII (1623-1644), como também teria se preocupado em tornar a escrita hagiográfica mais crítica, e os bollandistas teriam sido impulsionadores deste novo método de produção da vida dos santos.

Daquela primeira “vida” de Rita e da narrativa encontrada nas *Acta Sanctorum* derivam a maioria das histórias de Santa Rita, que por sua vez são reproduzidas num amplo conjunto de documentos: biografias, escritos eclesiásticos (pontifícios, arqui-diocesanos, paroquiais) e de cunho popular (santinhos e novenas), entre outros. Os jornalistas Franco

<sup>30</sup> CERTEAU, op. cit., pp. 266-267.

<sup>31</sup> Infelizmente não tivemos acesso a esta primeira biografia, que se encontra junto ao processo de canonização, em Roma. Até mantivemos correspondência eletrônica com alguns membros da Ordem Agostiniana no Brasil, nos Estados Unidos e na Espanha, mas não obtivemos nenhum contato que nos informasse ou nos ajudasse a ter acesso a esta documentação. Também consultamos a biblioteca dos agostinianos em São Paulo e Belo Horizonte, nada encontrando sobre a obra. Entretanto, os dados levantados numa ampla pesquisa bibliográfica nos permitem afirmar que grande parte das narrativas escritas sobre Santa Rita de Cássia foi baseada na referida Vita, e pode ser conferido nos seguintes trabalhos: ALBERT, Jean-Pierre. *Le sang et le ciel: les saintes mystiques dans le monde chrétien*. Paris: Aubier, 1997, p. 242-244; “La bienheureuse Rite de Cascia, veuve, religieuse de l’ordre de saint-augustin”. In: GUÉRIN, Paul. *Les petits Bollandistes : vies des saints / d’après les Bollandistes, le père Giry, Surius, Bar-le-Duc: typographie des célestins; Paris: Bloud et Barral, 1876, 7è edition, T. 6, Du 19 mai au 13 juin*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k30736h/f113.table>>. Acesso em fevereiro de 2006; CUOMO, Franco. *Rita de Cássia – a Santa dos casos impossíveis*. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 18; ARIAS, JUAN. *Rita, a Santa do impossível*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 29

<sup>32</sup> Cf. GUÉRIN, op. cit.

<sup>33</sup> Cf. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Edições Paulinas e Loyola, 2004, p. 499; e VAUCHEZ, André. “Santidade”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, p. 298; CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.268.

Cuomo e Juan Arias, autores de biografias publicadas recentemente sobre Santa Rita de Cássia, questionam a veracidade das informações contidas nas narrativas que se popularizaram sobre a Santa. Os dois alegam que elas estão repletas de elementos legendários e sem fundamento histórico, e se dispõem a rever a hagiografia, que eles chamam de “tradicional”.<sup>34</sup>

Juan Arias, por exemplo, comenta que

existe de Rita meio milhão de biografias, a maior parte só apologética e de caráter abertamente devocional, sem nenhum aparato crítico. Quase todas se baseiam em uma das primeiras, surgida no distante século XVII, quando ainda não se tinha investigações históricas sérias sobre sua vida e sobre o mundo em que havia vivido.<sup>35</sup>

Enquanto o interesse de Juan Arias é “corrigir” a história de Santa Rita, para fugir dos “caminhos da apologética e do mito”,<sup>36</sup> o nosso é exatamente trabalhar com estas narrativas “devocionais”, que apresentam versões semelhantes sobre a Santa. As histórias que passamos a apresentar sobre Santa Rita de Cássia foram retiradas de obras indicadas pelo Cônego J.G.de Carvalho. As biografias que consultamos fazem parte do acervo particular que ele utiliza para preparar os sermões de Santa Rita de Cássia, na cidade de Viçosa.<sup>37</sup>

Oriunda de uma família de lavradores, Santa Rita, cujo nome de batismo era Margherita Lotti, era natural de Roccaporena, pequena aldeia da região de Cássia, na Úmbria. Lugar de uma intensa espiritualidade durante a Idade Média, expressa pelo grande número de mosteiros e congregações religiosas, a Úmbria era a terra natal de vários outros santos, como São Francisco de Assis (1182-1226) e Santa Clara (1194-1253). Foi naquele ambiente marcado pela forte religiosidade católica e pela importante influência espiritual do Mosteiro Agostiniano de Cássia<sup>38</sup> que Rita nasceu, em 22 de maio de 1381 e viveu, até sua morte, em 22 de maio de 1457.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> Cf. CUOMO, op. cit., p.10 e ARIAS, op. cit., pp. 7-10.

<sup>35</sup> ARIAS, op. cit., pp.10.

<sup>36</sup> Idem. Sobre estas questões pode-se conferir a resenha que fizemos desta obra de Juan Arias. Nela discutimos, sobretudo, as proposições que o autor faz sobre a conduta de Santa Rita como “mulher exemplar”. Cf. LIMA, Raquel dos Santos S. “Rita de Cássia: gênero e história na ‘Santa do Impossível’”. In: *Estudos Feministas*, v. 13. n.2 / 2005, pp. 449-451.

<sup>37</sup> Conferir nas respostas do Cônego ao nosso questionário.

<sup>38</sup> Franco Cuomo afirma que na Úmbria havia mais de quarenta conventos agostinianos, três dos quais em Cássia - dois femininos e um masculino. Segundo este autor, o célebre Mosteiro que “dominava a cidade, exercia enorme influência sobre quem quisesse fazer-se erudito, ler e estudar, não só por questão de fé”. CUOMO, op. cit., pp. 56-60.

<sup>39</sup> Apesar de alguns autores discutirem a precisão destas datas, são elas que aparecem no processo de canonização de Santa Rita. Cf. CUOMO, op. cit., pp. 20-21.

A história de Rita desde o início foi permeada por “sinais maravilhosos”, a começar pela sua gestação, narrada como uma graça obtida por intermédio de muita oração de seus pais, então idosos:

Antônio e Amata Mancini, os pais da nossa Santa, ambos já de avançada idade, em fervorosas orações a Deus se dirigiram, pedindo-lhes desse uma prole, no que maravilhosamente foram atendidos. À menina, por êles considerada um dom de Deus, deram no batismo o nome de Rita, obedecendo assim **a sinais sobrenaturais que precederam ao nascimento da mesma.**<sup>40</sup> (grifo nosso)

A atribuição de santidade à Rita precede, por intermédio de *sinais sobrenaturais*, o seu próprio nascimento. Michel de Certeau afirma que esta característica, chamada por ele de “ethos inicial”, é comum ao estilo de escrita hagiográfico, e faz com que a santidade seja dada “na origem, com uma vocação, ou uma eleição”<sup>41</sup>.

Na vida de Rita isto corresponderia à sua concepção, já que a gravidez de sua mãe era considerada improvável:

(...) sendo Amata já de tantos annos, que se affirma chegar aos setenta, tempo em que se considerava esteril confirmada, conheceu em si prendas de fecunda, e admirada da novidade, lhe foi annunciado por um anjo, que daria à luz uma filha, a qual serviria ao Ceo de alegria e à terra de refugio; o que se cumpriu **nascendo a bem-aventurada menina.**<sup>42</sup> (grifo nosso)

Com sua anunciação feita por um anjo, a história de Rita passaria a ser “a epifania progressiva deste dado, como se ela fosse também a história das relações entre o princípio gerador do texto e suas manifestações de superfície”.<sup>43</sup> Assim, candidata à bem-aventurança desde sua concepção, tão logo a menina nasceu, já teria começado a operar milagres.<sup>44</sup>

<sup>40</sup>LEHMANN, Padre J. B. *Na luz Perpétua. Leituras da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentados ao povo cristão*. Juiz de Fora: Editora Lar Católico, 1.vol. 5 ed., 1959, p. 481.

<sup>41</sup>CERTEAU, op. cit., p. 273.

<sup>42</sup>VIEIRA, Pe. J. e ROSARIO, Pe. D. *Flos Sanctorum ou Historia das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas festas*. V. 5. Festas e santos do mez de maio. Lisboa: Typografia Universal, 1870, p.342.

<sup>43</sup>CERTEAU, op. cit., p. 273.

<sup>44</sup>Igor Salomão Teixeira comenta que nas hagiografias o poder taumaturgo, isto é, de operar milagres de cura, também se constitui num aspecto de imitação a Cristo. Neste tipo de texto, a taumaturgia do santo é tipicamente inserida como um *exemplum* - narrativa breve que mistura dados reais com maravilhosos, para ser inserido numa historieta breve, tipo um sermão, e que é dado como verdadeiro. Cf. TEIXEIRA, Igor S. “Literatura, tempo e verdade: a hagiografia nos campos da história”. Trabalho de conclusão da disciplina Teoria e Metodologia da História I, ministrada pela Profa. Sandra Jatáhy Pesavento, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2005.

Conta-se que, ainda bebê, “enquanto seus pais trabalhavam na lavoura, surgiu um enxame de abelhas<sup>45</sup> que envolveu a criança. Elas não picaram-na. Algumas entravam na sua boquinha, deixando nela mel adocicado”.<sup>46</sup> Enquanto isso, um camponês que tinha cortado profundamente a mão com uma foice, passou pela menina, pois deixava apressadamente o campo para pedir ajuda, já que perdia muito sangue. Tendo visto as abelhas zumbindo no rosto da menina, o lavrador teria espantado-as com um gesto de mão. Mas estas, em vez de atacarem, “voejavam com graça, como se dançassem, e ele, ao recolher o braço, constatou com imensa surpresa que o corte tinha cicatrizado completamente”.<sup>47</sup> Esta cura é narrada como o primeiro milagre operado por Santa Rita.

Quando menina<sup>48</sup>, sua vontade teria sido entrar para o Convento das Agostinianas de Cássia e dedicar sua vida às orações e à piedade, como mostra a seguinte fonte:

ainda não entrava bem no uso da razão quando já se via toda inclinada à virtude e ao amor de Deus, com grande desejo de ser toda sua, apartando-se dos divertimentos pueris, com que a tenra idade costuma interter-se, e empregando todo o tempo que podia em fervorosa oração e exercício de piedade, buscando para isso o retiro em que mais desembaraçada de distrações se pudesse unir intimamente com o divino Esposo.<sup>49</sup>

O desejo da menina Rita correspondia a uma certa representação medieval do feminino, segundo a qual o caminho para a perfeição feminina se daria pela manutenção da sua castidade. Havia uma idealização muito forte em torno da virgindade, e a vivência numa instituição religiosa voltada para as mulheres muitas vezes era vista como um caminho para se preservar este ideal. Leila Algranti afirma que a vida claustral, apesar de ter sido oficialmente decretada por Bonifácio XVIII, em 1298, estava estabelecida desde o século XI. Esta longa tradição estaria vinculada à crença de que o enclausuramento de meninas era garantia para a manutenção de sua pureza sexual.<sup>50</sup>

---

<sup>45</sup> Franco Cuomo afirma que “no quinto dia depois do nascimento, enquanto Rita repousava no berço, foram vistas algumas abelhas brancas saindo-lhe da boca muitas vezes e outras tantas vezes voltando”. Estas abelhas brancas iriam acompanhá-la pelo resto da vida, inclusive durante os anos em que viveu no Convento Agostiniano de Cássia, e também teriam circundado seu corpo logo após sua morte. CUOMO, op. cit., p. 35.

<sup>46</sup> Arquidiocese de Mariana, *Santa Rita de Cássia, patrona das causas impossíveis*. Roteiro para reflexão em família. Paróquia de Santa Rita de Cássia, Viçosa, Minas Gerais. p. 2.

<sup>47</sup> CUOMO, op. cit., p. 39.

<sup>48</sup> Franco Cuomo afirma que Rita teria freqüentado as missas no Convento das Agostinianas de Cássia, onde supostamente teria ouvido muitos sermões de cunho agostiniano, nos anos de sua infância. Idem, p. 78.

<sup>49</sup> VIEIRA, e ROSARIO, op. cit., p. 342-343.

<sup>50</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Edunb, 1993, p.39. No entanto, em seu estudo Algranti revela que os conventos e as casas de recolhimento na América Portuguesa eram espaços de projeção dos valores sociais que interagiam com sociedade, e não “instituições totalmente ‘fechadas’ e distantes do social”. Nestes espaços teria ocorrido um duplo movimento, de encerramento e interação, ou seja,

A entrada de mulheres em conventos foi um fenômeno que ganhou força nos últimos séculos da Idade Média, sobretudo a partir do XIII, quando também se assistiu ao surgimento de uma espiritualidade feminina inédita que marcaria de forma intensa os séculos seguintes. André Vauchez aponta que muitas vezes a entrada da mulher no convento se dava não necessariamente por vocação religiosa, mas às vezes era “o único meio de conservar o domínio do seu corpo e afirmar sua liberdade em relação ao grupo familiar”.<sup>51</sup> Este autor aponta ainda que esta nova forma de vivência espiritual das mulheres era bastante diferente da vida religiosa masculina, e que seu surgimento teria se dado sem que fosse abertamente questionado o estatuto da mulher na Igreja medieval, que continuou tendo um caráter misógino. Apesar disto, os movimentos de religiosas teve uma certa autonomia, que inclusive chegou a ser exercida fora dos muros do convento, por mulheres “semi-religiosas”, como as beguinas. Pelo fato de estas aspirarem a se consagrar diretamente a Deus, sem se retirarem da vida mundana, sua forma de vida, comum desde 1200, passou a ser alvo da Igreja no século XIV, quando a instituição se viu preocupada diante da autonomia e liberdade deste grupo de mulheres, cujo relacionamento não era mediado pelo clero.<sup>52</sup>

Apesar de Rita ter demonstrado a vontade de seguir a vida religiosa, algo comum no contexto em que viveu, ela teve de esperar muitos anos para realizar seu sonho, já que “seu pai e sua mãe decidiram que ela deveria casar-se”.<sup>53</sup> Abdicando do seu desejo de ser freira, a menina “submeteu-se com grande pesar, crendo que, obedecendo-lhes, estava fazendo a vontade de Deus”.<sup>54</sup>

Abdicação, obediência aos pais e a Deus<sup>55</sup>. Essas eram atitudes socialmente esperadas das mulheres, personagens medievais marcadas pelo silêncio e pela submissão ao poder masculino e às palavras dos homens. Homens que pensavam, afirma o medievalista Jacques Dalarun, através dos modelos fornecidos pela Escritura, sobretudo os baseados no relato da

no qual se encontravam tanto mulheres que para ali se dirigiam acreditando poder encontrar certa autonomia por intermédio da vida conventual, como outras que para ali eram enviadas, por renegarem os ideais propostos pela sociedade e pela religião. p. 324. Sobre este assunto vale a pena conferir também os trabalhos de ROSADO-NUNES, Maria José. “Freiras no Brasil”. In: *História das mulheres no Brasil*. DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord.). 6.e. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 482-509.

<sup>51</sup> VAUCHEZ, A. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1995, p. 154.

<sup>52</sup> Idem, p. 154;155; 159.

<sup>53</sup> BUTLER, A. *A vida dos santos de Butler*: vol. 3. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 207

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Conforme sugeriu Igor Teixeira, a obediência, o sofrimento e a abdicação também devem ser pensadas com base na estrutura exemplar da Vida de Cristo; nesse sentido, além de Rita ter sido concebida de forma similar a Jesus, como este, ela também foi obediente. Cf. TEIXEIRA, Igor. *Literatura...*

Criação, no livro do Gênesis.<sup>56</sup> Fossem pais, irmãos, maridos, ou homens da Igreja, eles as observavam a partir de um filtro masculino.<sup>57</sup> Entretanto, a postura misógina medieval teria passado por uma transformação em direção a um certo reconhecimento do virtuosismo das mulheres. Tal mudança teria sido embasada pelo impulso ao culto de Maria a partir do século XII<sup>58</sup> e desde então as mulheres passaram a ser revalorizadas, sobretudo em função do papel que poderiam exercer dentro da família.

Isto ajuda a pensar sobre os relatos da vida familiar de Santa Rita. Sem contestar, Rita obedeceu aos pais, casando-se por volta dos doze anos de idade com Paulo Ferdinando Mancini. A maioria das biografias não comenta sobre as origens sociais, nem sobre a profissão do rapaz, que teria aproximadamente vinte anos de idade. O que as descrições enfatizam é o mau caráter e a personalidade ruim de Paulo, em contraposição à suposta doçura da jovem Rita.

Vejamos esta descrição:

Rita contrahiu matrimonio muito jovem. Sua alma era pura como o lírio que se abre ao nascer do sol. Seus paes que tanto a amavam certamente terão tratado de lhe escolher um jovem digno! É o que se esta inclinado a pensar. Succedeu, porem, justamente o contrario. Não se sabe a que fatal engano, nossa donzella se uniu a um moço rude, impetuoso, colerico. Foi a união de uma flôr delicada com um cardo de agudos espinhos.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> “E disse o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele. (Gn 2, 18). (...) Mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu. E tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse a Adão: essa é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn, 2, 20-24). DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990, p. p. 53. Sobre esta questão citamos ainda o interessante trabalho da historiadora Pauline Schmitt-Pantel. Ela afirma que ao colocar o ser feminino gerado do masculino este trecho apresenta a mulher secundariamente, já que foi criada depois do homem. Mais ainda, ela foi criada *do* homem e *para* o homem. Esta é a interpretação clássica da Criação, na qual a mulher aparece com uma dupla dependência em relação ao homem: uma material, já que foi feita a partir dele; e uma existencial, já que foi criada para ser a sua companheira. Cf. SCHMITT-PANTEL, Pauline. A criação da mulher: um ardil para a história das mulheres? In: MATOS, Maria Isilda S. e SOIHET, Rachel. (orgs.) *O corpo feminino em debate*. SP: Ed. Unesp, 2003, p. 136.

<sup>57</sup> De acordo com a também medievalista Christiane Klapisch-Zuber, esse filtro era “pesado, visto que transmite às mulheres modelos ideais e regras de comportamento que elas não estão em condições de contestar.” KLAPISCH-ZUBER, Christiane. “Introdução”. in DUBY, G. e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Porto: Ed. Afrontamento, 1990, v. 2, p. 16.

<sup>58</sup> Cf. DALARUN, op. cit., p. 40.

<sup>59</sup> BOSA, A. *Santa Rita de Cássia*. Tradução de Augusto Zucco. São Paulo: Edição da Pia Sociedade de São Paulo, 1936, p. 8.

É sugestivo pensar, como sugere Franco Cuomo, em que medida os pais de Rita, já idosos, teriam consentido que ela se casasse com um homem tão ruim<sup>60</sup>, quando eles deveriam se preocupar em assegurar um bom futuro para a filha. Afinal, como demonstra a seguinte passagem, Paulo Ferdinando

era **desenfreado nas paixões**, altivo nos pensamentos, **arrogante nas palavras**, no **gênio áspero, feroz na ira, precipitado nos impulsos** e, em conclusão, **homem sem temor de Deus**.<sup>61</sup> (grifo nosso)

As características que faziam de Paulo um mau marido nos interessam diretamente, já que na maioria das biografias a escolha infeliz dos pais de Rita é justificada como desígnio de Deus:

Talvez a Divina Providencia assim dispuzera para fazer de Rita um modelo de fortaleza conjugal, de heroísmo christão. A pobre moça havia de passar realmente pelo fogo das tribulações, para mostrar a tantas outras como se deve proceder para não succumbir. E a hora da dura provação não se fez esperar.<sup>62</sup>

A aceitação do gênio ruim do marido era uma representação comum à época em que Rita viveu, não se constituindo, portanto, em exclusividade do seu casamento com Paulo Ferdinando. Como afirma Silvana Vecchio, entre os séculos XIII e XV o marido era a figura central do universo da mulher casada. No rol dos deveres conjugais, dele esperava-se o cumprimento de três obrigações:

sustento, instrução, correção. Estreitamente ligadas umas às outras, estas três prerrogativas fundamentam-se na ‘natural’ inferioridade da mulher em relação ao marido, ao mesmo tempo em que a reforçam.<sup>63</sup>

À mulher, considerada inferior por natureza, cabia ser submissa ao marido; dela era obrigação primeira amá-lo, acima de tudo; mesmo que este amor só exigisse dela uma “muda, reverente, e total obediência”. Segundo Silvana Vecchio, o marido “não só é o destinatário e o fruidor específico de toda uma série de atitudes e comportamentos da mulher, como acaba por ser o eixo em torno do qual gira o sistema de valores que aos cônjuges é proposto”.<sup>64</sup>

<sup>60</sup> CUOMO, op. cit., p. 76.

<sup>61</sup> VIEIRA, e ROSARIO, op. cit., p.343.

<sup>62</sup> BOSA, op. cit., p. 8.

<sup>63</sup> VECCHIO, Silvana. “A boa esposa”. In: DUBY, e PERROT, op. cit., p. 59.

<sup>64</sup> Idem, p. 149; 151.

Os relatos biográficos de Santa Rita atribuem a ela o papel da esposa obediente e calada. Na sua vida conjugal ela teria suportado enormes ultrajes do marido, conforme observamos no trecho abaixo:

por mais ásperos e injustificados que fossem os maus tratos do esposo, à nossa jovem nem sequer passava pela mente a idéia de reagir. Em vez de queixar-se, resmungar ou desabafar-se com as vizinhas, manifestando assim as scenas passadas em família, Rita, desde o soprar da primeira tormenta correu para junto do Crucificado e ahi ajoelhada, orou, chorou, desabafou seu coração, pedindo so a Elle conselho, fortaleza para vencer o mal com o bem, o vício com a virtude, o furor com a doçura. Quanto mais elle gritava, mais ella emudecia, e, ao levantar elle seu braço contra a pobre vítima, esta atirava-se de joelhos, pedindo humildemente perdão.<sup>65</sup>

A subordinação de Rita à brutalidade e aos maus tratos do marido correspondia a uma representação que o pensamento católico teceu sobre as mulheres. A historiadora Carla Casagrande informa que se antes da queda a mulher aceitava e vivia a subordinação como algo inerente à sua natureza, depois de cometer o pecado original, esta se transformaria numa submissão servil que a mulher teria que suportar com angústia e sofrimento, como expiação do seu pecado.<sup>66</sup>

Nesta lógica teria se inserido a máxima “ficarás sob o poder do teu marido e ele te dominará”, presente no livro do Gênesis (3, 16-). Esta questão perduraria no cristianismo e é encontrada nos relatos da vida conjugal de Santa Rita. Conforme observamos,

o marido de Rita tinha inimigos, por causa de seu caráter violento; tinha sido ofendido e procurava vingar-se, quando não podia alcançar seu objetivo, desabava em casa a tempestade e sua pobre esposa, tímida e inocente, devia suportar as conseqüências. Havia então cenas violentas e brutais. Excitado pelo vinho e pela cólera, Paulo se deixava levar por raivas loucas, quebrando tudo o que lhe caía nas mãos ou lhe oferecia resistência, apostrofando ou blasfemando ignominiosamente, fazendo assim estremecer de horror e desespero a pobre Rita. Um dia mesmo, só a intervenção inesperada e providencial de seus pais a salvou.<sup>67</sup>

Esta passagem, retirada da biografia escrita pelo Monsenhor Luis de Marchi, é sucedida por um desenho bastante interessante, intitulado “a esposa mártir”.<sup>68</sup> Nele a ‘mulher’

<sup>65</sup>BOSA, op. cit., p. 9.

<sup>66</sup>Segundo Carla Casagrande, “a maldição divina que acompanha Eva na sua descida do Paraíso terrestre para a terra, regressa pontualmente na vida de cada mulher, condenando-a a suportar irrevogavelmente a dominação do homem”. CASAGRANDE, Carla. *A mulher sob custódia*. In: DUBY, e PERROT, op. cit., p. 124.

<sup>67</sup>MARCHI, Monsenhor Luis de. *Santa Rita de Cássia*. A Santa dos Casos Impossíveis e Desesperados. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1955, p. 32.

<sup>68</sup>Esta figura encontra-se reproduzida na Ilustração de número três.

Rita aparece no chão, como se tivesse sido empurrada pelo marido que, de pé e de punhos cerrados, transparece nervosismo. A cena, típica de “violência doméstica”, sugere que Rita tinha acabado de “apanhar” do marido, fato corroborado por um banquinho caído ao lado do mesmo. Ela, que naquela época ainda não era Santa, aparece representada com uma auréola e, com o semblante totalmente entregue, sofrido, e só parece conseguir olhar para cima, dando a entender que olhava para o Cristo Crucificado.

Em sua relação com o marido Rita teria se espelhado, segundo grande parte das biografias narram, na vida de Santa Mônica, mãe de Agostinho, santo do qual Rita era devota.<sup>69</sup> Luis de Marchi atrela este dado ao fato de que Rita, desde criança, teria escutado o panegírico daquela Santa nas celebrações da sua festa, no Mosteiro Agostiniano de Cássia:

como Mônica, terá rezado pela conversão de seu marido; terá suportado em silêncio suas exaltações e injúrias; terá feito tudo o que dela dependia para tornar atraente sua casa, a fim de que seu marido tivesse tudo o que podia desejar<sup>70</sup>

É interessante observar como o sofrimento e a obediência a um marido violento foram características comuns e inquestionavelmente aceitas pelas duas Santas. No entanto, parece que este tipo de conduta não se restringia a elas pois, conforme argumenta Cláudia Opitz, o casamento ideal era visto como uma comunhão na qual, segundo os ensinamentos morais da Igreja, só o homem governava, e a mulher obedecia incondicionalmente. Isso explicaria o fato de freqüentemente se encontrarem, nas biografias religiosas de mulheres do final da Idade Média, expressões que mencionavam esta posição subalterna da esposa<sup>71</sup>.

Nesse sentido, a seguinte passagem da vida de Rita é bastante elucidativa: “sempre que cresciam seus tormentos e aflições, cada vez mais aumentava nela o santo zelo em servir sempre com mais atenções àquella que lhe era causa de tantos sofrimentos”.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup>Santa Mônica (332-387 d.C) nasceu e viveu na África do Norte. Mulher cristã, casou-se com um pagão chamado Patrício, que teria um temperamento bastante difícil. Com ele teve três filhos, entre os quais Agostinho, um jovem rebelde. Ela, porém, “com ajuda de sua firmeza de caráter e de suas orações, conseguiu ir mudando Patrício, que, um ano antes de morrer, rendeu-se ao cristianismo”. Além do marido, Mônica teria convertido seu filho Agostinho à religião católica. Cf. GUIMARÃES, A. e PRÔA, A. L. *O livro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, dia 27 de agosto (esta data refere-se à localização deste relato no livro, que não é organizado por páginas, mas pelos dias dos santos).

<sup>70</sup> MARCHI, op. cit., p. 32.

<sup>71</sup> Cf. OPITZ, Cláudia. “O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”. In: DUBY, e PERROT, op. cit., p. 366. Sobre esta questão, também é interessante acrescentar os comentários de Silvana Vecchio: “tem-se a impressão de que, apesar da insistência no tema do auxílio e do amor recíproco dos cônjuges, se abriu uma fratura na utopia da concórdia conjugal que o século XIII tinha exaltado”. Cf. VECCHIO, op. cit., p. 176.

<sup>72</sup> BOSA, op. cit., p. 9-10.

Rita enfrentou os infortúnios por intermédio de sua fé em Deus e de muita oração. Como resposta às suas preces, ela conseguiu modificar seu marido, melhorando a relação conjugal:

Diz o refrão: água molle em pedra dura, tanto bate ate que fura. O coração do esposo de Rita era duro, porém, sob a acção das lágrimas da Santa, chegou por fim a se enternecer e se transformar.<sup>73</sup>

Apesar do sofrimento, com a paciência Rita conseguiu transformar o comportamento do marido, abrandando seu temperamento violento. Aquele “homem sem temor a Deus, com quem esteve dezoito annos casada”<sup>74</sup>, teria não apenas se retratado perante Rita, mas principalmente diante de Deus. Conta-se que

Rita se aproveitou dessa circunstancia para conduzir a Deus a alma de seu marido. Agora êle a escutava cheio de admiração; as palavras de Rita, brotando de um coração iluminado pela fé e inflamado pelo mais puro amor de Deus, impressionavam profundamente o coração do extrativo, lembrando-lhe as verdades que aprendera em criança e que havia esquecido, colocando-lhe diante dos olhos a imagem de Jesus crucificado que, após ter amado tanto os homens e tê-los cumulados de benefícios, tinha sido tão mal compreendido e morrera perdoando aos seus algozes.<sup>75</sup>

A conversão, ao ter feito de Paulo Ferdinando um homem temente a Deus, implicou também na transformação de seu comportamento como esposo de Rita. Nesse sentido, é importante salientar que as narrativas difundem a idéia de que por intermédio da religião a esposa submissa poderia inverter a situação. Afinal, acreditava-se que o espaço religioso era o espaço da autonomia feminina.<sup>76</sup>

Corroborando com esta opinião, Carla Casagrande afirma que a religião era o sítio privilegiado para a ação da mulher e que a oração era o instrumento de sua intercessão junto a Deus. Por isso as orações deveriam “encher a boca e os corações das mulheres”. Esta autora apontou que teria aparecido uma norma bastante precisa sobre a quantidade, a periodicidade e o tipo de orações que as mulheres deveriam fazer.<sup>77</sup>

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> VIEIRA, e ROSARIO, op. cit., p. 343.

<sup>75</sup> MARCHI, op. cit., p. 35.

<sup>76</sup> VECCHIO, op. cit., p. 181.

<sup>77</sup> Segundo a autora, essas orações deveriam ser “recitadas em voz alta ou repetidas com submissão, as palavras das orações invadem o espaço de silêncio libertado para *taciturnitas* e seguem as mulheres para toda a parte, nas igrejas, nas casas e nos conventos, contribuindo a todo o momento, no decurso de uma cerimônia religiosa, durante os trabalhos domésticos, nos momentos de pausa e de ócio, para guardar as suas virtudes”. CASAGRANDE, op. cit., p. 137.

Além de se afastar das tentações do mundo, ao escolher a disciplina de sossego e de recolhimento a mulher mostrava que sabia custodiar-se a si mesma e à sua virtude numa relação privilegiada com Deus.<sup>78</sup> Este contato com o divino concederia a ela a força e a esperança que eram necessárias no relacionamento cotidiano com seus maridos e filhos.

De forma bem pontual, esta questão aparece nos relatos sobre os dois filhos de Santa Rita. As biografias muito pouco comentam sobre a relação da Santa com os gêmeos João Tiago e Paulo Maria. É curiosa a forma pela qual as características do pai são transferidas para os dois meninos nos relatos biográficos:

os pequenos haviam herdado a índole dura e provocante do pae e, ainda crianças, já o imitavam perfeitamente. Tal revelação causou-lhe indizível tristeza. (...) Com a paciência, a doçura, a mansidão e mais ainda com a oração havia vencido o esposo; com este systema havia de vencer também as más inclinações dos filhos. Esta era a esperança de Rita. (sic)<sup>79</sup>

De Rita talvez se esperasse que ela conseguisse amansar e transformar João e Paulo, já que naquele momento histórico se acreditava “que o campo da religião e da moral se destinava especialmente à mulher”.<sup>80</sup> A tarefa pedagógica de Rita seria importante, sobretudo porque os filhos, logo após o assassinato do pai, teriam jurado vingar sua morte violenta.

Rita teria perdoado os assassinos de Paulo Ferdinando e também tentara convencer os filhos a desistirem de vingar a morte do pai:

a pobre mãe, ao lhes conhecer o intento, usou de todos os meios para dissuadil-os. Pediu, suplicou, chorou, mas tudo em vão. (...) Quando Rita previu que qualquer esperança humana seria inutil, dirigiu-se a Deus, pedindo-lhe num gesto generoso, heróico, que, depois de reconciliados com Elle, os tirasse dessa vida. (sic)<sup>81</sup>

Deus teria ouvido e atendido às preces de Rita, pois logo em seguida seus dois filhos teriam adoecido e morrido repentinamente.

Essa atitude também não seria exclusividade de Rita. Cláudia Opitz, analisado o cotidiano da mulher no final da Idade Média, percebeu que várias mulheres, por motivos diferentes, preferiram abdicar de viver com seus filhos. Essa renúncia poderia se dar apenas

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> BOSA, op. cit., p. 11.

<sup>80</sup> Outra vez aparecera na história de Rita um episódio semelhante ao vivido por Santa Mônica, que conseguira converter Agostinho, seu filho rebelde. Cf. VECCHIO, op. cit., p. 178.

<sup>81</sup> BOSA, op. cit., p. 13.

na manifestação do desejo de ver os filhos mortos, ou até mesmo na prática efetiva do aborto, da contracepção, ou do infanticídio.<sup>82</sup>

Nem todas as mulheres foram mães dedicadas e afetuosas. Inclusive aquelas que depois se tornaram Santas. Segundo Cláudia Opitz, algumas biografias de mulheres que surgiram nos últimos séculos do período medieval traduziam um caráter “antimaternal”. Como exemplo, ela cita a visionária e mística Ângela de Foligno que “agradece a Deus, no princípio das suas narrativas de visões, por Ihe ter levado, através de uma doença, a sua mãe, marido e filhos”.<sup>83</sup>

Também Isabel da Turíngia e Margarida de Cortona teriam desprezado a vida com os filhos. No caso dessas mulheres que depois se santificaram, a renúncia aos filhos aparecia nas hagiografias não como uma atitude ‘antimaternal’, mas como algo edificante, visto que confirmavam a força da devoção, da abnegação e da capacidade de sofrimento das futuras Santas.<sup>84</sup> Afinal, todas elas teriam abdicado dos filhos para, livres, poderem se entregar a Deus, como prescrevia o exercício da vocação religiosa.

Esse foi o caso de Rita. Vendo-se sozinha após a morte dos pais, do marido e dos filhos, ela teria tentado realizar o antigo sonho de ser freira. Tendo batido no Convento de Santa Maria Madalena, mais conhecido como o Convento das Agostinianas de Cássia, Rita teria sido recusada três vezes pelas irmãs, pois sua posição de viúva, ou não virgem, não lhe permitia ingressar na vida religiosa.

Ela, no entanto, em vez de desistir, teria orado com mais fervor ainda a Deus:

estando uma noite em oração com este pensamento, ouviu que à sua porta a chamavam pelo seu nome, como quem a despertava, e dali há pouco tornou a ouvir: Rita, Rita, insta com as deprecações; que Deus te ouvirá, concedendo-te o que pretendes<sup>85</sup>.

O pedido de Rita, que naquela época teria por volta de trinta anos de idade, fora ouvido. Chamada por São João Batista, ela teria sido conduzida para dentro do convento por intermédio dele e de seus outros dois santos de devoção, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino. Pelo fato dela ter adentrado naquele recinto sem que as portas tivessem sido abertas pelas irmãs, sua entrada foi considerada milagrosa, e as religiosas se viram forçadas a aceitar aquela situação.

---

<sup>82</sup> OPITZ, op. cit., p. 383.

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> VIEIRA, e ROSARIO, op. cit., p. 344.

É significativo relacionar este evento com o contexto histórico no qual Rita viveu. De acordo com Jacques Dalarun, os séculos finais da Idade Média teriam presenciado uma proliferação de conventos sob a invocação de Maria Madalena, muitos dos quais destinados a acolher prostitutas ou simplesmente mulheres arrependidas, que tinham conhecido os pecados da carne.<sup>86</sup>

Este historiador afirma que naquele contexto o ocidente teria assistido a uma produção enorme de Santas, muitas delas viúvas. Segundo Dalarun, “só para as Santas da Itália, a quota de mulheres que conheceram a carne atinge o seu ponto mais alto nos séculos XIII e XIV: um terço de mulheres casadas ou viúvas para dois terços de virgens promovidas aos altares”.<sup>87</sup>

A aceitação de viúvas nos conventos, sobretudo naqueles destinados às mulheres que já tinham conhecido a carne, parecia um fator importante para a preservação da ordem social naquela época.

Carla Casagrande afirma que a mulher mais exposta aos perigos da liberdade era a viúva, uma vez que não estava mais sujeita nem ao poder dos pais, nem ao do marido, já falecido. Por isso, a elas eram atribuídas obrigações

e práticas religiosas que alternavam jejuns e orações com atos de caridade para com o próximo. Onde falta a custódia dos pais e dos maridos desenvolve-se com toda a sua força a custódia dos directores espirituais e do próprio Cristo, que reclama para si o corpo e a alma de uma mulher agora liberta da submissão do homem.<sup>88</sup>

Quando se tornou monja da ordem agostiniana Rita teria tomado para si as recomendações socialmente destinadas às mulheres viúvas: orou, jejuou e fez caridade. Também tivera uma vida repleta de imposições, determinadas pelas irmãs superiores, as quais Rita sempre teria aceitado, com resignação:

foi tão pontual na obediência, que mandando-lhe a prelada que regasse um tronco secco que estava na horta, Rita, sem repugnancia, nem attenção ao pouco fructo do seu trabalho, mas sim ao impulso do preceito, um anno inteiro se occupou neste infructuoso exercicio.<sup>89</sup>

Outras dificuldades também teriam sido enfrentadas por Santa Rita, as quais foram narradas como provações: teria dormido numa cela muito desconfortável, escolhida por ela mesma; teria vestido quase sempre o mesmo hábito, feito de pano grosso; teria sofrido com as

---

<sup>86</sup> DALARUN, op. cit., p. 53.

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> CASAGRANDE, op. cit., p. 125.

<sup>89</sup> BOSA, op. cit., p. 13.

mortificações que ela mesma se aplicava, quase que diariamente; e ainda teria comido muito parcamente, sendo alimentada sobretudo pela comunhão diária.

Entretanto, as fontes indicam que todas estas provações não bastavam para “saciar seu espírito de mortificação e seu ardente amor a Deus”.<sup>90</sup> Conta-se que depois de ouvir um sermão sobre as dores de Cristo, Rita teria se inspirado e, voltando para sua cela, agachou-se de frente para uma pintura do Cristo Crucificado que havia na parede, onde orou.

Assim Rita teria se dirigido a Jesus:

Amado Jesus fazei-me participante de alguma parte das dores de vossa paixão: não pretendo tanta impressão como fizeste a meu querido padre santo Agostinho no coração, nem ao seraphico Francisco nas chagas, nem a minha mãe Santa Mônica na cruz, que lhe imprimisse no coração, porque de tudo me considero indigna: pela vossa misericórdia vos peço por caridade ao menos um só dos setenta e dois espinhos que atravessaram a vossa sacrosanta cabeça; não me negueis, amoroso Jesus, esta graça, porque não me apartarei d'aqui consolada sem tão desejada prenda.<sup>91</sup>

A chaga tão almejada por Rita teria sido concedida quando, num momento de êxtase, um espinho teria se desprendido da coroa de Cristo e fixado-se na fronte da monja. Grande parte dos santinhos de Rita de Cássia representa essa cena. Chiara Frugoni afirma que uma série de atualizações iconográficas se transmite nas descrições das visões dos santos. Para a autora, “a figura e a sua descrição é, por isso, uma linguagem, um veículo lingüístico comum entre a ‘biografia’ de uma mística (ou seja, o modelo de vida proposto redige a Vida) e o público que está destinada”.<sup>92</sup> Este estigma teria causado em Rita uma ferida que nunca mais cicatrizaria por completo, acompanhando-a pelo resto de sua vida. Apenas em uma ocasião específica a ferida teria desaparecido. Conta-se que Rita quis participar de uma viagem a Roma, para visitar o Papa Nicolau V, num ano de Jubileu, mas que ela fora proibida pelas irmãs, já que a ferida era purulenta e de mau cheiro. Tendo rogado muito a Jesus, Rita teria recebido como graça o desaparecimento da ferida por uns dias, milagre que a permitiu ir a Roma. Tão logo ela voltara para Cássia, a ferida teria se aberto novamente.

A trajetória de Rita no convento, com todas as suas mortificações, flagelos e jejuns, correspondia a um tipo de mística feminina que teria se desenvolvido na Europa desde o século XIII. Este tipo de espiritualidade estaria baseado na crença de que a mulher seria capaz de entender melhor os diferentes aspectos do mistério da redenção, por isso seria mais fácil se identificar fisicamente com a vítima do calvário. Nessa idéia estaria fundada a relação de

<sup>90</sup>Idem.

<sup>91</sup> VIEIRA, e ROSARIO, op. cit., p. 350.

<sup>92</sup>FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: DUBY, e PERROT, op. cit., p.490.

estigmatização, elemento comum nas histórias de várias Santas daquele século. Os estigmas possibilitavam-lhes aproximarem de Cristo e, por intermédio dos constantes flagelos, elas participavam e renovavam o drama da Paixão.<sup>93</sup>

É importante salientar, como sugere André Vauchez, que se a espiritualidade masculina fora marcada essencialmente pelo desprendimento dos homens em relação ao poder e às riquezas materiais, a feminina expressara-se sobretudo pela linguagem do corpo. Citando Caroline Bynum, para quem a alimentação era o único âmbito controlado inteiramente pelas mulheres, Vauchez afirma que “os jejuns penitenciais, a distribuição de alimentos aos pobres e uma devoção acentuada ao corpo e ao sangue de Cristo se tornaram os traços dominantes da religiosidade feminina”.<sup>94</sup> No que se referia à alimentação escassa, baseada principalmente na eucaristia e nos flagelos corporais, acreditava-se que estes permitiram uma “união mística” entre as mulheres e Deus. Por intermédio da mutilação, elas uniam o seu corpo sofrido ao do Cristo sofredor.

Tal prática é explicada por André Vauchez da seguinte maneira:

aos esposos terrestres que lhes teriam sido impostos e que apenas gozariam de seus corpos, muitas mulheres daquele tempo preferiram o Esposo celeste, ao qual elas podiam unir-se pela prática da comunhão freqüente – então desaconselhadas aos leigos pelos clérigos – e pelo sofrimento compartilhado. Para elas, Deus não era apenas um mistério que se perscruta e se contempla. Ele se tornava uma pessoa amada, com a qual cada cristão podia se identificar ‘compadecendo-se’ – no sentido forte do termo – de sua Paixão redentora.<sup>95</sup>

Aos relatos dos flagelos e êxtases que Rita teria experimentado no convento, durante os longos anos em que nele viveu, unem-se outros casos, de caráter maravilhoso. Entre estes se destacam dois, narrados como milagres que teriam sido operados por Rita: o episódio do florescimento das rosas e da videira.

Conta-se que Rita, já doente, teria pedido a uma prima que lhe visitou no convento para que fosse na sua antiga casa em Roccaporena, apanhasse uma rosa de seu jardim e trouxesse para ela. A prima, apesar de não acreditar que fosse encontrar a rosa, já que era época de um “rigoroso inverno”, resolvera atender ao pedido de Rita. Chegando ao jardim, encontrara uma linda rosa, que levou para Rita.

Pelo fato de sua roseira ter florescido no inverno, contrariando o ciclo natural segundo o qual as flores não desabrocham nesta estação do ano, o caso foi considerado milagroso, e

<sup>93</sup> VAUCHEZ, *A espiritualidade...* p. 154.

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Idem.

até hoje as rosas são bastante significativas entre os atributos da Santa. Também o ramo seco que Rita aguara no Mosteiro com tanta obediência, a mando das irmãs, teria inexplicavelmente florescido, dando muitas uvas.

Estes relatos, atrelados às histórias dos êxtases, dos flagelos e do estigma sofrido por Rita teriam se espalhado para além dos muros do convento, ajudando na composição da sua fama milagreira. Por causa desta fama, quando ainda era viva Rita teria sido procurada por uma senhora camponesa que, desesperada com um acidente que teria paralisado sua filha, recorreu àquela monja, que a ouviu. Depois de Santa Rita ter dirigido palavras de fé àquela mãe, a menina teria voltado a andar.

Apesar dos relatos afirmarem que esses casos teriam sido operados por Santa Rita ainda em vida, a maioria dos registros de curas obtidas por sua intercessão datam de anos posteriores à sua morte, em 1457. Deste ano em diante, segundo Franco Cuomo, um grande contínuo número de depoimentos surgiram, atribuindo-lhe o poder de cura.

Entre os casos de milagres surgidos nos dias imediatamente posteriores à sua morte, conta-se que havia

surdos-mudos que se põem a rezar (em voz alta), um cego que recobrava a visão, um jovem liberto de ‘uma pedra na bexiga’, uma hidrópica curada de seu horrendo inchaço, mas também doentes afligidos por sofrimentos menos graves, como a surdez de um só ouvido, a ancilose de um dedo, uma dor ciática. Curam-se ao se ajoelharem ao lado do corpo de Rita, e todas as vezes que ocorre o milagre expande-se em volta um ‘odor suave que estimula a devoção’.<sup>96</sup>

A crença popular de que Rita tivesse intercedido naqueles episódios com certeza foram fundamentais para a sua consolidação como Santa, pois, como afirmou Renata Menezes, é a partir dos milagres que a

reputação de santidade tende a se construir e difundir. As narrativas dos milagres de um santo permitem perceber os poderes que a ele são socialmente atribuídos e as áreas da vida humana onde sua atenção se concentra.<sup>97</sup>

A reputação milagreira de Rita também pode ter sido fortalecida pelo fato dos milagres terem sido operados em torno do seu corpo incorrupto. Afinal, como demonstra o

---

<sup>96</sup> Cuomo informa que estes casos estão relacionados numa lista chamada Codex miraculorum, a qual teria duas cópias: uma nos autos do processo canônico de 1626, e outro no arquivo da ordem agostiniana em Rom. CUOMO, op. cit., p. 338.

<sup>97</sup> MENEZES, op. cit., pp. 154-155.

reconhecido trabalho de Peter Brown<sup>98</sup>, desde o início do cristianismo o culto dos santos esteve relacionado ao contato do fiel com os restos mortais do mártir.

Se as relíquias dos santos sempre exerceram um papel fundamental para o fortalecimento da devoção, no caso de Rita esta questão poderia ter sido mais emblemática, pois a incorruptibilidade do corpo, por si só, poderia se configurar como elemento suficiente para conferir santidade à ex-monja.<sup>99</sup>

Tão rápida teria sido a propagação do culto à Rita, que os poderes municipais de Cássia teriam reconhecido, institucionalmente, um dia para a realização da festa em homenagem à beata, em 1545.<sup>100</sup>

Partindo da Itália, sua fama teria se difundido para outros países europeus no contexto da transição para a Idade Moderna, sobretudo para Portugal e Espanha. Na região da península ibérica, segundo o padre Jose Cabezas, o culto teria sido bastante acentuado e, segundo afirma, foi na cidade espanhola Cádiz que

habían comenzado ua a honrarla sus devotos com el dictado de Abogada de imposibles, donde parece tuvo origen este titulo, que luego se extendió, por aclamación universal, al mundo entero.<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup> O autor atrela a formação do culto aos santos nos primórdios do cristianismo ao contato com os restos mortais do corpo martirizado. Nesse sentido, ele mostra a representação que existia em torno do túmulo, considerado lugar privilegiado de mediação, já que assegurava para o fiel uma dupla presença do santo, na terra e no céu. O culto aos santos teria permitido uma união entre “a cidade dos vivos e a dos mortos” no altar da Igreja, a partir do momento em que ela aceitou e difundiu a questão das relíquias. BROWN, Peter. *The cult of the saints*. Chicago: The Chicago University Press. 1982. Além de Brown, sobre este assunto destacam-se ainda as análises de Michel de Certeau, que discorre sobre uma geografia específica do sagrado; Sofia Gajano, para quem “os lugares são os instrumentos de santidade na medida em que testam a excepcionalidade do santo”; e Patrick Geary, que faz uma interessante análise da humilhação corporal dos santos e suas relações com as relíquias, mostrando os motivos das constantes falsificações ou invenções daquelas no período medieval, GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: SCHMITT, Jean-Claude; LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução de Hilário Franco Júnior. Bauru (SP): EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002, p. 450; GEARY, Patrick. "L'humiliation des saints". *Annales ESC*, vol. 34, n.1, 1979, pp. 27-42; CERTEAU, Michel de. Op. cit. p. 267-278. O culto aos restos mortais até hoje é comum, além de freqüentemente associado aos “santos populares”, ou seja, pessoas não canonizadas, mas que são objeto de devoção, como mostra a pesquisa de Simone de Oliveira, na qual esta historiadora analisa a “devoção de cemitério” a três “Santas” mineiras - Lola, Palmira e Nhá Xica, entre os séculos XIX e XXI. Cf. OLIVEIRA, Simone G. de. Paradigmas populares da ‘santidade’: estudos de casos mineiros. In: *Sagrado Urbano. VI Congresso da Associação Brasileira de Historiadores da Religião*, 2005, Belo Horizonte. *Anais ...* Belo Horizonte: PUC, 2005. CD-ROOM.

<sup>99</sup> Seus restos mortais estão numa urna de prata e cristal, onde foram colocados, em 1947, e por onde se podem ver o rosto, os pés e as mãos da Santa, todos mumificados, além do esqueleto, coberto com o hábito da ex-monja. Outros detalhes sobre a “incorruptibilidade” do corpo de Rita, além de dados referentes à sua conservação podem ser conferidos em CUOMO, op. cit., p. 358-361.

<sup>100</sup> Segundo Franco Cuomo desde 1545 os Statuti, uma documentação municipal que corresponderia hoje a um tipo de alvará, permitia a festa em homenagem à Rita e, em 1557, ano do centenário de sua morte, teria sido estabelecido que cada localidade contribuísse com 25 escudos para serem oferecidos à abadessa do mosteiro agostiniano. Ainda tentando reforçar os argumentos que corroboram para a tese do imediato reconhecimento popular de Rita como Santa, o autor cita a existência de um quadro, pintado em 1564, no qual ela já teria sido representada com uma auréola na cabeça. CUOMO, op. cit., pp. 125; 348-350.

Por intermédio do processo colonizador, sobretudo no continente americano, o culto seria estendido para os vastos domínios coloniais daqueles países católicos.<sup>102</sup> Apesar desta fama e de toda a devoção popular que se formou em torno de “Santa Rita”, ela só foi beatificada em 1628, e canonizada mais tarde ainda, em 1900.

---

<sup>101</sup> Apud RIESCO, op. cit., p. 378.

<sup>102</sup> Vale observar que Espanha e Portugal eram, junto da Itália, mantinham-se como os países mais católicos do continente europeu, naquele contexto de lutas religiosas da Reforma. Além disso, continuavam essencialmente agrários, enquanto muitos outros países, no bojo e em concomitância com os movimentos religiosos, tendiam a adotar novas formas de produção.

## 1.2. “OH! QUE IMITEM A SANTA RITA AS MULHERES DE NOSSOS TEMPOS”.

Alegrai-vos, hoje, filhos de Santo Agostinho. Já vedes realizada a canonização mais solene dos tempos modernos. Imitai vossa irmã: propagai sua devoção, levai-a ao seio de todas as famílias". Oh!, Que imitem a Santa Rita as mulheres de nossos tempos.<sup>103</sup>

Com as palavras acima, o Papa Leão XIII teria se dirigido ao Reitor Geral da Ordem Agostiniana, após ter anunciado solenemente a consagração de Rita, ex-monja do Mosteiro Agostiniano de Cássia, em maio de 1900. Se considerarmos que ela teria sido objeto de devoção pública logo após sua morte, torna-se instigante pensar nos motivos pelos quais ela fora canonizada somente quatrocentos e quarenta e três anos depois.<sup>104</sup>

Na história de Rita, que viveu entre os séculos XIV e XV, localizamos traços que correspondem ao perfil de santidade feminina despontado no século XIII. Pode-se afirmar, considerando a trajetória biográfica, que muitas de suas características se assemelhavam àquelas de outras Santas medievais.

No entanto, Rita só foi oficialmente reconhecida como uma Santa na passagem do século XIX para o XX. Embora não seja possível afirmar por que motivos o tempo verificado entre sua morte (1457), beatificação (1628) e canonização (1900) tenha sido tão longo, alguns autores nos ajudam a pensar em prováveis argumentos que a Igreja Católica teria para não reconhecê-la imediatamente como Santa.

É consenso, entre vários autores, que na Idade Média o povo de Deus assistiria a uma ampla produção de santos, sem que nenhuma outra época se aproximasse daquela. No que se refere às mulheres santificadas, Jacques Dalarun afirma que, mais especificamente, entre os anos de 1250 e 1300, a percentagem delas teria aumentado em até um quarto, para “culminar perto dos trinta por cento na primeira metade do século XV”.<sup>105</sup> Ou seja, teria havido uma considerável inserção de mulheres no rol das pessoas aceitas pela Igreja como portadoras da santidade.

Mas a originalidade e a autonomia vivenciadas nos movimentos religiosos femininos teriam coexistido com uma tentativa institucional de controle dos mesmos, por parte de clérigos e de membros de ordens masculinas. Entre os séculos XIV e XV, afirma Sofia

<sup>103</sup> Discurso proferido por Leão XIII em 24 de maio de 1900. Cf. RIESCO, op. cit., p. 376. Disponível também em: <[http://www.microservicenot.com.br/Srita/História\\_Det.htm](http://www.microservicenot.com.br/Srita/História_Det.htm)>. Acesso em 05 jul. 2003.

<sup>104</sup> Encontramos poucas referências desta questão na literatura pesquisada.

<sup>105</sup> DALARUN, op. cit., p. 58.

Gajano, “passa-se da desconfiança à tutela permanente para chegar à discriminação sistemática entre manifestações presumidas divinas e manifestações presumidas diabólicas”.<sup>106</sup> Diante de uma realidade religiosa muito ampla e diversa, a Igreja teria renunciado à canonização como forma generalizada de sanção dos cultos, aceitando de fato a distância entre formas de reconhecimento espontâneo local, e formas de reconhecimento oficial central. Estes fatores ajudam a explicar porque, a partir do século XV, teria havido um maior controle da Igreja para com a vocação milagreira feminina.

Do final do século XV até a primeira metade do século XVI, em função dos questionamentos levantados pelos reformadores<sup>107</sup>, a Igreja, mesmo tendo ratificado a legitimidade do culto aos santos no Concílio de Trento (1545-1563), parece ter reconhecido a necessidade de lutar contra os “eventuais abusos” cometidos pela instituição.

No contexto da Contra-Reforma teria havido o fortalecimento de uma antiga idéia que associava a mulher ao demônio.<sup>108</sup> A historiadora Célia Borges comenta que mulheres que popularmente eram consideradas “milagreiras”, por intermédio do Santo Ofício, passariam a ser associadas às hereges e denunciadas como falsas profetizas, justificando o decréscimo observado na canonização de pessoas deste sexo.<sup>109</sup>

A desconfiança dos inquisidores para com as formas de espiritualidade mística teria se acentuado no decorrer dos séculos XVII e XVIII, e muitas mulheres teriam pagado uma pena alta pela busca da santificação. Conforme afirma a historiadora Laura de Mello e Souza, para tais inquiridores os delírios das místicas eram totalmente alheios ao universo característico da santidade: “falsas Santas não poderiam ser confundidas com verdadeiras, mas delas apartadas por meio da força e do método”.<sup>110</sup>

Estas questões nos ajudam a pensar nos motivos pelos quais o reconhecimento oficial de Rita como uma mulher santa demorou tanto, já que o período após sua morte coincide com

<sup>106</sup> GAJANO, op. cit., p. 459.

<sup>107</sup> O culto aos santos foi alvo de aguçadas críticas dos reformadores pois, segundo eles, apenas Cristo era fonte de santificação. Cf. VAUCHEZ, “Santidade”..., p. 298.

<sup>108</sup> Sobre esta questão é interessante citar que, apesar de Jean Delumeau afirmar que tal associação é fruto da Contra-Reforma, alguns trabalhos demonstram que o pensamento misógino que expressava a relação da mulher com o diabo é anterior ao século XIV, e pode ser visto mesmo na antiguidade. Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 320; PANTEL, Pauline. S. op. cit..

<sup>109</sup> Segundo esta autora, no contexto da Inquisição “revigorou-se o interesse pela espiritualidade mística, não só entre religiosos mas igualmente entre leigos. Um número considerável de mulheres se destacou neste processo por se terem aventurado pelos caminhos da religiosidade mais intimista. A crença na possibilidade de ascender a uma esfera divina compôs assim o imaginário da época”. BORGES, Célia A. R. Maia. “O ideal de santidade entre mulheres na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII”. In: *Sagrado Urbano. VI Congresso da Associação Brasileira de Historiadores da Religião*, 2005, Belo Horizonte. Anais ... Belo Horizonte: PUC, 2005. CD-ROM.

<sup>110</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.124.

a época na qual a Igreja teria se esforçado para controlar as práticas devocionais, evitando a criação de novos santos<sup>111</sup>.

Durante o papado de Urbano VIII (1623-1644) a Igreja instituiu um decreto proibindo a canonização daquelas pessoas que tivessem sido objeto de veneração pública antes da beatificação. Para isto determinou que mesmo depois do reconhecimento oficial da pessoa como beata o culto público só poderia ser realizado localmente, ou seja, na diocese à qual aquele bem-aventurado tivesse pertencido.

Foi aquele mesmo pontífice que em 1627 concedeu a primeira autorização para que Rita pudesse ser venerada publicamente, ainda que tal permissão fosse circunscrita à diocese de Spoleto e à ordem agostiniana. Em fevereiro de 1628 um novo documento de Urbano VIII estendeu a permissão para outras dioceses, fixando a data de 22 de maio para a festa da Bem-Aventurada.<sup>112</sup>

Entre a beatificação e a abertura do processo de canonização decorreria quase cem anos. Somente em 1738 a ordem agostiniana teria entrado com o pedido, que logo seria arquivado, em função de algumas polêmicas geradas durante as investigações. Tais polêmicas, segundo Franco Cuomo, se referem ao depoimento de algumas testemunhas ouvidas na época das investigações para a beatificação.<sup>113</sup>

O centro da contenda seria a contestação que alguns depoentes fizeram da versão apresentada na primeira biografia da Santa, escrita em 1610, que narrava a vida conjugal de Rita como conturbada e violenta. Diante do receio de que pudesse haver uma “subversão do modelo feminino original” de Rita, os próprios agostinianos teriam pedido o arquivamento da causa.<sup>114</sup>

Franco Cuomo também alega o fato de que, se o contexto do século XVIII não teria sido propício para os santos em geral, “imagine-se então para aqueles cuja fama, como a de Rita, se baseava em um encadeamento prodigioso de visões, estigmas e espantosas curas”.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> Gajano informa que a Igreja teria tomado uma “atitude fortemente crítica diante de cultos considerados supersticiosos ou de relatos julgados mais prejudiciais do que favoráveis à causa dos santos”. GAJANO, op. cit., p. 462. Cf. também LACOSTE, op. cit., p. 499 e VAUCHEZ, “*Santidade*”..., p. 298.

<sup>112</sup> CUOMO, op. cit., p. 374-375. A data em que se comemora Santa Rita, bem como outros santos, é aquela da morte terrena. Acreditava-se que o dia da morte terrena marcava o nascimento do Santo junto a Deus.

<sup>113</sup> CUOMO, op. cit., pp. 379-381.

<sup>114</sup> Idem, p. 383. Infelizmente não conseguimos nenhum tipo de informação sobre esta questão nem na consulta que realizamos em livros do Centro Agostiniano de Estudos, em São Paulo, nem por intermédio do contato eletrônico que estabelecemos com institutos agostinianos do Brasil e do exterior.

<sup>115</sup> CUOMO, op. cit., p. 379.

Considerando que aquele foi um período no qual houve uma grande difusão das idéias racionalistas e iluministas, a afirmação feita pelo referido autor se mostra bastante plausível, pois não deveria mesmo ter havido, em uma época marcada pela filosofia do possível, lugar para a “Santa do Impossível”.<sup>116</sup>

O processo da canonização só foi retomado em 1887, com a reabertura das investigações pelo cardeal Aloísio Masella, “um dos assessores mais chegados ao papa” Leão XIII.<sup>117</sup> Depois de uma extensa investigação, a Congregação dos Ritos aprovou a documentação recolhida.

Franco Cuomo conta que

tratava-se de três curas, que um colegiado de luminares examinou em 1899, reconhecendo-lhes a inexplicabilidade científica: concisamente, um velho de quase oitenta anos (Cosma Pellegrini, de Conversano, Bari) que se recupera de uma doença fatal depois de ter sonhado com Rita; uma menina de sete anos (Elisabetta Bergamini, de Terni) que readquire inesperadamente a visão; uma freira, paralítica há quatro anos (Chiara Isabella Garofalo, de Cássia), que volta a andar depois de ter sido chamada por uma voz.<sup>118</sup>

A maior parte das biografias afirmam que o título popular de Rita como “Advogada das Causas Impossíveis” foi confirmado canonicamente porque ela realizou curas que foram consideradas inimagináveis de acordo com os parâmetros científicos do século XIX. Entretanto, Jean-Pierre Albert adverte que Santa Rita não era a única personagem celeste reconhecida como patrona das causas desesperadas e alega que esta “patronagem” não se constituía em uma “especialidade” da Santa. Além disso, argumenta que atribuir a ela o título de “Santa dos impossíveis” com base nos milagres realizados por sua intervenção é algo problemático, uma vez que todos os santos fazem milagres.<sup>119</sup>

Diante destes questionamentos o autor propõe que a especificidade da trajetória de santificação de Rita de Cássia deva ser entendida a partir da (complexa) simbologia de sua impureza corporal (o sangue estaria relacionado a diversas passagens da vida da Santa). Ele argumenta que a questão sagrada, talvez a mais impossível na história de Santa Rita, é que ela

---

<sup>116</sup> Idem, p. 386.

<sup>117</sup> Idem, p. 380.

<sup>118</sup> O autor comenta que destes três casos um era de 1775 e os outros dois eram de 1850 e 1878, anos mais recentes, que permitiram um “aprofundamento clínico mais avançado”, baseado nos recursos da medicina àquela época. CUOMO, op. cit., p. 387.

<sup>119</sup> ALBERT, op. cit., p. 240-244.

reverteu seu estado de impureza. Esta seria, segundo o autor, a razão pela qual a Igreja teria demorado tanto tempo para canonizar Rita de Cássia.<sup>120</sup>

No entanto, há outras questões que também são muito significativas sobre a questão da canonização. Esta ocorreu no último ano do “revolucionário século XIX”<sup>121</sup> e fez parte das comemorações oficiais do Grande Jubileu do ano de 1900. Ao lado de Santa Rita, na mesma solenidade, também foi canonizado o ex-padre francês João Batista de la Salle, “pedagogo dos órfãos e protetor das crianças abandonadas”.<sup>122</sup>

A proposição de Santa Rita como um modelo a ser imitado pelas mulheres daqueles “tempos” nos parece bem sugestiva, considerando-se, como alertou Michela de Giorgio, que o século XIX teria testemunhado “uma mudança no seio da Igreja, na qual os homens, anticlericais, teriam se afastado dela, ao mesmo tempo em que se produzia uma feminização do catolicismo”.<sup>123</sup>

A transformação observada no seio da Igreja refletia todo um conjunto de alterações na ordem econômica, política, social e cultural pela qual o ocidente tinha passado naquele século que findava. A grande característica daquele período, em termos econômicos, foi a consolidação de um novo modo de produção - o capitalista-, determinado por um conjunto de inovações tecnológicas geradas com a revolução industrial<sup>124</sup>.

As mudanças econômicas foram tão significativas que operaram para além do âmbito estrito da economia, gerando uma profunda alteração no seio da sociedade européia, em geral. Naquele contexto o crescimento do capitalismo industrial e liberal foi acompanhado por mudanças políticas profundas que marcaram um novo período na história.<sup>125</sup> A propagação dos ideais liberais e nacionalistas, no âmbito do domínio político público, diminuía a influência do poder religioso (e eclesiástico). Conseqüentemente, isso fez a Igreja perder parte

---

<sup>120</sup> Idem, p. 259-261.

<sup>121</sup> O termo “revolucionário” foi inspirado na leitura da clássica trilogia do historiador Eric Hobsbawm. HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998; *A era do capital: 1848-1875*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>122</sup> Cuomo afirma ter havido uma “aproximação não casual naquela dupla canonização (...) de duas figuras das quais a Igreja se orgulhava diante de uma sociedade que cultivava, na sua evolução, sacrosantas aspirações sociais”. CUOMO, op. cit., p. 387.

<sup>123</sup> GIORGIO, Michela de. “O modelo católico”. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. O século XIX*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, 1991, v. 4, p. 203.

<sup>124</sup> Utilizamos aqui a mesma cronologia adotada por Michela de Giorgio, que enfoca o século XIX como sendo o período que vai de 1789 a 1914.

<sup>125</sup> Ainda que em vários países o embate entre as forças conservadoras do Antigo Regime (apoiadas pela Igreja Católica) e as novas correntes liberais (anti-clericais) fosse perdurar por muito tempo, travando lutas políticas durante boa parte do século, em regiões como a França e os (então) estados italianos, entre outros.

da relevância político-social que ela tinha obtido em épocas anteriores, sobretudo no período medieval e moderno.

Tais mudanças teriam sido mais acentuadas na região italiana, não só pelo fato de nela estar localizada a sede da Igreja, mas porque a luta pela unificação política dos estados afetou diretamente sua antiga estrutura de poder.<sup>126</sup> Os fundamentos das bases territoriais da instituição foram em parte minados, sobretudo com a redução dos estados pontifícios a Roma e seus arredores, em 1860, como represália das guerras de unificação política italiana.

Em 1848, após reassumir o trono que fora tomado por revolucionários liberais, o Papa Pio IX (1846-1878) voltou-se contra todos os tipos de liberalismo e instituiu uma nova política, conhecida como “ultramontana”. Imbuído do sentimento de restauração romana, o pontífice recorreu à valorização do lar, das missas, das peregrinações e das devoções populares, promovendo ainda uma reforma do clero.<sup>127</sup> Contra a ideologia liberal e as modernidades, pontífice decretaria uma “guerra”, publicando, em 1864, a *Bula Syllabus errorum modernorum* (1864). Nesta bula expressava a incompatibilidade da instituição frente ao liberalismo, e fazia uma defesa intransigente da estrutura doutrinal e de poder da Idade Média e da Contra-Reforma.<sup>128</sup>

Preocupada em assegurar o poder e o controle territorial, no Primeiro Concílio Vaticano, em 1870, a Igreja decretou o dogma da primazia do papa sobre cada igreja nacional e cada cristão, e estabeleceu o conhecido dogma da sua infalibilidade papal.<sup>129</sup>

---

<sup>126</sup> A partir do Congresso de Viena (1815), com a divisão dos territórios reconquistados às tropas napoleônicas, a Igreja retomou o domínio sobre os estados centrais, localizados em torno de Roma. Em 1848, dois anos depois de assumir o papado, Pio IX apoiou uma revolução de caráter liberal, mas, tendo-se negado a implementar reformas, acabou tendo que se refugiar. Depois da derrota dessa tentativa de unificação, apoiado pelos franceses e austríacos, volta a Roma, tornando-se um “adversário inflexível” de todos os movimentos liberais. KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 202.

<sup>127</sup> OLIVEIRA, Pedro R. de. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 292. Este autor afirma que, objetivando incrementar as “devoções dos fiéis”, a Igreja passou a se preocupar com a preparação do clero, tentando torná-lo mais disciplinado, zeloso e piedoso, e promoveu o crescimento das ordens e congregações religiosas.

<sup>128</sup> Hans Küng afirma que o resultado disso foi que a Igreja passou, ao mesmo tempo, a se distanciar do mundo moderno e a confirmar seu antigo monopólio nas interpretações do mundo. Segundo o autor, “muita coisa contribuiu para a construção desse sistema antimoderno e sua pretensão à verdade. Em paralelo com o neorromantismo, o neogótico na arquitetura e o neogregoriano na música, o neo-escolasticismo era propalado na Igreja”. KÜNG, Op. cit., pp. 203-204.

<sup>129</sup> No entanto, dois meses após o Concílio, Roma foi invadida, tornando-se um estado “pro forma”, o que gerou a “Questão Romana”, que só seria resolvida pelo Concílio de Latrão, em 1929, quando finalmente a Igreja obteve o poder legal sobre o estado do Vaticano. Cf. MARTINA, Giacomo. *História da Igreja. De Lutero a Nossos Dias*. Vol. IV. A Era Contemporânea. Tradução de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola, 1997; MENOZZI, Daniele. *A Igreja Católica e a secularização*. Tradução de Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 1998 e KÜNG, Op. cit.

Sob o papado de Leão XIII (1878-1903) a guerra contra os “tempos modernos” seria mantida. No primeiro ano de seu pontificado, ele promulgou a Encíclica *Inscrutabili dei consilio*, ou *Sobre os males da sociedade moderna, suas causas e remédio*, na qual reclamava a perda do papel ‘legítimo’ da Igreja como autoridade política, pública e detentora das ‘verdades supremas’, se posicionando contra a modernidade.<sup>130</sup>

No entanto, na década de 1890, Leão XIII optou por uma tentativa de “diálogo” com o mundo “moderno”, por intermédio do reconhecimento das liberdades liberais e da elaboração de uma doutrina voltada para as preocupações sociais. Negando o socialismo, mas também o “laissez-faire”, a Igreja defendeu o direito à propriedade privada e, com a Encíclica *Rerum Novarum* (1891), abordou os problemas derivados da sociedade industrial, tentando amenizar a sorte das classes economicamente menos favorecidas. Assim, com este papa foi inaugurado um novo tipo de pensamento que, anos depois da publicação do *Manifesto Comunista* (1848) de Karl Marx e Frederic Engels, finalmente delimitava as preocupações da Igreja com as questões sociais, a Doutrina Social da Igreja.<sup>131</sup>

Diante daquelas transformações, o centro da polêmica religiosa da Igreja Católica no século XIX teria sido a perda do antigo papel de inspiradora das leis para as instituições políticas laicas, como sugere Ildfonso Larana.<sup>132</sup> Isso fez com que a religião ficasse reduzida à esfera da vida privada, perdendo parte do antigo poder que exercia na vida pública.

Assim, diante daquele contexto em que cada vez mais era relegada à vida privada, a Igreja se voltaria às mulheres, às quais também se destinava historicamente o lugar do privado, o espaço de “dentro”. Para isto a Igreja precisou rever as palavras que escrevia *sobre* as mulheres e *para* as mulheres.<sup>133</sup>

Mas as transformações naquilo que era escrito sobre as mulheres e dito para as mulheres já estariam se operando desde o último terço do século XVIII<sup>134</sup>, defende Elisabeth

<sup>130</sup>Carta circular, a encíclica é um documento usado pelo Papa para exercer seu magistério ordinário, sendo dirigida aos bispos de todo o mundo e, por meio deles, a todos os fiéis. Apesar de a matéria nela contida não ser formalmente objeto de fé, ela fala de questões doutrinárias em variados campos, como os costumes, o culto, a doutrina social, etc. Cf. LEAO XIII, Encíclica *Inscrutabili dei consilio*, ou *Sobre os males da sociedade moderna, suas causas e remédios*. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: abr. 2005.

<sup>131</sup> LARAÑA, Ildfonso Camacho. *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*. Tradução de J. A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 47; KÜNG, op. cit., p. 214; SAFFIOTI, Heleieth Iara B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 93.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Segundo Jacques Dalarun, este discurso foi fruto da produção intelectual de clérigos que, “separados das mulheres por um celibato solidamente estendido a todos a partir do século XI, (...) nada sabem delas. Figuram-nas, ou melhor, figuram-n’A; representam-se a Mulher, à distância, na estranheza e no medo, como uma essência específica ainda que profundamente contraditória” DALARUN, op. cit., p. 29.

<sup>134</sup>É interessante observar que este foi o século do iluminismo, pensamento que, se por um lado criticou as verdades dogmáticas da religião católica, por outro acabou confirmando certos preceitos divulgados pela Igreja. A limitação dos direitos dos pais sobre os filhos ilustra esta questão, na medida em que também aquela doutrina

Badinter. Esta autora afirma que no pensamento ocidental “Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, ambiciosa, metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, que não ultrapassa os limites do lar”.<sup>135</sup> Tal pensamento teria atingido o século XIX: “a imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente (...) e o amor materno parece um conceito novo”.<sup>136</sup>

Este conceito embasou o discurso católico do século XIX, no qual a Igreja reforçou a “capacidade” natural de reprodução da mulher como “essência” do gênero feminino. A maternidade foi colocada como “obrigação natural” das mulheres e, desse aspecto da natureza feminina, passou-se a legitimar a função social da mulher como mãe, cada vez mais associada à idéia do amor incondicional que ela teria pelo filho.

Naquele momento em que se redistribuíram as cartas tradicionais, “que se jogam entre o trabalho e a família, ideal de vida doméstica e valor útil para o serviço social”, a Igreja repensou o caráter feminino, jogando para as mulheres a responsabilidade como progenitoras de uma nova época, de novos homens, cujas vidas deveriam ser preparadas no seio de uma família moderna. A família transformou-se, e com ela os papéis de seus membros. Pais e maridos continuavam sendo as figuras proeminentes. Mas a distância social entre os cônjuges e entre pais e filhos tinha se tornado menos nítida. O núcleo dessa nova vida familiar seria a casa, um lugar privado e protegido contra as influências do pensamento que vigorava fora de seus muros externos.<sup>137</sup>

Philippe Ariés afirma que a família, desde o século XVII, e numa tendência cada vez mais forte, deixou de ser apenas uma instituição de direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar corpos e almas. Em concomitância com este processo, se desenvolveu uma nova concepção da criança e dos

---

afirmava que aqueles não poderiam dispor dos filhos como quisessem e, sobretudo, defendia a idéia de que eles deveriam cuidar dos filhos, criaturas de Deus. A *Enciclopédia*, referência do movimento da Ilustração, deixaria claro que o poder ‘dito’ paterno era, na realidade, partilhado com a mãe, pois, “nelas, a inferioridade da razão era um fato incontestável, bastando-lhes cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos”. Com a publicação de *Émile*, por Rousseau, em 1762, novas idéias iriam se cristalizar, dando impulso à formação do conceito da família moderna, isto é, a família fundada na crença que Elisabeth Badinter chamou de “mito do amor materno” (BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985). Sobre esta questão Rachel Soihet afirma que a utilização dessa idéia pelos iluministas, reforçada mais que nunca pelo argumento natural, parece paradoxal, já que esse movimento se opôs aos dogmas religiosos divulgando a razão, a liberdade e a igualdade como novos ideais. No entanto, no que concerne à concepção de mulher, aqueles novos filósofos pouco, ou quase nada, se distanciaram dos teólogos. SOIHET, Rachel. “Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas (1850-1950)”. In: *Revista Estudos Feministas*. Vol.5 n.1/97. RJ: IFCS/UFRJ, 1998, p.7-29.

<sup>135</sup> BADINTER, op. cit., p. 55.

<sup>136</sup> Idem, p. 145.

<sup>137</sup>GIORGIO, op. cit., p. 230.

filhos, na qual a infância despontou como um estágio específico da vida da pessoa. A criança deixou de ser vista apenas como um pequeno adulto. Isso justificaria uma necessidade de a família e a escola retirarem a criança da sociedade dos adultos.<sup>138</sup> Nesse sentido, é bastante sugestiva a canonização de São João Batista de La Salle, pedagogo do século XVII preocupado com a civilidade cristã e a infância, no mesmo dia que Santa Rita de Cássia, em maio de 1900.<sup>139</sup>

O lar da família passou a ser exaltado como o melhor lugar de felicidade, e espaço de autonomia das mulheres. Nele a mãe deveria velar pelos seus filhos e pelo seu marido, sendo a guardiã moral do grupo familiar: “ser outro, para outro, através do outro”.<sup>140</sup> Nesse ambiente, as características “naturais” de fragilidade e sensibilidade, consideradas por muito tempo como uma suposta inferioridade feminina, passaram a ser valorizadas como positivas e desejáveis. A idéia de sensibilidade passou a ser associada à de sentimentalidade, reforçando a concepção de que haveria uma predisposição natural da mulher em ser mais volúvel no que se referia às questões de ordem emocional e moral.

Essa visão, por sua vez, seria atrelada à crença de que a mulher teria naturalmente mais capacidade para apreender e transmitir as virtudes morais da religião na família. Para isto recorreu-se à ao exemplo de Maria. Esta foi uma mãe modelar, que tinha aceitado com resignação os desígnios do Pai, os sacrifícios e a dor. Também aceitou ser mediadora para a encarnação divina, apresentando-se como intermediária entre Deus e os filhos.

A recorrência simbólica à imagem de Maria, em substituição à primeira mulher, Eva, seria um aspecto marcante no pensamento católico do século XIX e a proclamação do *Dogma da Imaculada Conceição de Maria* em 1854 (o qual afirmava sua concepção sem pecado no corpo de sua mãe, Sant’Ana) ilustra bem a questão.

Naquele século se desenvolveu um conjunto de crenças e práticas relacionadas à posição das mulheres na ordem social, que ficou conhecido como marianismo. Segundo a definição de Evelyn Stevens,

---

<sup>138</sup>Philippe Ariés comenta que “a escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato”. ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978, p. 194-195.

<sup>139</sup>Ariés faz uma interessante referência à importância de João Batista de La Salle naquele contexto de transformações das idéias de ensino e aprendizagem, especialmente entre as páginas 154 a 159 da obra citada. Idem.

<sup>140</sup> Idem, p. 231.

as mulheres, como herdeiras de Maria, semi-divinizada, tomada como modelo de submissão, de pureza e de sofrimento, são aparentemente revalorizadas, e tidas simbolicamente como ‘salvadoras’ da sociedade, em função de seu papel maternal idealizado, no quadro da família sacramentada, quer dizer, do casamento visto como um ‘mal necessário’, ou como um ‘pecado venial’, sobretudo a partir de uma tradição que começou com o apóstolo São Paulo.<sup>141</sup>

Esta ideologia do devotamento e do sacrifício feminino também foi comentada pelo teólogo Hans Küng. À frieza e à indiferença religiosa que teria reinado fora de seus muros, a Igreja teria proposto a idéia do papismo e do marianismo. Estes, dentro dos muros daquela instituição disseminariam a segurança emocional e o calor do lar, através das devoções populares, que passavam por peregrinações, missas, e celebrações de Maria, em maio.<sup>142</sup>

A devoção aos novos dogmas marianos dos anos oitocentistas inseria-se também num conjunto de práticas e tentativas de restauração católica que ficou conhecida como “romanização”. Ao lado da adoração de Maria, a Igreja teria incentivado a devoção ao Sagrado Coração de Jesus o qual, segundo Riolando Azzi, por sua ênfase no aspecto sentimental e intimista, teria ganhado mais espaço entre as mulheres.<sup>143</sup>

É sugestivo pensar que, se em várias passagens das vidas escritas sobre Rita ela é apresentada como tendo sido submissa e obediente, aceitando as brutalidades do marido como se fossem “desígnios” de Deus, há a contrapartida da conversão dele. Ao final de um século no qual muitos homens tinham se afastado da Igreja, canonizar uma mulher que tinha obtido

---

<sup>141</sup> STEVENS, Evelyn. “Marianismo: The Other Face of Machismo. In *Female and Male in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. pp. 90-101”. APUD ARY, Zaira. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secult, 2000. p. 78. É preciso registrar ainda, conforme mostrou Jacques Dalarun, que o impulso ao culto mariano teria se originado a partir do século XII. DALARUN, op. cit., p. 40.

<sup>142</sup> Michela de Giorgio afirma que a atribuição do mês de maio a Maria estaria relacionada à descoberta, nos oitocentos, de que “a adolescência feminina esconde uma reserva de rêveries (sonhos) de difícil controle”. Ou seja, a ciência teria reconhecido a existência de desejos naturais (sexuais) nas adolescentes e a Igreja, temendo essa época de ‘fertilidade natural’, atribuiu ao mês de Maria, mãe de Jesus e Virgem, uma série de práticas devocionais ligadas às orações e aos coroamentos dedicados a Ela, tentando conservar a inocência feminina. É interessante ressaltar que este também foi, e ainda é, considerado o mês preferido das noivas católicas para o casamento. GIORGIO, op. cit., p. 222. Cf. também KÜNG, op. cit., p. 203.

<sup>143</sup> Segundo este autor, as novas devoções também teriam sido incentivadas no Brasil, vinculadas com a prática sacramental que atrelava as mulheres diretamente ao clero. Isto teria sido muito importante naquele contexto em que a hierarquia eclesiástica visava diminuir a força das antigas irmandades e ordens terceiras. AZZI, R. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). pp. 101-107. In: MARCÍLIO, Maria Luiza. *A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.

“sucesso” na conversão do marido poderia ser bastante interessante para aquela instituição<sup>144</sup>, pois a esposa submissa, ao final, saiu vitoriosa:

Rita se aproveitou dessa circunstancia para conduzir a Deus a alma de seu marido. Agora êle a escutava cheio de admiração; as palavras de Rita, brotando de um coração iluminado pela fê e inflamado pelo mais puro amor de Deus, impressionavam profundamente o coração do extrativo, lembrando-lhe as verdades que aprendera em criança e que havia esquecido, colocando-lhe diante dos olhos a imagem de Jesus crucificado que, após ter amado tanto os homens e tê-los cumulados de benefícos, tinha sido tão mal compreendido e morrera perdoando aos seus algozes.<sup>145</sup>

Vale registrar que no século XIX, por intermédio da divulgação da Encíclica *Arcanum* (1880) Leão XIII respondia aos ataques laicos contra o matrimônio, reiterando a idéia da autoridade marital que tinha sido lançada por São Paulo: “o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja”.<sup>146</sup>

A mulher devia ser submissa e obediente ao marido, não como uma serva, mas como uma companheira, isto é, de modo que a submissão que lhe prestasse não fosse separada nem do decoro nem da dignidade (dentro do casamento, sob a tutela do marido). Mas a Igreja reconhecia que a vida matrimonial podia ser um peso ou um martírio para elas e, às esposas, pedia submissão e espírito de abnegação. Se o mundo era para todos um vale de lágrimas, era-o, em especial, para as mulheres, que não poderiam negar os seus deveres conjugais: “o marido é uma dádiva de Deus que conduz a mulher, através do sacrifício, à santidade”.<sup>147</sup>

Michela de Giorgio argumenta que naquele contexto Santa Rita de Cássia desponta como

o modelo santificado através do qual a Igreja reconhece que a vida matrimonial pode ser um peso ou um martírio para as mulheres. A longa expiação de castigos conjugais impostos por um marido ‘fera selvagem’ e o digno distanciamento em relação a outras vítimas desempenharam um papel importante nas biografias novecentistas da Santa: ‘Rita mantinha-se longe do cochichar dos círculos femininos sobre a maldade dos homens’.<sup>148</sup>

<sup>144</sup> Entre as doze canonizações efetuadas por Leão XIII entre 1878 e 1903, apenas duas são de mulheres. Um é de Santa Clara de Monefálcio, e a outra de Santa Rita de Cássia. DAIX, G. *Dicionário dos santos do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.

<sup>145</sup> MARCHI, op. cit., p. 35.

<sup>146</sup> Esta passagem de São Paulo Apóstolo (em 1 Cor., 11,3) também foi usada no período medieval, estabelecendo a submissão da mulher ao homem como um “um dos momentos da divisão hierárquica que regula as relações entre Deus, Cristo e a humanidade, encontrando ainda a origem e o fundamento divino daquela submissão na cena primária da criação de Adão e Eva e no seu destino antes e depois da queda”. CASAGRANDE, op. cit. p. 123.

<sup>147</sup> GIORGIO, op. cit., p. 206-208.

<sup>148</sup> Idem, pp. 207-208.

Respalhando esta questão nossa pesquisa revelou que antes de Rita, a última canonização de uma mulher que tinha sido casada ocorrera em 1767. É a da Santa Joana Francisca Freymont, sobre a qual encontramos a seguinte referência: “ela viveu em completa felicidade conjugal”.<sup>149</sup>

Se Rita constituía-se em modelo de esposa aos olhos da Igreja, o mesmo não se pode afirmar de seu marido, Paulo Ferdinando. Conforme comenta Pedro de Oliveira, o próprio Leão XIII, na Encíclica *Quamquam pluries* (1889) teria apresentado um bom “arquetipo” de masculino para o casamento, encarnado na figura de São José:

em São José tem os pais de família um perfeito exemplar da solicitude e da vigilância paternais; os casados um verdadeiro espelho de amor, concórdia e fidelidade conjugais; as virgens um modelo e defensor da integridade virginal. (...) Com efeito, sendo ele descendente de família real, estando unido em matrimônio à mais augusta e mais Santa de todas as mulheres, sendo reputado pai do Filho de Deus, passou sem embargo a vida ocupado em misteres materiais e buscou, no trabalho e na arte, o sustento necessário para os seus<sup>150</sup>

Assim, é importante salientar, segundo explica Ana Maria Bidegain, que

a imagem da família divina era a da família nuclear e, ao mesmo tempo, a da própria Igreja, também identificada com Maria. Assim a Igreja era a mãe que zela por seus filhos na terra e também mestra, esposa de Cristo e mediadora sem a qual não havia possibilidade de acesso ao Pai. A imagem hierarquizada da família divina é reproduzida na estrutura clerical da Igreja e ao mesmo tempo esse imaginário legitimava a preeminência na organicidade da Igreja dos Sacerdotes “pais” e os fiéis “filhos”.<sup>151</sup>

Nesse contexto, inspirado pelo exemplo da família divina, passou-se a esperar cada vez das mulheres que elas agissem com base em seu papel de soberana moral da vida doméstica e de educadora dos filhos. Oração, sacrifício, era isso que se pedia às mães. Nesse sentido, a identificação social feminina não poderia prescindir do exemplo de Maria e, diríamos, talvez de Santa Rita; afinal, era preciso ter uma preparação espiritual e cristã que

<sup>149</sup> É significativo que depois de Santa Rita tenha havido um grande número de canonizações de mulheres casadas, nos anos de 1934 (Luísa de Marillac); 1949 (Joana de Lestonac); 1950 (Joana de França); 1959 (Joaquina Vedruna de Mas), 1975 (Elisabeth Seton). Cf. DAIX, op. cit., p. 311.

<sup>150</sup> OLIVEIRA, P. op. cit., p. 310.

<sup>151</sup> BIDEGAIN, Ana Maria. Gênero como categoria de análise na História das Religiões. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp.23-24.

admitisse a necessidade do sacrifício. A salvação da mulher seria encontrada na devoção à família, no seu ‘dever materno’.

A esse respeito, Elizabeth Badinter faz uma interessante observação, defendendo a idéia de que esse devotamento sem limites das mulheres seria a dor “expiadora” por excelência, aquela que permitiria a Eva transfigurar-se em Maria. Exemplo disso seria o parto que, naquele século, mais do que nunca, passou a abranger todo o período de formação da criança, do feto à idade adulta, prolongando também a dor materna: “a maldição divina sobre Eva nunca teve um alcance tão grande como entre os cristãos do século XIX”.<sup>152</sup>

Rita também fora mãe, e teria sofrido ao saber do desejo de vingança demonstrado pelos filhos:

Na pessoa de Rita, a Igreja quer agradecer a todas as mães sofredoras. São elas – e quantas! – que espalham pelo mundo a devoção à Santa e a tornam, talvez, a mais popular das Santas. Que Deus abençoe todas as mães, porque elas, quando ganharam um filho, ganharam uma cruz também.<sup>153</sup>

Tal qual mostrou Maria, epíteto ideal da maternidade, na relação das mulheres com os filhos a dor parecia uma constante. Ser mãe e, sobretudo ser uma boa mãe, não era fácil, pois, como comenta Badinter, era preciso esquecer de si:

E esse esquecimento de si eleva a boa mãe acima da condição humana, espontaneamente egoísta. Ela torna-se, portanto, uma Santa porque o esforço exigido é imenso. Mas, contrariamente às vocações religiosas, que são livres e voluntárias, a vocação materna é obrigatória (...) todas as mães têm a mesma missão: sacrificar sua vontade ou seu prazer para o bem da família.<sup>154</sup>

Decorrente dessa idéia, na escalada social dos poderes atribuídos a homens e mulheres, a elas cabia, no papel, o domínio do lugar privado (tão importante no século XIX), a casa, lugar exclusivo no qual poderiam e, sobretudo, deveriam, exercer o poder. Nesse sentido, acreditamos que muito daquilo que os homens da Igreja escreveram para as mulheres foi fruto do que queriam ver nelas – um suporte para a religião, que começava a sofrer golpes importantes com a laicização do mundo. Era preciso destinar um lugar especial a elas, que iriam ensinar os novos homens ajudando, portanto, na construção e na manutenção da ordem social.

---

<sup>152</sup> BADINTER, op. cit., p. 271.

<sup>153</sup> TEIXEIRA, Aloísio. *Vida de Santa Rita de Cássia*. Aparecida: Editora Santuário, 1995, p. 91.

<sup>154</sup> Idem.

Diante de todas essas questões afirmamos, respaldados pelas referências analíticas da categoria gênero<sup>155</sup>, que as leituras que nos informam sobre o exemplo proposto a partir de Santa Rita, em 1900, nos permitem apreender sobre os homens, sobre aquilo que eles esperavam das mulheres num momento em que o mundo se tornava menos religioso, pelo menos para eles, que passaram a ocupar o lugar público, numa época em que a sociedade tendia a se tornar mais laica.

Com base em vários indícios<sup>156</sup> inferimos que o discurso que colocou a Santa como *um* exemplo a ser imitado estaria profundamente relacionado à tentativa da Igreja legitimar um lugar social para o feminino no século XIX, por intermédio do qual aquela instituição poderia tentar “recuperar”, através do poder de “conversão” atribuído às mulheres, os homens que saíam de seus bancos.

Teriam as “mulheres daqueles tempos” imitado Santa Rita? Intrigados com esta questão, porém frustrados pela ausência de vozes femininas que pudessem nos ajudar a elucidá-la naquele contexto, viajamos no tempo e no espaço. Seguimos na direção de uma comunidade na qual, apesar das distâncias espaciais e temporais, com suas implicações possíveis, percebemos uma certa continuidade, no que se refere à proposição da Santa como exemplo a ser imitado pelas mulheres. Assim, convidamos os leitores a nos acompanharem nessa viagem em direção à Viçosa, cidade mineira onde Santa Rita de Cássia é padroeira, com ouvidos atentos às falas (agora possíveis) de mulheres e homens que, entre os anos de 2003 a 2006, nos informam sobre as representações e as práticas de devoção em torno daquela mulher exemplar.<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup>Segundo Scott “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças sociais percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Em resumo, estando a noção de gênero fortemente imbricada no aspecto relacional, estabelece-se a possibilidade do caráter contingente das subjetividades masculina e feminina. Formadas, entre outras coisas, pela vivência das diferentes esferas sociais e na percepção e confronto das diferenças existentes entre os gêneros que se traduzem em relações de poder. SCOTT, op. cit., p. 14.

<sup>156</sup>Utilizamos aqui o conceito de “método indiciário”, proposto Carlo Ginsburg, o qual afirma que “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”, sendo preciso ao historiador atentar para os sintomas, os indícios e os sinais que possam auxiliá-lo na análise. Este paradigma, segundo o autor, tem um caráter “amplamente operante”, o qual, apesar de não ter sido teorizado explicitamente, “talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’”. GINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.

<sup>157</sup>Estamos cientes de que há implicações que não podem ser negligenciadas nessa viagem espaço-temporal, mas acreditamos que elas não se constituem num problema intransponível de nossa pesquisa. Afinal, apesar de todas as diferenças entre os pesos dos autores e das palavras que eles escreveram sobre Santa Rita de Cássia nesses contextos diversos, lendo os documentos produzidos pelo corpo eclesiástico da cidade de Viçosa encontramos evidências de que sua conduta enquanto mulher tem sido reproduzida (por muito tempo) como sendo exemplar. Respaldados pelo modelo de “ilhas de história” de Marshall Sahlins pensamos que existem, para além das diferenças verificadas no presente, pontos do passado que podem ser historicamente demonstráveis. Nesse sentido, o estudo sobre a “ilha de história” Viçosa, pode ser pensada de forma dinâmica e dialética dentro de seus

## 2. REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA DEVOÇÃO EM VIÇOSA

### 2.1. “Viçosa chamava até Santa Rita do Turvo”.

Se a esperança se apagou  
 Se a alma segue aflita  
 Pede logo a proteção de Santa Rita  
 Se não há mais solução  
 Pra essa dor que o peito habita  
 Pede logo a proteção de Santa Rita  
 Esposa e mãe tão sofredora  
 Nessa hora de aflição  
 Encaminha a Deus a minha oração  
 Meu refúgio mais seguro  
 Trago a alma tão ferida  
 Santa Rita, iluminai a nossa vida  
 Se a esperança se apagou  
 Se a alma segue aflita  
 Pede logo a proteção de Santa Rita  
 Se não há mais solução  
 Pra essa dor que o peito habita  
 Pede logo a proteção de Santa Rita  
 Oh Santa dos Impossíveis  
 Exemplo de devoção  
 Tira a angústia do meu pobre coração  
 Vossa frente leva o espinho da Coroa de Jesus  
 Santa Rita, aliviai a nossa cruz!<sup>158</sup>

---

limites, e na sua relação com outras “ilhas”, no tempo e no espaço. Cf. SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990 e BIRSACK, Aletta. “Saber local, história local: Geertz e além”. In: HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>158</sup> Música “Santa Rita”. CD “Santa Rita de Cássia – vida, música, oração”. São Paulo: Editora Musical Paulinas – COMEP (Série Minha Devoção). Alguns devotos se referiram a esta música durante as entrevistas. J., por exemplo, levou uma cópia do CD para a entrevista e insistiu para que ouvíssemos a mesma junto com ele, ao final da nossa conversa. É importante registrar que compramos este CD na sala da Secretaria da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia, onde o mesmo estava exposto para a venda, junto de alguns livros de autoria de padres e cônegos da região. Tal música também foi incessantemente reproduzida em alguns pontos pelos quais a procissão da Festa de Santa Rita do ano de 2006 percorreu.

As primeiras referências que encontramos sobre o culto à Santa Rita de Cássia na cidade de Viçosa remontam ao ano de 1790.<sup>159</sup> Naquele contexto alguns moradores que viviam em torno do Rio Turvo pediram autorização para fazer uma capela ou ermida sob a invocação da Santa, já que eles estavam longe da Matriz do Pomba, freguesia a qual o arraial pertencia.

Muitos desses habitantes teriam se fixado nas margens do Rio Turvo em função de um movimento migratório à procura de terras para a lavoura, vindos após o esgotamento das minas nas regiões vizinhas. Ali eles teriam aberto as primeiras sesmarias, formando as propriedades rurais que deram origem a um pequeno núcleo populacional, berço da atual cidade.<sup>160</sup>

Como muitos outros arraiais mineiros surgidos no século XIX, a gênese do povoado de Santa Rita do Turvo teria sido um processo intrinsecamente relacionado com a religião. Segundo o historiador Sérgio da Mata, naqueles povoados mineiros

a capela é o centro do arraial. Ela é o edifício mais imponente, o orgulho dos moradores do lugar. Muito freqüentemente, é no terreno que lhe foi doado como patrimônio que erguem-se as primeiras casas, onde surge uma praça, onde pouco a pouco delinea-se o traçado das primeiras ruas.<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Esta afirmação é respaldada por um documento de batismo datado de 1790, que foi encontrado por Janaína Machado em sua pesquisa de bacharelado. Cf. MACHADO, Janaína Marcon. *Família e herança: a formação do povoado de Santa Rita do Turvo (1813-1839)*. Viçosa, 2004. 65 f. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Curso de História - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004, p. 35.

<sup>160</sup> Cf. PANIAGO, Maria do Carmo T. *Viçosa – mudanças sócio-culturais; evolução histórica e tendências*. Viçosa, UFV, Imprensa Universitária, 1990, p. 51. Sobre esta questão deve-se consultar também o trabalho de Janaína Machado, que cita um registro de batismo de 1790, na Igreja Matriz de Rio Pomba, freguesia à qual Santa Rita do Turvo pertencia. O fato de a ermida funcionar antes mesmo que a autorização para a sua construção fosse dada, é apontado por esta historiadora como um sinal de que as pessoas já deveriam estar estabelecidas lá na região. Tais pessoas seriam provavelmente sesmeiros que, tendo recebido terras, passaram a cultivar gêneros agrícolas, importante fator econômico no período de crise da mineração. Cf. MACHADO, op. cit., p. 35.

<sup>161</sup> O autor afirma que, diferentemente das regiões mineradoras ocupadas no século XVIII, que tiveram suas origens mais relacionadas aos motivos econômicos que impulsionaram o deslocamento populacional para as Minas, nos povoados oitocentistas as origens estariam fundamentalmente relacionadas à religião. Os nomes de santos, dados às regiões encontradas, além de se referirem à devoção particular de um desbravador do território, ainda eram atribuídos a um lugar pelo fato de a chegada num novo território coincidir com o dia em que um determinado santo era festejado. Cf. MATA, Sérgio da. *Chão de Deus: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, séculos XVIII-XIX*. Berlin: Wiss. Verl. Berlin, 2002, p. 150.

No ano de 1800 os moradores obtiveram licença oficial para se erigir uma ermida sob a invocação de Santa Rita, já que estavam longe da Matriz do Pomba, freguesia a qual o arraial pertencia.<sup>162</sup> Comentando esta questão M.C. Paniago diz que

o Padre Francisco José da Silva, obteve do quinto bispo de Mariana, D. Frei Cipriano de São José, licença para ali erigir uma ermida sob a invocação de Santa Rita – santa da sua devoção. Pouco tempo depois, a ermida passaria a Capela de Santa Rita e daria seu nome ao nascente povoado, juntamente com o nome do rio que a atravessa – o Turvo. Nascia, então, o povoado de Santa Rita do Turvo.<sup>163</sup>

A literatura pesquisada indica que a estruturação do culto na capela daquele antigo povoado pode ter sido um “poderoso fator centrípeto de fixação regional”, conforme sugere a tese de Sérgio da Mata.<sup>164</sup> Espaço destinado à oração e à devoção, a capela, cujos primeiros livros de registros de nascimento, óbito e casamento datam de 1813<sup>165</sup>, para além de espaço destinado ao culto religioso, se constituía como instância e local privilegiado de reunião, encontro, e de consolidação de processos de socialização. A primitiva capela<sup>166</sup> construída para abrigar a imagem da Santa foi transferida para outro local, onde fora construída a primeira Matriz de Santa Rita de Cássia.<sup>167</sup> Em 1832 um decreto regencial elevou a capela à paróquia, e em 1833 ela foi instituída canonicamente, por provisão episcopal.<sup>168</sup>

<sup>162</sup> O povoado pertenceu, até 1832, à freguesia do Mártir São Manoel dos Sertões do Rio Pomba e Peixe dos Índios Cropós e Croatos, atual cidade de Rio Pomba. Cf. MACHADO, op. cit., p. 36.

<sup>163</sup> PANIAGO, op. cit., pp. 80-81.

<sup>164</sup> É interessante citar uma anotação reproduzida no trabalho de Sérgio da Mata, sobre o registro deixado pelo bispo Dom Frei José da Santíssima Trindade, quando ele visitou aquela região, entre 1821 e 1825. Comentando sobre o arraial de Santa Rita do Turvo, o bispo teria afirmado que “a capela está em um bom local erigida e *pode ter um bonito arraial*, fazendo-lhe os moradores e fregueses suas casas”. Segundo Sérgio da Mata, “após uma apreciação ligeira dos relatos dos viajantes seríamos tentados a crer que todo arraial tinha a sua capela ou igreja; porém o estudo da relação entre patrimônio religioso e proto-urbanização demonstra que, para um número não muito desprezível de casos, o contrário parece estar mais próximo da verdade. É a capela que ‘tem’ um arraial”. Idem, p. 153.

<sup>165</sup> Estes livros encontram-se no arquivo da Secretaria da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia.

<sup>166</sup> Sobre a localização desta primitiva capela, apesar de haver uma discussão em torno do lugar preciso, acredita-se que ela tenha sido construída onde fica a atual Capela dos Passos, na Rua dos Passos, na área central da cidade.

<sup>167</sup> Esta igreja era localizada na esquina da atual rua Benjamim Araújo com a Praça Silviano Brandão e na década de 1950 foi demolida e reconstruída no centro daquele mesmo quarteirão. Segundo o Professor J.M. Borges, que participou das obras de construção dessa nova Igreja Matriz, o qual também entrevistamos, ela se deveu ao fato de que a Igreja, “alem de mostrar vários visíveis sinais de deterioração em sua estrutura física, e até em seu sino rachado, estava se tornando muito pequena para os devotos de Santa Rita”. Cf. Artigo comemorativo do “Cinquentenário do lançamento da pedra fundamental da nova Matriz de Santa Rita de Cássia em Viçosa”. In: *Jornal Semeando*, Viçosa, Ano II, n. 15, maio de 2001.

<sup>168</sup> Cf. TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), 1945, p.277; 344.

Povoado de muitas mulheres chamadas “Rita de Cássia”<sup>169</sup>, sua denominação como Santa Rita do Turvo foi mantida no período em que vigorou administrativamente como Vila, entre 1871 e 1876. Quando elevada à categoria de cidade, neste último ano, a Vila perderia o Turvo, e passaria a se chamar Viçosa de Santa Rita. Finalmente em 1891, numa divisão administrativa, o município teve o seu nome simplificado para Viçosa.

A mudança do nome “Santa Rita do Turvo” do antigo povoado para o da cidade Viçosa foi motivo de uma polêmica registrada na, ainda que escassa, historiografia encontrada sobre a cidade. O Cônego Raimundo da Trindade informa que o nome da cidade “lhe foi dado em homenagem ao Bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso”<sup>170</sup> e com ele concorda a pesquisadora M.C. Tafuri Paniago.<sup>171</sup> Outros autores também trabalham com esta versão, embora se refiram à tese de Pedro Vidigal, para quem “o nome de Dom Viçoso nunca inspirou a qualquer legislador razão para que o zopônimo de Santa Rita do Turvo fosse mudado para o de Viçosa”.<sup>172</sup>

Essa discussão, se não pode ser respaldada por documentos, merece, ao menos, ser levantada. É bastante sugestivo pensar na mudança do nome de um povoado de “Santa Rita” para o de uma cidade cujo nome nos lembra o bispo “Viçoso”,<sup>173</sup> reconhecido por ter dado início, em Minas Gerais, ao projeto “romanizador”<sup>174</sup> da Igreja Católica.

Tal projeto, desenvolvido a partir da segunda metade do século XIX, visava redefinir o catolicismo brasileiro conforme ao modelo romano tridentino, e consistiu, entre outras questões, numa tentativa de exercer um controle maior sobre as práticas de culto aos santos, consideradas como “populares”.<sup>175</sup>

<sup>169</sup> Apesar de comentarmos esta questão no próximo item, vale a pena registrar que já no primeiro livro de assentamentos de batismos, datado de 1813, foram encontradas várias pessoas batizadas com o nome da Santa.

<sup>170</sup> Cf. TRINDADE, op. cit., p. 277.

<sup>171</sup> Cf. PANIAGO, M. *Viçosa, retratos de uma cidade*, 22. São Paulo: Scortecci, 2001, p. 22.

<sup>172</sup> Apud. CRUZ, ALVARENGA, e SILVA, op. cit., p. 23.

<sup>173</sup> Apesar de Dom Viçoso ter sido bispo de 1844 a 1875 e de o projeto romanizador no Brasil ser associado principalmente ao final do século XIX, a literatura o considera como um dos precursores do projeto, como se pode verificar em CAMURÇA, Marcelo Ayres. “A carta pastoral de Dom Justino e o ‘juramento de fidelidade à Igreja’: controle do rebanho face às ameaças do ‘lobo voraz’ espírita”. In: *Memórias Eclesiásticas: documentos comentados*. Editora UFJF, Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora- Cehila/Brasil, Núcleo Minas Gerais. 2000, p. 94.

<sup>174</sup> Pedro Ribeiro de Oliveira afirma que os traços essenciais da romanização “são a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos e o senso da hierarquia eclesiástica; o bom católico, segundo esse modelo, é aquele que freqüenta regularmente os sacramentos e obedece incondicionalmente à autoridade eclesiástica. Aos olhos dos agentes romanizadores, que tinham o catolicismo nos moldes romanos como única forma autêntica de cristianismo, o catolicismo luso-brasileiro parecia uma aberração porque, embora não se opusesse à prática dos sacramentos nem à autoridade eclesiástica, colocava-os em plano secundário em relação ao culto dos santos”. OLIVEIRA, P., op. cit., pp. 283-284.

<sup>175</sup> O Cônego José Geraldo V. Carvalho alerta que “em absoluto D. Viçoso e o seu clero arrasaram com a devoção dita popular. Disciplinaram, isto sim, os mais feios abusos e incrementaram a Vera piedade, escoimada

Apesar dessa polêmica, a idéia de que sempre houve uma associação entre a cidade Viçosa e Santa Rita de Cássia foi encontrada em obras de história e da literatura religiosa, como ilustram os seguintes trechos:

Viçosa, cidade do coração. Tantos hoje conhecem a sua fama. A religiosidade sempre presente, em um povo que se une e que se ama./ Orgulho sim, de tantos viçosenses, cidade que a cada dia cresce mais. Trinta de setembro, mais um ano se completa, Viçosa de nossa Minas Gerais./ É um cenário cheio de encantos. A cidade, um cartão de visita. Viçosa, para sempre Viçosa, para sempre terra de Santa Rita!<sup>176</sup>

Feliz Viçosa por ter Rita de Cássia como Padroeira! Esta cidade famosíssima, exemplo de patriotismo e fé deveria, de fato, ter uma tal Patrona.<sup>177</sup>

A crença neste suposto vínculo da cidade de Viçosa com Santa Rita também aparece no depoimento de vários devotos, como no de M.C., funcionária pública aposentada e Ministra da Eucaristia, de sessenta e dois anos:

(...) Viçosa chamava até Santa Rita do Turvo, depois foi mudando o nome ...aí depois chegou Dom Viçoso, eu tenho uma foto dele, em homenagem a ele que fez um bem muito grande pra Viçosa, aí passou o nome pra Viçosa, mas Viçosa chamava Santa Rita do Turvo (...) Ah, mas ela ficou padroeira do município, né? Então assim, nem é só aqui da paróquia, é de todo o município de Viçosa.<sup>178</sup>

A fala acima de M.C. nos remete à tese de Sérgio da Mata, segundo a qual nas localidades da zona da mata mineira estruturadas a partir do século XIX foram as “capelas que tiveram os arraiais”, e não o contrário. Como sugere a devota acima citada, é interessante observar que, apesar da Santa ter “perdido” o nome para “Dom Viçoso”, houve uma certa compensação, qual seja, a de que a esfera de seu poder teria se “ampliado”, já que Ela se tornou padroeira de todo o município.<sup>179</sup>

À Santa Rita cabe tanto proteger individualmente seus devotos, como o conjunto da comunidade viçosense. Essa idéia aparece nas seguintes falas:

de desvios. O objetivo era fazer com que o culto externo fosse interiorizado e vivificasse o comportamento dos fiéis, apartando-os de fórmulas mágicas e evitando alimentar manifestações de uma religiosidade primitiva”. *Temas de história da igreja no Brasil*. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1994 p. 83.

<sup>176</sup>Poema *Viçosa*, de Dorothea Bernardes Pinto Coelho. In: PANIAGO, *Viçosa, retratos...* contra-capá.

<sup>177</sup> “Poderosa Padroeira de Viçosa”. In: CARVALHO, José Gerado.V. de. *Temas finais*. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2003, p. 214.

<sup>178</sup> Entrevista de M.C.

<sup>179</sup> A devota se refere ao fato de Santa Rita de Cássia ter sido declarada pelo Papa João Paulo II como “gloriosa e excelsa padroeira da cidade e do município de Viçosa”, em 1982. Cf. *Jornal Semeando*. Paróquia Santa Rita de Cássia. Viçosa/MG. Maio de 2001. Ano II – n. 15.

Viçosa é uma cidade muito privilegiada de ter ela como padroeira, como eu disse, muita coisa ruim tem acontecido em Viçosa. *Mas se não fosse com a proteção dela teria acontecido muito mais né?* Nós, por exemplo, temos muito exemplo aqui na rua dos Passos. *Tanta coisa ruim que poderia ter acontecido e não acontece.* Por que? Porque Santa Rita está nos protegendo. J.B., 53 anos. (grifo nosso)

*E graças a Santa Rita que todo lugar aqui tá protegido. Tem coisa que não tem jeito de proteger, tem coisa que não passa, né? Mas da natureza ... Cê pode ver que nós tão bem protegido!* Então o sujeito não enxerga isso, não enxerga! Então, né, que a gente fica com dó dessas pessoas. Sr. A., mecânico (grifo nosso)

Porque realmente, *com uma advogada igual aquela nós estamos tranqüilos.* (riso). J.R., estudante de engenharia, 21 anos. (grifo nosso)

As narrativas acima evidenciam uma questão levantada por Luis Mott em seus estudos, onde apresenta a idéia de que o mundo não passaria de um campo de batalhas entre as forças do bem e do mal, que aponta como constante no imaginário católico brasileiro. Segundo afirma o autor, “fazia parte da doutrinação dos fiéis no Brasil de antanho a crença de que Deus Onipotente, Justo Juiz, e Senhor dos Exércitos, costumava castigar os relapsos ou pecadores contumazes enviando à humanidade pestes, pragas, tempestades e toda sorte de infortúnios”.<sup>180</sup>

Além de conceder graças aos devotos, em particular, Santa Rita ainda garantiria uma certa proteção coletiva<sup>181</sup> que parece, sob o ponto de vista dos devotos, deixar o povo viçosense mais seguro em relação aos problemas sócio-políticos, de segurança pública, ou até mesmo naturais.

De acordo com o depoimento de J.B., Santa Rita é vista exclusivamente como Padroeira de Viçosa<sup>182</sup>, o que, supostamente, a distinguiria de outras regiões do País:

<sup>180</sup> MOTT, LUIS. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 176.

<sup>181</sup> Sobre esta questão também vale a pena consultar o livro de Alba Zaluar, no qual, depois de ter analisado alguns trabalhos sobre o “catolicismo tradicional popular”, apontou que em comunidades rurais os santos tanto operavam no âmbito individual de uma dada devoção, quanto no coletivo. Ela cita, por exemplo, que “no ciclo de produção econômica os santos eram homenageados e faziam-se promessas referentes à proteção da lavoura e da criação, nas transições que marcavam as passagens de uma atividade para a outra”. ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus*. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 92.

<sup>182</sup> No entanto, como afirma Luis da Câmara Cascudo, Santa Rita de Cássia foi elevada popularmente como padroeira em vários lugarejos no Brasil, antes mesmo de sua canonização, contrariando a determinação canônica segundo a qual apenas os beatos ou santos canonizados poderiam ser objeto de culto público. Segundo o folclorista, o poder de Santa Rita deriva das respostas que ela conceberia através da voz anônima do povo que por todo o nordeste e norte do Brasil, entoava o (famoso) Rosário de Santa Rita: sobretudo em função da sua

É, a história é muito importante, porque sofreu muito e hoje está aí, com esse título de nossa padroeira, né, reconhecida no Brasil inteiro, né? Igual a Nossa Senhora de Aparecida, né, que é reconhecida no Brasil inteiro, *Santa Rita também é reconhecida no Brasil inteiro. Por quê? Porque é a padroeira da cidade de Viçosa.* Não desfazendo de cidade nenhuma, mas toda cidade merece respeito, admiro muito toda cidade que tem seu santo de devoção, igual nós temos Santa Rita, é uma maneira do povo homenagear aquela pessoa, aquele santo ou aquela Santa de sua cidade. Eu acho que todo mundo tem que ter mesmo um santo de sua devoção, e principalmente da sua cidade, né? Se você não gosta da sua cidade, mas naquele dia que é dia da cidade, ou daquele padroeiro, a pessoa tem que chegar junto. Por que? Porque nós passamos e a cidade fica, né? Então eu tenho muita devoção e acredito que muito viçosense também tem. E enquanto ela me der vida, a gente tá aí, tá sempre louvando o nome dela. J.B.. 53 anos (grifo nosso)

Pela fala deste devoto, laboratorista da Universidade Federal de Viçosa, percebemos que, mais que milagres, os sujeitos parecem esperar proteção de Santa Rita. Além disto, na devoção eles também parecem encontrar um certo sentimento de identidade.<sup>183</sup>

As seguintes falas são bem significativas:

Qual viçosense que não é devoto de Santa Rita de Cássia?<sup>184</sup>

*Desde criança, quem é de Viçosa é devoto de Santa Rita.* Cônego José Geraldo. (grifo nosso)

M.C.: O presidente Arthur Bernardes, ele mesmo mandou restaurar a Matriz.

Raquel: E ele também era devoto, o presidente Arthur Bernardes?

Maria: *Ah, todo viçosense é devoto, todos são devotos* (riso).

Raquel: Todo viçosense é, né?

Maria: Ah, todo viçosense é devoto. *Ta na raiz, né?* Igual eu te falei, Santa Rita, ela é uma Santa assim, universal, né? Porque eu já fui em vários lugares e eu chego lá e tem uma Santa Rita.<sup>185</sup> (grifo nosso)

Então por exemplo, a paróquia de Santa Rita, *se eu sou viçosense eu tenho que amar Santa Rita, que é a nossa padroeira.*<sup>186</sup> (grifo nosso)

---

popularidade como a Santa dos Impossíveis. CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. vol. 4, Clássicos da Cultura. ra Brasileira. 5ª. Ed., 1984, p. 674.

<sup>183</sup> Carlos Rodrigues Brandão nos ajuda a pensar na questão da conferência de identidade e/ou sentimento de pertença que a religião fornece aos indivíduos no seguinte trabalho: BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo*. Um estudo sobre religião popular. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 140.

<sup>184</sup> Esta fala é a resposta que o Senhor Geraldo, um devoto de setenta e sete anos de idade, nos forneceu, após termos perguntado para ele se era devoto de Santa Rita. Cf. entrevista do Senhor Geraldo.

<sup>185</sup> Entrevista com M.C.

Pelo fato de eu morar em Viçosa, né, que é uma cidade onde ela é a protetora e pelos testemunhos que eu já escutei das outras pessoas, então eu conheço, talvez eu conheça muito mais de perto a história de Santa Rita, embora eu conheça bastante também a de Santa Terezinha, é... por causa disso. Pelo fato de ser uma cidade onde ela é a padroeira.<sup>187</sup>

Percebemos que a devoção à Santa é vista pela maioria dos devotos que entrevistamos como algo dado naturalmente a todo viçosense, pelo nascimento, embora a devoção também possa ser adquirida por outros (não nativos) já que a Santa “acolheria” a todos.

Além do fato de que nascer em Viçosa “confere o sentimento de pertença social” na comunidade de devotos de Santa Rita, nos chamou a atenção a constatação de que alguns devotos a tenham como verdadeira “mãe” de Viçosa.

A percepção de que Santa Rita atua como “mãe da comunidade” é ilustrada pela narrativa da engenheira florestal G., hoje com vinte e quatro anos. Nascida e criada na cidade de Juiz de Fora, G. mudou-se para Viçosa em 2000, quando iniciou sua graduação na Universidade Federal. Ela se qualifica como sendo “bastante devota” de Santa Rita e diz que frequenta a Igreja Matriz para “conversar com a Santa”. Seu olhar supostamente menos comprometido com a idéia de pertencimento natural dos viçosenses nos parece bem interessante.

Ao relatar sua experiência de participação na festa de Santa Rita ela afirma:

Fui uma, uma vez, eu fui na missa de manhã, né, missa de Santa Rita, mas não fiquei na festa lá, nunca participei da procissão, já vi a procissão, é, alguns anos, mas nunca participei, lá da procissão e tudo, só vi, só de fora, nunca participei, não ativamente assim...<sup>188</sup>

Indagada sobre suas lembranças e impressões da Festa da Santa em Viçosa, a devota diz:

Ah, eu lembro ... era tipo o pessoal bem assim, com bastante fé. Eles distribuem rosas pra todo mundo. É como se, parece que as pessoas vêem como se a Santa Rita fosse uma mãe, assim, né? Tipo pra todo mundo, assim como se ela fosse, tivesse um amor de mãe mesmo pelas pessoas. Eu não me lembro direito assim, fala nem nada não, mas o que eu senti era isso mesmo, o povo com muita fé, assim como se ela fosse uma mãe. Como se você tivesse com a Santa Rita, nada de ruim pudesse

---

<sup>186</sup> Entrevista com J.B..

<sup>187</sup> Entrevista com Dona Z..

<sup>188</sup> Entrevista com G..

acontecer ... como se igual o filho quando tá com a mãe, que nada de ruim acontece, né? Eu vejo, eu vi bastante isso nas missas assim.<sup>189</sup>

Um caso particular nos chamou a atenção, o do devoto J.B., hoje com cinquenta e quatro anos. Respondendo sobre sua devoção a Santa Rita, como e desde quando tinha se tornado devoto dela, ele assim comentou:

Eu fiquei conhecendo ela como padroeira de Viçosa, eu comecei a amar, né? Porque você ama aquilo que você conhece, se você não conhece não tem como você amar. Então quando a gente não tinha um grande conhecimento sobre ela a gente não... vamos dizer assim... nem lembrava, às vezes, né, no tempo de criança eu não me lembro de nada. Aí depois que chegou uma certa idade, que você começa a ver as comemorações, dia de Santa Rita, 22 de maio, é um dia que pára a cidade, é feriado na cidade, e não é feriado por acaso. É feriado porque é a padroeira da cidade, né, sendo como se fosse aniversário de um filho, né, é a mãe que tem que ter valor, né, porque se não fosse a mãe não existia o filho. Então, como Santa Rita é a nossa padroeira, a gente tem que amar e dar todo apoio, né? (...) Aqui em cima tem até uma imagem dela na parede... Nós temos a imagem dela, né? Porque eu acho que ela é nossa mãe e na casa do filho tem que ter o retrato da mãe, né? Se você tiver o retrato de todo mundo e não tiver o retrato da mãe, faltou alguma coisa, né?<sup>190</sup>

A associação de Santa Rita à figura de uma mãe é especialmente significativa nesse caso, considerando-se que a mãe de J.B., segundo sua narrativa, faleceu quando ele tinha doze anos de idade. Talvez ele tenha transferido o papel de sua mãe para Santa Rita. Para assegurar a proximidade dela, a presença da mãe “Santa Rita”, de modo que não lhe “falte nada”, J.B. toma como essencial ter a imagem dela na parede, num quadro que ele chama de “retrato”, termo mais pessoal, mais familiar que “quadro” ou “gravura”.

Percebida como mãe, Santa Rita “necessariamente” deveria ser amada e amar, além de oferecer diferentes formas de proteção, atributos importantes e creditados cultural e socialmente às mães.

A devoção do “povo viçosense” está estruturada *pelo* e *no* cotidiano da cidade, e manifesta-se tanto nas formas individuais quanto nas coletivas de expressão de fé, por vezes realizadas no âmbito privado da casa dos devotos, bem como em espaços públicos.

Diariamente em Viçosa há um intenso afluxo de pessoas que se deslocam até uma grande imagem de Santa Rita, localizada na entrada principal da Igreja Matriz, ou ainda até uma imagem menor da Santa, que fica no altar-mor desta mesma Igreja, a fim de fazerem

---

<sup>189</sup> Entrevista com G..

<sup>190</sup> Entrevista de J.B..

pedidos, agradeceram por graças alcançadas, ou apenas para “conversarem” com a Santa.<sup>191</sup> O fato de muitos devotos “visitarem” Santa Rita, independentemente de irem a Igreja para realizarem outras atividades, ilustra como a Santa é “alguém” com que se conversa; com quem se divide o cotidiano, tão grande é a sua presença no “íntimo” dos devotos.

Isso mostra, conforme salientou Renata Menezes, que apesar de algumas interpretações do senso comum apontarem que a relação dos devotos para com seus santos se estabeleceria apenas nos momentos críticos, o processo é mais complexo, pois “o santo é presença constante” e, ir saudar o santo, neste caso Santa Rita, seria uma forma de perpetuar a relação com ela.<sup>192</sup>

Ainda no que se refere à demarcação de um espaço público da devoção em Viçosa, é importante citar a existência de outras imagens da Santa. A mais antiga<sup>193</sup> está localizada no início da Avenida Santa Rita, na área central da cidade. Denotando o atual dinamismo do culto à Santa Rita, no ano de 2004 foi colocada uma nova imagem, de tamanho menor e envolta por uma redoma, no final da mesma avenida, no cruzamento desta com a Rua Gomes Barbosa.<sup>194</sup>

Um dos idealizadores desse novo “oratório” foi o professor J., que durante todos os quarenta e seis anos de sua vida morou na Rua Gomes Barbosa. O trecho a seguir, retirado de nossa entrevista com ele, esclarece bem os propósitos da colocação daquela segunda imagem na avenida:

Raquel: Mas aí essa idéia sua surgiu da sua experiência, de morador dali?

J.: É, de morador dali, é. De ver que eles tavam fazendo umas mudanças que o povo não tava gostando. Porque ficou uma parte da avenida Santa Rita e da Gomes Barbosa que não tava passando mais.

Raquel: Então, quer dizer, de certa forma, essa sua idéia foi uma idéia boa, porque agora a procissão vai até ...

J.: A meu ver, eu diria até estratégica, porque tendo a Santa lá, eles vão ter que passar, lá, uai! É tipo uma afronta, já que né, virava no Juca do Gás ali, dava a impressão de que aquilo lá não era Santa Rita. Aí mas já tem muita discussão isso.

<sup>191</sup>Fotos com estas imagens encontram-se respectivamente reproduzidas nas Ilustrações de número um e quatro.

<sup>192</sup>MENEZES, Renata de C. Saber pedir: a etiqueta do pedido ao santo. In: *Religião e Sociedade*. Vol. 24. n. 1. out. 2004, pp.49-51.

<sup>193</sup> Infelizmente não conseguimos nenhuma informação mais precisa sobre a data da colocação desta imagem nem em jornais, nem em documentos escritos ou nas entrevistas. A imagem está reproduzida na ilustração de número cinco.

<sup>194</sup> Esta imagem está reproduzida na ilustração de número seis.

Raquel: É interessante isso, porque um dia eu passei ali e disse, eu não entendi porque já tem uma na avenida Santa Rita e eu mesma não sabia que ali era Santa Rita.

J.: Eu já te falei, é estratégico, porque é o seguinte, a Santa Rita quem vem no sentido bairro centro, ela começa lá. E eu tô com esse plano há muito tempo.<sup>195</sup>

“As mudanças que o povo não tava gostando” referem-se à alteração que o ex-pároco da Igreja Matriz, Padre Elias, fez no itinerário previsto para a procissão no Programa da Festa de Santa Rita de Cássia, no ano de 2002. Segundo o depoimento de J.,

o Padre Elias, o outro padre que tava aí, ele... ele mudou o trajeto da procissão todinha. (...) *Mas foi um tumulto*, porque todo mundo andou demais, e todo lugar que cê passava, cê via tudo apagado e ninguém na janela... É, é ... pra mim foi a pior festa que já existiu. (...) Aí o padre mudou. Ele mudou de pirraça. Aí eu peguei, fui lá e tava falando com é... Ele tava falando no rádio, jogando piada, né? Falando que tem ruas na cidade que pensam que são *privilegiadas*. Porque eu fui, foi o pessoal todo é, até de fora, dessas cidades vizinhas, no dia seguinte da festa, a Rádio Montanhese ..o que foi de telefonema pra lá reclamando, como se a rádio fosse culpada, pra deixar o protesto. Falou que se for pra continuar daquele jeito, que nunca mais ninguém voltava. E o povo estranhou. Porque os moradores depois, eu gosto de investigar, eu gosto de ter argumento.<sup>196</sup>

O devoto descreve que ele teria procurado o Padre Elias a fim de esclarecer a mudança de trajeto e conta que uma contenda teria se instaurado em torno da questão, mobilizando outras pessoas:

Ele (o padre) fez um artigo, chamado “bem que foi avisado”. Porque, quando mudou a procissão pra essas ruas lá, teve muita reclamação. E não foi só da Gomes Barbosa, da Santa Rita, não. Foi da cidade de uma forma geral. Então, eles fizeram esse editorial, falando o seguinte: “tradição com t minúsculo”, entendeu? Tava falando o seguinte, que o povo, certas pessoas tavam achando ruim de passar em outras ruas, não sei o que lá, falando que é tradição passar, né, tais ruas, mas isso é tradição com t minúsculo. (...) Igual eu falei com ele: “ce apelou”. Por que é o seguinte, os outros lugares têm direito sim, porque a Santa é padroeira da cidade. Mas é ... passa lá, mas não deixa de passar nos outros lugares. Pra satisfazer, é, é ... Óh eu dando lição de moral no padre (risos). Pra satisfazer todo mundo, então faz uma coisa que agrada todo mundo. Agora, ter dado esse fora nos lugar que não teve nada? Sem a Gomes Barbosa e a Santa Rita, a cidade toda falou assim: “gente, parece que não existiu. Ficou um ano aqui, parece que não houve a festa”. Aí depois que eu fui, falei bastante, eu enfrentei, outras pessoas que eu influenciei também foram, a rádio tudinho... Aí no outro ano, quando chegou no mês de abril, eu falei assim, eu vou começar a indagar. Aí eu despistei, pedi uma moça, perguntei assim: “você tem o Semeando?” Esse jornalzinho sai de mês em mês. Aí a moça: “tenho”. Aí eu falei assim: “é que eu não vou poder vim a missa”, mas meu objetivo já era ver alguma coisa que eu pudesse preparar pra festa, porque já era abril... (...) Aí tava lá assim: “a partir desse ano a procissão de Santa Rita retornará

<sup>195</sup> Entrevista com J..

<sup>196</sup> Entrevista com J..

ao trajeto antigo”. Aí eu falei assim: “*Valeu, minha Rita!*” Aí voltou tudo, e não teve mudança.<sup>197</sup>

O depoimento de J. nos aponta que a devoção à Santa Rita, considerada pelos entrevistados como algo “tradicional” e elemento constitutivo de uma suposta “identidade viçosense”, é bastante dinâmica. Em resposta à mudança efetivada pelo Padre Elias no ano de 2002 os devotos se mobilizaram, dirigiram-se ao referido Padre para questioná-lo, e conseguiram que as ruas “tradicionais” fossem incorporadas ao itinerário da procissão em 2003.

Para assegurar que os próximos trajetos passassem pela Rua Gomes Barbosa, onde J. mora, este devoto conseguiu articular com os vizinhos a compra de uma imagem de Santa Rita de Cássia que foi colocada “estrategicamente” perto de sua casa. Em janeiro de 2005, poucos meses antes da Festa da Padroeira, o pedestal foi inaugurado numa cerimônia que contou com a benção da estátua, com fogos de artifício e com banda de música.

Esse dinamismo com o qual demarcaram um lugar “obrigatório” para a procissão passar, pode ser melhor compreendido sob a ótica de uma “dialética do espaço”, conforme explica o antropólogo Pierre Sanchis:

a Igreja tenta fechar o círculo da procissão em torno do santuário (que é seu), local em que sua autoridade é mais abrangente, ou então limitar o cortejo às ruas centrais, onde a cidade ou povoado afirmam sua dignidade através da solidez das casas e pela ordenação das ruas. Mas o povo quer o contrário: ampliar ao máximo o itinerário e integrar profundamente o sagrado na vida concreta e simples, fazê-lo acessível e próximo (...) enfim, quer familiarizá-lo e domesticá-lo.<sup>198</sup>

Embora reverenciada em todos os dias do ano, a devoção à Santa Rita parece ser especialmente abrilhantada no dia vinte e dois de maio, dia da “Festa da Padroeira” e feriado na cidade. Nesta ocasião muitas pessoas se dirigem a Viçosa para “visitá-la”.<sup>199</sup> São

<sup>197</sup> Entrevista com J.. É importante salientar que o devoto levou o jornal com o editorial que discutia a “tradição” nos mostrar durante a entrevista. Tal polêmica está no *Jornal Semeando*. Paróquia de Santa Rita de Cássia. Viçosa/MG. Junho de 2002. Ano II, n. 29.

<sup>198</sup> In: SANCHIS, Pierre. A caminhada ritual. In: *Religião e Sociedade*, n. 9, Rio, jun. 1983. p. 22.

<sup>199</sup> Conforme apontou Carlos Rodrigues Brandão, se fazem parte dos atributos de qualquer mediador sobrenatural as obrigações de socorro aos humanos, os fiéis, como compromisso, devem realizar atos rotineiros de confirmação da fidelidade ao padroeiro. BRANDÃO, C. *Os deuses*. p.192. Já para Eduardo Galvão, “as festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas com o objetivo do bem-estar da comunidade. Acredita-se firmemente que, se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa”. GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

viçosenses que não moram mais na cidade, ou devotos das regiões circunvizinhas, enfim, pessoas que procuram a Santa para “confirmarem” e “manterem” sua relação de devoção.

A Festa é hoje uma “tradição”<sup>200</sup> na região de Viçosa, sendo muito atrativa no calendário das festas religiosas da região, já que das cento e vinte e três paróquias da Arquidiocese de Mariana em apenas três igrejas, localizadas nas cidades de Viçosa, Santa Rita de Ouro Preto e Sericita, Rita de Cássia é titular.<sup>201</sup>

Apesar de o senso comum, em especial dos devotos, reproduzir a idéia de que haveria um momento coletivo de congraçamento da comunidade em torno da devoção a Santa Rita, sobretudo durante o momento festivo, é preciso observar, como nos adverte a historiadora Martha Abreu, que se a festa é local de encontro, neste encontro há diferentes interesses em jogo, sejam eles econômicos, políticos, culturais, entre outros.<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> A idéia que se reproduz sobre a Festa como “tradição” nos lembra a questão da “invenção das tradições”, defendida pelo historiador Eric Hobsbawn. Em Viçosa tal tradição tem sido continuamente reforçada em jornais, livros e pelos próprios devotos, e nos parece muito necessária diante dos diferentes movimentos religiosos que surgiram na cidade, sobretudo entre a segunda metade do século XX e os anos iniciais do XXI. Para se ter uma idéia do panorama religioso na atual cidade, Tancredo Cruz, S.S. Alvarenga e Ananias Silva registraram: sob o título de “igrejas, templos e congêneres” seis centros espíritas; nove igrejas católicas (entre capelas, igrejas, e as matrizes, de Santa Rita, de Nossa Senhora de Fátima, e de São Silvestre); vinte e três igrejas evangélicas; além de cinco que foram agregadas como “outros grupos” (duas da Igreja Cristã Maranata, Igreja Messiânica, Igreja Messiânica Mundial do Brasil, e Salão do Reino das Testemunhas de Jeová). Cf. CRUZ, ALVARENGA, e SILVA, op. cit., pp. 139-140. A eclosão destas novas igrejas pode ser pensada a partir e em relação com a proliferação destas novas igrejas no Brasil. Para isto, vale a pena conferir MONTES, Maria Luiza. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SCHWARCZ, Lilia M. de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol. 4. pp. 63-171.

<sup>201</sup>Esses dados foram retirados do último Guia Geral editado pela Arquidiocese de Mariana, no ano de 2000. Verificamos que na maioria das paróquias da Arquidiocese Nossa Senhora (mãe arquetípica e perfeita), é a mais invocada, com suas diferentes denominações, em quarenta e uma paróquias. Depois dela vêm São Sebastião, Santo Antônio e São José, com, respectivamente, quinze, quatorze, e dez paróquias. Jesus Cristo, também sob várias titulações, tem nove paróquias e depois dele Sant’Ana, com seis. Seguindo esta ordem decrescente, no mesmo patamar vêm Divino Espírito Santo e Santa Rita de Cássia, com quatro paróquias. Além desta, no rol da santidade feminina, estão Santa Bárbara, Santa Terezinha e Santa Efigênia, todas com apenas uma paróquia. Completando o quadro, são invocados ainda os seguintes santos nas paróquias: São Gonçalo e São João Batista - três; São Caetano, São Domingos de Gusmão, São Pedro e São Caetano - duas; Santíssima Trindade, Sagrada Família, São Miguel, São Silvestre, São Manuel, São Pio X, São Brás e Santo Amaro - uma. Cf. ARQUIDIOCESE DE MARIANA, Guia Geral, 2000, p. 146. Acervo da Secretaria da Igreja Matriz.

<sup>202</sup> Apesar de a Festa de Santa Rita de Cássia não se constituir em objeto central de nossa pesquisa, não poderíamos falar da devoção à Santa Rita sem nos remetermos à sua Festa em Viçosa. Para pensá-la, nos inspiramos em algumas considerações da historiadora Martha Abreu. Segundo esta autora, “as festas religiosas emergiram dos estudos de história cultural como um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos. (...) também foram valorizadas como um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores, tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações. ABREU, Martha. *O império do Divino, festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 37-38.

Na Festa de Santa Rita, a exemplo do que ocorre em outras festas de santos, as práticas sagradas realizadas em torno da Igreja misturam-se com as profanas.<sup>203</sup> Além das missas, das novenas, dos sermões e da procissão, nos Programas das Festas também são reservados espaços para as barracas de comidas e bebidas e para eventos como leilões, cavalgadas, shows, atividades culturais, entre outros.<sup>204</sup>

Muito do que observamos na Festa de Santa Rita lembra as características do chamado catolicismo luso-brasileiro da época colonial, marcado pelo caráter festivo que dava lugar à celebração. Esta afirmação não significa que estejamos lidando com a idéia de uma rígida “continuidade da história”. Apenas não podemos desconsiderar, respaldados pelas análises de Martha Abreu, de que ainda há heranças do catolicismo brasileiro colonial, “dentre eles a mistura do sagrado com o profano nas festas religiosas, a importância do culto aos santos e a teatralização da religião”.<sup>205</sup>

Se no período colonial a procissão transformava a religião num espetáculo, conforme sugeriu Gilberto Freyre, em Viçosa, ao menos entre os anos de 2003 e 2006, todo um cenário foi preparado para a sua concretização. Algumas ruas foram enfeitadas para a passagem do

---

<sup>203</sup> Sobre as relações sagrado/profano na estruturação das relações devocionais vale a pena conferir SOIHET, R. “Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890-1920)”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002; MATA, op. cit.; e MENEZES, R. C. *Devoção, Diversão e Poder*. Um estudo antropológico sobre a festa da Penha. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, 1987 (Dissertação de Mestrado).

<sup>204</sup> Registramos que o Programa da Festa de Santa Rita de Cássia em 2004 previa, além da fase preparatória com tríduos ou novenas nas comunidades, e missas na Igreja Matriz, atividades como cavalgada, carreata, lançamento de livros, apresentações teatrais e show sertanejo. Este programa faz parte de nosso acervo particular, e foi obtido através da doação de alguns devotos entrevistados.

<sup>205</sup> ABREU, op. cit., p. 35. Também encontramos outras semelhanças com aquele tipo de catolicismo estudado por esta autora. Como exemplo, citamos a questão dos fogos de artifício, que teriam sido motivo de grande interesse nas festas do século XIX. Em Viçosa muitos devotos reclamaram de uma alteração recentemente implementada nos programas das festas, a qual proíbe o uso de fogos na praça da Igreja Matriz. Tal interdição, segundo levantamos nos depoimentos, seria uma medida de precaução, justificada pelo fato de ter acontecido um acidente envolvendo queimaduras de fiéis numa festa na cidade de Barbacena, que teriam acarretado problemas para a administração eclesiástica. Em outros aspectos a devoção de Viçosa aparece como singular. Ao contrário de outras regiões do Brasil, em Viçosa não existiu uma irmandade de Santa Rita de Cássia que promovesse, como classicamente ocorria em outros lugares, a festa da Padroeira. Nesse sentido, é interessante observar que não encontramos nenhum tipo de documentação, seja no Livro de Tombo da Igreja Matriz, seja no acervo do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, que fizesse referência à existência de uma irmandade de Santa Rita na cidade. Até encontramos um compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, datada do início do século XX, mas nada sobre Santa Rita. Já Martha Abreu levantou atividades relacionadas a irmandade desta Santa no Rio de Janeiro, no século XIX (a qual também havia sido comentada por EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, p. 201-312.). Thereza Maia também encontrou referências da irmandade em Paraty. MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Paraty: religião e folclore*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1976, p. 84-86

cortejo e vasos e flores foram colocados nas janelas e varandas, sugerindo uma interação entre a casa e a rua.<sup>206</sup>

Sobre esta questão, Pierre Sanchis apontou que

a procissão representa um duplo movimento: a projeção do que é sagrado para fora do santuário, sua triunfante epifania à luz do dia e, paralelamente, uma sacralização do espaço. No primeiro caso, o objetivo é mostrar publicamente e, no segundo, ligar simbolicamente o trajeto do signo sagrado aos caminhos da vida cotidiana dos homens.<sup>207</sup>

Assim, o sagrado se associaria à cidade dos homens, pois a vida social também precisaria do sagrado. Por isso, a procissão seria uma manifestação sem dúvida sagrada, mas, segundo aquele autor, antes de tudo, significativamente social, e nela se costuma polarizar ao máximo a sensibilidade religiosa popular.<sup>208</sup>

Esta religiosidade parece ficar especialmente aguçada na procissão, quando da passagem do andor com a imagem da Santa, pois ela é considerada milagreira e, nesse sentido, chegar perto e benzer-se diante dela parece aproximar o fiel do sagrado. Conforme salientou Renata Menezes, “a imagem não apenas ‘evoca’ ou ‘representa’ o santo: ela o ‘presentifica’”.<sup>209</sup> Isso ajuda a explicar a disputa entre os devotos para conseguir ficar o mais próximo dela durante o percurso da procissão e também ajuda a compreensão da forma cuidadosa com a qual os devotos se referem à Santa.

Sobre esta questão o Sr. A., que há trinta e cinco anos é responsável pela confecção do andor de Santa Rita, tem uma interessante história para contar. Vejamos:

Eu não te contei a história do dedo? (...) O rapaz pegou a imagem pra mostrar pra mãe dele, pra levar pra botar no carro. Quando foi descendo bateu no galho da árvore e arrancou um tampãozinho do dedo assim, e o rapaz ficou muito amolado. Disse: “vão vê se nós .... ela”. Eu disse: “pó ficá tranqüilo”. Aí a mãe dele abraçou,

<sup>206</sup> Tomamos esse termo emprestado de Leila Algranti, quando explicou que, no período colonial, ao enfeitar suas casas, “a cidade e suas dependências se tornavam, assim, o palco para formas de sociabilidades, visto que as grandes distâncias que separavam os moradores, as dificuldades de transporte, dificultavam os encontros e a convivência dos colonos”. ALGRANTI, Leila M. “Famílias e vida doméstica”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 113-114. Pode-se conferir esta questão na ilustração de número sete.

<sup>207</sup> Este autor também afirma que haveria uma “dialética do espaço: SANCHIS, *A caminhada...*, p. 22.

<sup>208</sup> Idem, p. 16.

<sup>209</sup> Cf. esta questão na referência que Renata Menezes fez dos trabalhos de BROWN, op. Cit ; TURNER, V.; TURNER, E. *Image and pilgrimage in Christian culture: anthropological perspectives*. Oxford, Basil Blackwell, 1978; CHRISTIAN, W. *Local religion in sixteen-century Spain*. Princeton: Princeton University Press, 1981. MENEZES, *A dinamica ...* p. 240.

chorô. Com pouco, eu levei ela lá pro sítio, chegô lá eu coleí ela direitinho. Fui, falei com ele: “aí Zé Maria, oh, ela deve tá sentindo muita dor”. Mas era brincadeira, né? Quando é à noite ele sai aqui na procissão, solta um foguete, pega fogo pra lá, eu disse: “pula lá, Zé Maria!” Ele pulou lá, sapateou lá e não queimou nada não. Chegou depois ele disse: “oh o que que eu queimei aqui (Sr. A. mostra a ponta do dedo).

Raquel: Quer dizer, o dedo que ele tinha encostado na Santa que ele queimou?

Sr. A.: É, queimou. Quer dizer, eu falei: “é pra você ver o que ela sentiu” (risos).

Raquel: E aí o que que ele falou?

Sr. A.: É mesmo, mas eu to feliz com a dor. Eu falei: “pois é, assim são as coisas”. Porque o sujeito não... faz as coisas. Eles acham que o santo tem que chegar aqui, Santa Rita tem que descer ali pra bater tambor porque você pediu. E não acontece, nunca.<sup>210</sup>

Sob a égide da proteção e da idéia de integração social os devotos conferem diferentes versões, apropriações, e articulam práticas em torno da devoção. As falas reproduzem representações que vão se perpetuando, e se consolidando como “memória”, como ilustra a fala de Dona Z.:

O que tem de Rita em Viçosa, é muita coisa. É muita gente que tem o nome de Rita. E a questão de vestir também é muito comum, as pessoas se vestindo de Santa Rita no dia da festa... e o uso de medalhas... novena de Santa Rita, é o que a gente mais vende aqui na loja...oração de Santa Rita... Então tudo relacionado à vida de Santa Rita tem uma, uma participação muito grande na vida do povo de Viçosa.<sup>211</sup>

---

<sup>210</sup> Entrevista com o senhor A.. Reproduzimos uma foto com o andor do ano de 2006 na ilustração de número oito.

<sup>211</sup> Entrevista de Dona Z..

## 2.2. “Santas Ritas” da procissão, “Ritas” de Viçosa.



Procissão de Santa Rita de Cássia. Festa de 22 de maio de 2006. Foto de Leandro Gomide

Viçosa, terra de muitas mulheres chamadas “Rita de Cássia” é também, na época da Festa da Padroeira, a cidade de várias “Santas Ritas”. Um desavisado visitante se surpreenderia diante das várias mulheres que saem às ruas vestidas de “Santa Rita de Cássia” durante a tradicional procissão realizada no dia 22 de maio, data em que se festeja Santa Rita.

Elas são bebês, crianças, jovens, adultas, idosas, solteiras, casadas, viúvas, mulheres de diferentes origens sociais, profissões, faixas etárias e etnias que buscam aproximar-se de Santa Rita de Cássia utilizando uma vestimenta que se assemelha ao hábito da ex-monja agostiniana. Para compor a indumentária algumas devotas também se valem da utilização de alguns atributos<sup>212</sup> de Santa Rita de Cássia, tais como terço, o crucifixo e a rosa.<sup>213</sup>

<sup>212</sup> Os atributos são elementos específicos e particulares de cada santo, que o distingue dos demais, e estão sempre relacionados aos seus respectivos relatos hagiográficos. O *Dictionnaire iconographique des saints* relaciona os seguintes atributos de Santa Rita de Cássia: “abeilles qui sortent de sa bouche, lorsqu’elle est nouveau-née; anges qui volent autour et lui tendent la couronne de fleurs; autel devant lequel elle est agenouillée; couronne d’épines qu’elle serre sur sa poitrine; crucifix sur pied, dardant un rayon; crucifix qu’elle tient à la main, responsable de son stigmatisme au front; rayon lumineux qui part de la tête de Jésus et frappe son front; rosier qui pousse près d’elle ou qu’elle tient dans le bras; rose qui fleurit en hiver; trou dans le front, impact du rayon lumineux”. *DICTIONNAIRE ICONOGRAPHIQUE DES SAINTS*. Bernard Berthod, Elisabeth Hardouin-Fugier; dessins de Camille Deprez, Les Editions de l'Amateur, Paris, 1999, p.4.

<sup>213</sup> Percebemos que a rosa tem uma importância grande para os fiéis. No dia da Festa há uma missa solene que popularmente ficou conhecida como Missa das Rosas, na qual os fiéis recebem rosas aspergidas numa água que tem odor de flores. Há uma foto desta missa na Ilustração de número nove.



Procissão de Santa Rita de Cássia. Festa de 22 de maio de 2006. Foto de Leandro Gomide

Observando as imagens percebemos que a devota procurou vestir-se de acordo com representações iconográficas de Santa Rita de Cássia que são retratadas nas imagens, santinhos, livros e outros artigos religiosos. A estátua acima traz uma representação bastante comum de Santa Rita, sendo uma das imagens mais amplamente divulgadas desta Santa<sup>214</sup>.

Notamos que a devota também se preocupa em marcar a pele com batom, numa referência à cicatriz na fronte da Santa, como em geral fazem a maioria das devotas que se vestem. Tão significativo, ou mais do que as vestes, esse sinal seria “o detalhe” que identifica Santa Rita, diferenciando-a dos demais santos.

Conforme afirma J. Tavares, ainda que outros santos tenham sofrido estigmatizações e que sejam representados com chagas, apenas Santa Rita tem o estigma na fronte, símbolo do

<sup>214</sup>Esta afirmação baseia-se numa pesquisa que foi realizada nas seguintes cidades: Viçosa, Juiz de Fora, Niterói, e no Santuário de Nossa Senhora Aparecida (SP). Buscamos levantar o máximo de produtos que conseguimos sobre Santa Rita, alguns dos quais, inclusive, acabamos comprando. Encontramos livros, novenas, santinhos, orações, marcadores de páginas, medalhas, correntes, pulseiras, terços, cd's, adesivos, cartões, imagens de gesso, entre outros artigos. Vale registrar que esta imagem também foi bastante encontrada em páginas de sítios eletrônicos da Internet.

sofrimento que ela pediu para compartilhar com Jesus.<sup>215</sup> As fotos abaixo são bastante elucidativas:



Apesar de muitos entrevistados terem afirmado que a presença destas “Santas Ritas” é antiga e que se constitui em um dos principais atrativos e diferenciais da Festa, não encontramos nenhuma referência deste fato na literatura específica de Viçosa.<sup>216</sup>

Pesquisando em alguns trabalhos acadêmicos descobrimos que o hábito de vestir as pessoas com roupas de santos era comum na época medieval portuguesa. Porém este hábito estava associado às pessoas mortas, que muitas vezes eram vestidas com mortalhas brancas.

Sobre o uso da roupa de santos no Brasil, encontramos relatos nas obras de alguns estrangeiros que viajaram pelo País durante o século XIX. Em seus diários de viagem eles registraram que tal hábito era comum nos cortejos fúnebres de algumas regiões brasileiras.<sup>217</sup>

<sup>215</sup>TAVARES, J. Campos. *Dicionários de Santos*. Porto: Lello, 1990, p. 189.

<sup>216</sup> Referimo-nos às seguintes obras: PANIAGO, op. cit., e às dos Cônegos J.G.V. Carvalho e Joaquim Quintão e também os de ALENCAR, Alexandre. *Fatos e vultos de Viçosa*. Belo Horizonte: Editora Santa Maria, 1959; e PANIAGO, *Viçosa – tradições e folclore*. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1983.

Em tais cortejos, de acordo com João José Reis,

o uso dessas mortalhas piedosas sugere um apelo à proteção dos santos nelas invocados, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o Além, atenção com a alma em sua peregrinação expiatória e com a ressurreição no dia do Juízo Final. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se mais perto de Deus, antecipando participação na Corte Divina. A roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração ditosa no mundo deles, mesmo que lá o endereço nem sempre fosse o mesmo.<sup>218</sup>

Apesar das mortalhas em geral serem brancas, João Reis afirma que o uso da cor preta nas roupas mortuárias aumentou a partir do século XIX no Rio de Janeiro, Salvador, e até no interior, inclusive entre os escravos. Curiosamente este autor afirma que

na corte o preto teria se difundido principalmente entre mulheres casadas. Quando combinado com um crucifixo em volta do pescoço, obtinha-se o **hábito de Santa Rita, protetora dos que sofrem.**<sup>219</sup> (grifo nosso)

Esta foi a única referência que localizamos sobre o uso do hábito de Santa Rita de Cássia, e mesmo assim não se trata de mulheres vivas, tornando o caso de Viçosa singular. Aliás, no que tange ao hábito de enterrar mulheres vestidas de Santa Rita, verificamos que em Viçosa esta não é uma prática comum.

Segundo afirmaram os devotos, vestir-se como Santa Rita está muitas vezes relacionado ao pagamento de promessas, como ilustram as seguintes falas:

<sup>217</sup> Cf. VAILATI, Luis Lima. Os funerais de ‘anjinhos’ na literatura de viagem. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 22, n. 44. São Paulo, 2002. Neste artigo o autor cita os relatos deixados por viajantes que percorreram o Brasil, nos quais os viajantes descreveram o hábito de vestir os mortos de santos e anjos. Segundo Vailati, “as vestes de anjos eram bastante utilizadas, sobretudo em crianças mortas, e a associação entre a figura do anjo e a criança ficava evidenciada no próprio uso do termo ‘anjinho’ para ela. Acreditava-se que o santo protetor em vida não faltaria à criança na hora da morte, e assim era comum vestir as crianças mortas de frades, freiras, anjos e, sobretudo, com o hábito do santo de seu nome. No caso de meninas, teria sido comum o uso de mortalhas de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores. Este autor comenta que Daniel Kidder e Jean Debret teriam registrado o uso do pano branco como mortalhas entre as pessoas de camadas mais humildes, sobretudo entre escravos. Já Tomas Ewbank teria afirmado que “quando se veste de São João o cadáver de um menino, coloca-se uma pena em uma das mãos e um livro na outra. Quando é enterrado como São José, um bordão coroado de flores toma o lugar da pena (...) A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz (...) ‘As meninas representam madonas’. Também sobre este assunto é clássico o trabalho de João José Reis, o qual mostra que o uso da roupa dos santos ligados à procriação estava relacionado, para além da questão da salvação do morto, com a manutenção da linhagem filial. Ou seja, na perda de um filho, seria prudente tentar assegurar a possibilidade da chegada de outro. REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>218</sup> REIS, João J. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. In: *História da vida privada no Brasil*. Império: a corte e a modernidade nacional. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e ALENCASTRO, Luis F. de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 115.

<sup>219</sup> Idem, p. 111-112.

É, a maioria é promessa e tem as que fazem homenagem, né, pra Santa Rita, mas a maioria é promessa para Santa Rita, é promessa pra Santa Rita.<sup>220</sup>

Vão, aí são devotas, são promessas que fazem, crianças maiores, menores, gente descalço, né? Isso ai é promessas delas de vestir.<sup>221</sup>

Ao se vestirem tais mulheres não estão ali como figurantes ou “atrizes” da procissão, como acontecia em algumas romarias portuguesas que foram estudadas por Pierre Sanchis.<sup>222</sup> Mas é significativo que elas exteriorizem a devoção. Em certa medida, este costume pode ser pensado com base nas questões levantadas por João Reis para o uso de hábitos pelos mortos, no que se refere à tentativa de aproximação com seu protetor ou com um certo “desejo de graça”.

As “Santas Ritas”, como são conhecidas na cidade de Viçosa, saem às ruas num dos momentos mais esperados da Festa da Padroeira<sup>223</sup>, que é o da procissão.

Alguns indícios nos apontam que os motivos das promessas variam conforme a faixa etária das devotas. Mas as promessas, em si, envolvem uma precisão. Segundo Renata Menezes, elas definem uma retribuição ao santo, em troca daquilo que se pretende alcançar, e deve ser paga, ou seja, saldada para que o beneficiário fique devidamente desobrigado.<sup>224</sup>

No caso das devotas adultas, por exemplo, encontramos evidências de que problemas de relacionamento afetivo estão entre os que mais as levam a se vestirem de Santa Rita. Um episódio narrado durante a conversa que mantivemos com a catequista M.G., de cinquenta e oito anos, é bastante ilustrativo desta questão. No momento em que conversávamos sobre o exemplo deixado pela vida conjugal de Santa Rita de Cássia, ela comentou:

É, a pessoa que se identificar pode se espelhar nela, né? Eu conheço assim, uma família, né, que o filho era casado, e... aí começou a arrumar outras namoradas, né? E a mãe ficou muito triste com isso, porque mãe não quer, né? E o filho estava mesmo saindo de casa, e tal. Aí ela fez promessa pra Santa Rita: se o filho largasse, porque às vezes pensa que é o contrário, mas era o filho que estava largando a mulher. *Então ela fez a promessa né, de vestir de Santa Rita. Então ela estava*

<sup>220</sup> Entrevista de M.C..

<sup>221</sup> Entrevista de S.S.

<sup>222</sup> O autor fala do costume de se convocarem moças para representarem Santas (Maria, Catarina, Madalena e Clara) durante as procissões de Corpus Christi em Portugal, no século XVI e também de figurantes vestidos a caráter para a procissão de São Torquato. SANCHIS, *A caminhada...*, pp. 16; 18-19.

<sup>223</sup> Mas o programa da Festa inclui outras atividades, tais como a Missa Solene, as novenas nas comunidades e na Igreja Matriz, além de encenações teatrais sobre a história da vida da Santa. Em geral são realizadas em torno de cinco missas naquele dia, mas a missa das dez horas, também chamada de “missa das rosas”, é a mais solene, é concelebrada (por vários membros da hierarquia eclesiástica e, em alguns anos, contou com a participação do Bispo de Mariana) e também concorrida, segundo os fiéis, pela pompa do ritual.

<sup>224</sup> BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions Indo-Europeennes*. Paris: Minuit, 1969, APUD MENEZES, Saber pedir..., p. 52.

morando em Juiz de Fora. Ela é daqui, mas estava morando em Juiz de Fora, aí o filho largou mesmo a amante e voltou pra mulher. *Aí ela veio pra cumprir a promessa.* Mas ela não contou pra ninguém em casa. Ela veio com a roupa na sacola, e vestiu e acompanhou a procissão e quando ela chegou em casa vestida de Santa Rita é que a família percebeu que ela tinha feito isso. Aí o pessoal ficou tudo admirado! (...) A mãe do rapaz. Porque as vezes a mulher larga o marido, a mãe quer que volta pro filho dela, né? Ela não. Era o filho que tinha separado e ela rezou pra ele largar a amante e voltar pra mulher dele, né? E a mulher aceitar também, porque de repente quando volta a mulher já não aceita mais. *Então realmente ele voltou e ela cumpriu a promessa.*<sup>225</sup> (grifo nosso)

O caso da devota relatada por M.G. ilustra ainda que as possibilidades de relacionamentos com os santos, nesse caso Santa Rita, podem ser variadas. Ao fazer a promessa para o filho sem que ele soubesse, a mãe tornou-se uma “mediadora por Excelência”.<sup>226</sup> O fato de não ter sido a beneficiária direta da promessa também indica como muitas mulheres incorporam certas determinações de gênero que atribuem a elas o poder de oração no seio da família.

No caso das crianças que seguem na procissão vestidas de Santas Ritas,<sup>227</sup> constatamos que na maioria das vezes o uso da veste está relacionado a pedidos de curas atendidas. Em algumas situações os problemas de saúde são bem cotidianos, conforme percebemos no depoimento de M.C., que vestiu sua filha quando pequena:

(...) ela tinha uns seis anos, sete anos, porque elas eram tudo pequenininhas, né? Aí, geralmente na festa de Santa Rita os meus parentes de Porto Firme vinham todos, as crianças ficavam todas lá em casa. Tinha dia que almoçava lá em casa umas vinte pessoas, e era *um milagre* que a comida dava pra todo mundo. Inclusive minha avó falou comigo uma vez: “engraçado, suas panelas não são tão grandes... (risos) ... e come todo mundo”, mas todo mundo comia e sobrava comida. E uns dois ou três anos assim, que eu não pude participar da procissão de Santa Rita que as meninas estavam muito gripadas, né, aí eu falei com minha avó... Ela falou assim: “vamos na procissão”, eu falei assim: “não as minhas meninas estão tossindo muito” ... e muito frio mês de maio, né? (...) Aí ela falou: “ah minha filha, vamos fazer assim, ano que vem *você veste as meninas de Santa Rita, Santa Rita vai ajudar e vai acabar essas complicações de gripe*”. Um gripes muito fortes, a Roseli, a mais velha tinha uma tosse... Era uma tosse seca, alérgica e tossia a noite inteira e ficava tomando esses remédios, o alívio era muito pouco mas... Aí quando foi o ano seguinte minha avó tinha falecido, aí nesse ano eu não vesti as meninas não (...) Aí no ano seguinte eu vesti, eu vesti a Solange, mas também não tive mais

<sup>225</sup> Entrevista de M.G..

<sup>226</sup> Este termo é da antropóloga Renata Menezes, a qual afirma que esta prática de o devoto “pedir para” pode se dar porque o devoto foi solicitado por outrem, ou porque o devoto achava que outra pessoa precisava, ou, segundo esta autora teria encontrado em sua pesquisa de campo no Convento de Santo Antônio, ainda há casos em que o devoto que pedia às vezes assinava como se fosse o emissor do pedido. Cf. MENEZES, Saber ... p. 55. Esta questão mostra o quanto a relação com o santo é complexa, ao contrário do que sugerem algumas interpretações, tais como a da historiadora Martha Abreu, quando afirmou que nas relações de devoção haveria um “comércio espiritual com os santos, estabelecido na relação entre as promessas e/ou esmoladas ofertadas, por um lado, e a obtenção de graças e/ou castigos por outro”. Cf. ABREU, *O Império...* p. 57

<sup>227</sup> Imagens destas crianças podem ser conferidas nas ilustrações de número doze, treze e quatorze.

problema de gripe com minhas meninas. Nem lembro disso, não teve mais problema de gripe com as meninas, essas tosses, essas coisas não! Só tinha as gripes, né? Mas não como era, com febre, aquele mal-estar, né, que é horrível, né, você olhar uma criança assim toda congestionada, tossindo, assim, e a gente não pode fazer nada, né? Acabou os problemas de complicação de gripe.<sup>228</sup>

Várias questões nos chamaram a atenção no caso relatado por M.C.. Inicialmente é bom atentar para o fato de que em momento algum a avó da devota chegou a fazer uma promessa para Santa Rita ajudar a curar a tosse das netas. Mas, quando ela diz “você veste as meninas de Santa Rita, Santa Rita vai ajudar e vai acabar essas complicações de gripe”, pensamos na questão levantada por Renata Menezes, sobre uma certa tentativa de “seduzir o santo”, no sentido de torná-lo propenso a conceder a graça.<sup>229</sup> Mesmo que a cura da tosse não tenha sido explicitada como um pedido, a forma pela qual a avó disse a M.C. sugere uma tentativa de “comover” a Santa.

Durante todo o depoimento M.C. se refere à avó ‘devotíssima’ como tendo um papel central perante a família, sobretudo no que tange à perpetuação das crenças e das práticas religiosas. Assim, por intermédio da crença na sua força espiritual, igualmente predicado do gênero feminino, a avó<sup>230</sup>, na concepção da devota, cumpria bem o seu ‘papel’.

Na maioria dos casos observados a idéia de vestir a criança partiu sobretudo da vontade de mulheres devotas - mães, tias, avós ou amigas. O fato das mães ou das avós atrelarem a cura de uma doença aos poderes de Santa Rita de Cássia, a ponto de levá-las a vestirem as meninas como ‘Ela’, reforça a idéia de que os cuidados para com a família têm sido responsabilidade, segundo os padrões socialmente atribuídos aos gêneros, das mulheres.

Um outro caso ajuda a ilustrar a questão do vestir as crianças de Santa. Dona E., uma senhora que hoje tem setenta e dois anos, disse ter vestido sua filha S. aos dois anos de idade. Explicando-nos sobre um sério problema de doença que teria quase matado sua filha quando ela tinha dois anos de idade, a devota comenta:

Ela passou mal aqui em Viçosa e não tinha um médico dentro de Viçosa. Porque antigamente era muito difícil, e ela tava com dois ano e um mês. Aí eu levei ela lá no

<sup>228</sup> Entrevista de M.C.

<sup>229</sup> Renata Menezes analisou diferentes formas de relação entre os devotos e os santos, sobretudo os pedidos que eram dirigidos a Santo Antônio, no Convento de Santo Antônio e concluiu que havia diversas formas de articulação, ou lógicas, que orientariam o pedir. Ela afirma que “pedir se torna parte de um conjunto mais amplo de trocas, numa relação personalizada, de intimidade com os santos”. Também discorre sobre a existência de uma certa etiqueta do pedido, isto é, ele seria feito dentro de certos limites, e para ser eficaz a pessoa tem que ser acostumada a pedir, deve ser capaz de jogar com a forma e o conteúdo do pedido, e ainda manejar estratégias para conseguir que ele se realize. MENEZES, Saber ... pp. 57-62.

<sup>230</sup> Sobre esta questão Cf. LEITE, Iolanda Lourenço. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel, 2004.

farmacêutico. Ai ele pegou, receitou um remédio e ela ficou pior ainda. Ai quando foi no outro dia ela amanheceu ruim pra danar. Aí tinha um medico aqui em viçosa que se chamava doutor Altamilho.

(...)

Ai ele ... ele não ia no hospital não, porque ce sabe essas briga que tem negócio de medico, porque ele tinha o escritório dele lá no Balaústre. Aí eu levei a Silvinha lá, aí ele pegou e falou comigo “eu não posso olhar essa menina, porque ela ta muito ruim. O caso dela é internar, então eu vou te dar um papel por escrito”. E me deu e eu levei ela lá pro hospital. E ela morre, que não morre, então o hospital pegou, liberou ele pra ir lá pra cuidar dela.

(...)

Ai eles chamaram ele lá no hospital, ai ele foi lá, pra cuidar da menina, né? Que ela tava ruim, *mas ruim mesmo*. Aí ele falou assim “nós vamos tentar fazer uma tubagem.” Eu sei que eles enfiaram uma bomba dentro do nariz dela pra tirar tudo que tinha dentro do estomago lá e aí que ela ficou *mais ruim* ainda. Aí que ele falou que ela ia morrer. Então os médico falou assim: “se vocês fez promessa, cês desmancha, porque ela não vai passar desta noite.

(...)

Que ela tava em coma, tava ruim, *mas ruim mesmo*. Aí eu cheguei aqui e falei com a minha prima. Ela chamava, ela chama S., mas a minha prima chamava ela de Binha. Aí ela falou: “e Binha, melhorou?”. Eu falei assim: “eu vim buscar o pai, que ela não passa dessa noite”. Aí ela pegou e ajoelhou ai em frente dessa janela aqui e falou “Santa Rita vai trazer ela”. Foi numa terça feira. Quando foi noutro dia quarta-feira, seis horas da manhã, quando os sino tava repicando ela chorou. E foi só melhorando, melhorando, e ela taí, com trinta e cinco anos.<sup>231</sup>

Este depoimento nos remete a várias questões. Novamente foram as mulheres que, diante da doença, confiaram a Santa Rita de Cássia a responsabilidade sobre os cuidados com a criança, papel que cabia a elas exercerem, posto que eram ‘mulheres’, mães e avós. Dona E., uma dona de casa, tomou todas as providências para cuidar da filha, enquanto o marido, que trabalhava fora, foi avisado apenas à noite.

A expressão “Santa Rita vai trazer ela”, pronunciada pela prima de Dona E., pode ser percebida como algo a que a Santa não teria como se esquivar ou fugir. Cabia à Santa Rita trazer a menina, isto é, salvá-la da iminência da morte. É interessante que nenhuma dessas devotas fizeram um pedido explícito à Santa. Elas depositavam em Santa Rita uma confiança baseada numa relação que já havia sido estabelecida anteriormente.

Como a menina S. foi curada, frente a todas as dificuldades enfrentadas por aquela comunidade desassistida das “artes médicas”, sobretudo considerando que o próprio médico a havia “desenganado”, a cura foi atribuída a um milagre operado por Santa Rita de Cássia, a “Santa das causas impossíveis”.

---

<sup>231</sup> Entrevista de Dona E..

É bastante significativo que a criança tenha chorado, saído do coma, “quando o sino tava repicando”, às seis da manhã, hora do *ângelus*. O historiador Luiz Mott ressalta a importância que as orações marcadas pelas badaladas dos sinos tiveram no cotidiano das pequenas cidades no Brasil colonial<sup>232</sup>, o que ainda hoje persiste em lugares como Viçosa<sup>233</sup>, e nas crenças de certos fiéis, como é o caso de Dona E..

Ainda que a mãe de S. ou a sua prima não tivesse *prometido* vestir a criança de Santa, a cura fez com que elas se mobilizassem, e ela resolveu mandar confeccionar uma roupinha, com a qual levou a filha para a procissão, no ano seguinte.<sup>234</sup>

Observamos, portanto, que a idéia de vestir-se de Santa é, na quase totalidade dos casos, determinada pela vontade *das* mulheres devotas.<sup>235</sup> Pelo menos, isso é o que inferimos, com base no fato de que nenhuma das pessoas entrevistadas ou com as quais mantivemos conversas informais comentou, por exemplo, que a sugestão de vestir uma filha tivesse partido de um pai, ainda que ele também fosse bastante devoto. Isso não significa que o pai discorde que a mãe vista a filha. Ao contrário, alguns até carregam as filhas na procissão, como vimos na primeira foto apresentada com as “Santas Ritas”; mas, em geral, eles não se envolvem *diretamente* nos assuntos ditos religiosos, culturalmente classificados como assunto de ‘mulheres’.

Embora a tradição de vestir-se de Santa Rita esteja visivelmente mais associada ao momento da procissão, no qual a pessoa atesta em público o poder de Santa Rita, ou a força de sua devoção particular na Santa, encontramos casos em que o “vestir-se” aparece de forma curiosa, em outras situações.

---

<sup>232</sup> Essas horas canônicas (desde a Idade Média) seriam ocasiões especiais de comunicação da alma com o Criador, e “quando menos as três principais horas litúrgicas costumavam ser marcadas por badaladas especiais dos sinos das igrejas e casas pias, obrigando, nos momentos de maior significado simbólico do dia, os moradores das vizinhanças a lembrarem-se de rezar: às seis da manhã – hora do *ângelus*, ao meio-dia – a hora em que o diabo está solto – e às seis da tarde, hora das *ave-marias*”. MOTT, op. cit., p. 163-164.

<sup>233</sup> É preciso registrar que ainda hoje a Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia marca todas as horas do dia, conforme comentou o Senhor A., responsável pelo sino da igreja: “Lá em cima tem esses três sinos, ele dá a badalada das horas, e bate os três sinos, sacode, tudo no mesmo motor (...) Antes da hora ele vai batendo os quartos, né? Vai batendo os quartos. Depois quando dá na hora ele bate oito vezes. Uma e quinze, por exemplo: duas badaladas. Duas e meia: quatro. Quinze: seis. Se ele mais ou menos sabe que é duas horas, é duas e quinze, né? Então ele é muito bem feito. Muito bem feito aquele relógio, mas se não é a gente aqui!” Cf. entrevista do Sr. A..

<sup>234</sup> Durante a entrevista D. E. mandou chamar sua filha Sílvia, que estava na casa da vizinha, para que ela pudesse nos mostrar a roupinha, guardada, segundo elas, com “muito cuidado” até hoje. Achemos interessante reproduzir esta roupa, que colocamos na Ilustração de número dez.

<sup>235</sup> Ouvimos ainda o relato de um caso bem singular, de uma mulher que, também tendo feito promessa diante de um problema de saúde de seu filho, teria vestido o menino de Santa Rita de Cássia, quando criança, já que ela não tinha uma filha para vestir com a roupa da Santa. Essa história foi contada pelo devoto J., no final de nossa entrevista, quando já tínhamos, inclusive, desligado o gravador. Infelizmente, em função de algumas dificuldades, tais como a do tempo para o trabalho de pesquisa no campo, não pudemos verificar e procurar a pessoa citada por J., mas achamos conveniente registrar este caso aqui.

Comentando sobre a devoção de sua família à Santa Rita de Cássia M.C., devota já citada, nos contou uma peculiaridade:

Minha sobrinha criada chama Rita de Cássia, também, né? E nasceu com ... ela respirou o líquido amniótico. Então o médico achava que ela não tinha condições de se salvar, ficou lá, naquele... Ficou lá na incubadora, né? Ficou lá um tempo e escapou graças a promessa que minha cunhada fez pra Santa Rita, dela batizar vestida de Santa Rita...E eu e meu marido fomos padrinhos de batismo. (...) E aí o padre Carlos falou assim: “vai batizar essa menina vestida de Santa Rita, daqui a pouco vai tá todo mundo trazendo menina pra batizar vestida de Santa Rita!” Aí eu peguei e falei assim: “não padre. Ela ... a minha cunhada fez uma promessa, antes dela nascer ela respirou líquido amniótico e ela pediu a proteção de Santa Rita e a menina escapou”. Aí ele deixou batizar a menina vestida de Santa Rita. Na mesma hora ele falou assim: “pode batizar a menina vestida de Santa Rita.”<sup>236</sup>

Essa história nos parece bem mais singular em relação àquelas narradas anteriormente, uma vez que, para a promessa ser cumprida, dependia da autorização do padre, que faria o batismo. Apesar de ter ficado receoso a respeito de se batizar a menina vestida de Santa, por pensar que aquele hábito (literalmente) pudesse virar moda, o Padre acabou cedendo, e permitiu que ela fosse batizada. Talvez por causa de suas relações de compadrio com M.C., já que ele era padrinho de uma de suas filhas; talvez pela importância que o batismo tem para a liturgia católica, já que era por intermédio dele que a criança era integrada à comunidade católica<sup>237</sup>, e o padre não poderia negar isso à devota.

Como vimos, a menina não apenas foi batizada com a roupa de Santa Rita, mas ainda recebeu seu nome. Aliás, é bom registrar que o nome da Santa foi tomado de empréstimo por várias pessoas da família de M.C., inclusive por ela mesma:

A minha menina caçula, eu queria por nela o nome de Rita de Cássia, mas as outras não queriam, né, elas são quatro, né, ela é a quarta, elas queriam por nome nela de Daniele, aí eu pus *Margarita*, que é o nome original de Santa Rita, que Rita é apelido, Santa Rita chamava Margarita, mas aí eles pegaram só o final, né? Aí ficou Rita. (...) O nome original de Santa Rita é Margarita, então essa menina chama Margarita. (...) ela chama Margarita Daniele, porque pra mim por Rita Daniele eu não queria, então vou por o nome original de Santa Rita, então eu pus o nome nela de Margarita Daniele.<sup>238</sup>

Além do vestir-se de Santa Rita, é também visível que em Viçosa há várias mulheres chamadas ‘Rita de Cássia’. Nossa pesquisa revelou que no primeiro livro de registros de

<sup>236</sup> Entrevista com M.C..

<sup>237</sup> Sobre esta questão cf. PRIORE, Mary Del. “Ritos da Vida Privada”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 311.

<sup>238</sup> Entrevista com M.C..

batizados da capela, datado de 1813, já havia um número significativo de meninas que receberam o nome de Rita, Rita de Cássia, ou mesmo Margarida, entre as quais se encontravam filhas de brancos, de negros, e até mesmo de índias puris com brancos.<sup>239</sup>

Este é um costume que permanece até hoje, como nos indica a fala da devota S.S.:

Tem umas que chama Rita, umas que chama Cássia, né? (...) Quer dizer, sempre tem um, é muito difícil, mas tem bastante Rita de Cássia. (...) É muita gente que tem, mas que a gente, que eu conheço, são umas quatro só que tem Rita de Cássia. Eu conheço Rita, eu conheço Cássia, mas é tudo referente à Santa.<sup>240</sup>

Nem sempre a opção pelo nome da Santa é resultado de uma promessa, como diz S.S.:

Não são promessas, não. (...) Umás porque gostou também, né, e coincidiu, coincidiu. Agora uma que eu conheço, Rita de Cássia. (...) Aí ela colocou Rita de Cássia, aí a menina queria com 10 anos queria que queria mudar o nome de tudo quanto é jeito. Depois com dezoito anos ela falou assim, não, minha mãe me deu esse nome, é devido a Santa, é devoção a Santa, aí aceitou, aí aceitou, mas é porque os outros mexiam com ela, né... Rita de Cássia, Rita cabrita (riso). Então é por isso, coisa de criança, né? <sup>241</sup>

Percebemos que a intimidade e a aproximação do devoto com o santo pode se iniciar antes do nascimento da criança, ou ser favorecida por eventuais problemas na gravidez da mãe, que escolhe o nome da Santa para a filha.<sup>242</sup> O que não significa, necessariamente, que a menina batizada goste do nome, como percebemos na situação descrita acima, ou que ela, por ser ‘Rita de Cássia’, vá ser devota, como verificamos em várias conversas que mantivemos com diferentes viçosenses.<sup>243</sup>

Entre as várias situações em que Santa Rita, ou sua imagem, é apropriada nas práticas devocionais em Viçosa, acrescentamos aquela referente à participação de algumas “Santas Ritas” na liturgia da missa solene no dia vinte e dois de maio de 2003, a qual presenciamos.<sup>244</sup>

<sup>239</sup> Cf. Livro de Batismo no Arquivo da Secretaria da Igreja Matriz.

<sup>240</sup> Entrevista com S.S..

<sup>241</sup> Entrevista de S.S..

<sup>242</sup> É interessante registrar que numa conversa informal mantida com o padre Paulo Dionê, atual pároco da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia, ele sugeriu que investigássemos a quantidade de meninos que eram batizados com os nomes dos filhos de Santa Rita, João Thiago e Paulo Maria, em Viçosa. Apesar de acharmos interessante sua sugestão, não pudemos verificá-la em função da demanda de tempo que isso implicaria em nossa pesquisa de campo.

<sup>243</sup> É preciso registrar que encontramos um caso de uma mulher chamada Rita de Cássia, que fora devotíssima (segundo ela e sua irmã) e que, apesar de ter se vestido de Santa Rita durante muitas festas, há três anos havia se convertido para a Igreja Universal do Reino de Deus. Intrigados com a trajetória desta mulher procuramos por ela, e explicamos o trabalho. Ela, a princípio, mostrou-se acessível para a realização da entrevista. No entanto, quando retornamos no dia seguinte, ela pediu desculpas e se recusou, alegando que o “seu pastor” não havia permitido que ela fosse entrevistada. Até hoje estamos curiosos.

<sup>244</sup> Foi naquele ano que assistimos pela primeira vez às festividades do dia de Santa Rita, entre elas a missa das dez horas e a preparação para a saída da procissão. Quando esta saiu, ficamos na praça ouvindo o sermão do

Essas “Ritinhas”, como foram designadas por S.S., participaram do ritual litúrgico durante três anos, distribuindo rosas junto do pessoal da acolhida, auxiliando os padres quando eles saíam para distribuir a comunhão, fazendo coreografias na hora da consagração da hóstia, entre outras coisas.<sup>245</sup>

Vestir-se de Rita, naquela situação, era um fator que estava muito mais relacionado à celebração da missa do que, por exemplo, ao pagamento de uma promessa. Ao mesmo tempo, vestir-se de ‘Ritinha’ era uma forma de homenagear Santa Rita, e para isso era preciso, como contou S.S.,

fiscalizar tudo, né? Porque no ano passado, ano passado entraram com anel, entraram com relógio. E entraram com anel, relógio e tudo ... Entrou com salto, entrou com bota de salto alto! Assim, eu nunca vi Santa Rita de bota! (...) Então, assim, na hora que as meninas... Eu falei assim: “cadê? tirar anel, tirar pulseira, tirar brinco, tirar tudo! *Santa Rita não tem nada disso não!*” Aí elas tiraram e me entregaram. Aí falou assim: “é mesmo. Ainda bem que você está aí, Soninha, pra puxar a orelha”.<sup>246</sup>

Notamos a preocupação da devota S.S. com a “imitação”, ou melhor, com a tentativa de aproximar as ‘Ritinhas’ o quanto fosse possível da imagem de Santa Rita de Cássia. Nesse caso, o uso do hábito ganhava contornos que podiam conferir, ou retirar, prestígio para as diferentes “Ritinhas”, como podemos perceber nos seguintes trechos da entrevista realizada com a devota S.S.:

Aquelas roupas...Antigamente tinha algumas roupas da, da Matriz que fez o teatro da Santa Rita. (...) Então as duas primeiras vezes a gente pegou da Matriz, as roupas. (...) Depois alguém começou ... vestia e doava lá pra cima, então algumas pessoas fez, mas eu tenho a minha. (...) As duas últimas vezes *eu usei a minha roupa, né? Eu tenho a minha!* Então eles me chamavam, brincavam comigo “a madre superiora”, porque o meu véu pega cá embaixo. (...) O meu véu... Porque o certo é não cá em cima, né? Na, na ... no meio das costas, né? O certo do véu é cá embaixo, né? (...) Isso! O meu era lá embaixo, né? Então a última vez ... “a madre superiora vai na frente”... (risos). Aí, assim, sempre fui eu que puxei, eu não sei porque. As pessoas falavam “você tá mais próxima a coreografia, você sabe mais!” Eu não sei coreografia nenhuma não.<sup>247</sup>

A entrada com um hábito exclusivo que teria conferido o papel de “madre superiora” à S.S., entre outras questões, é exemplar para mostrar que os momentos festivos, ao contrário

---

Cônego José Geraldo, no qual ele explanava sobre a vida de Santa Rita, até a chegada do andor na Igreja, quando Santa Rita foi recebida com palmas, ao som do “parabéns pra você”, puxado pelo referido cônego.

<sup>245</sup> Segundo S.S., desde que mudou a coordenação da Liturgia, em 2004, as “Ritinhas” deixaram de entrar na Igreja.

<sup>246</sup> Entrevista com S.S..

<sup>247</sup> Entrevista com S.S.

do que muitos autores sugeriram, são, além de momentos de afirmação de uma suposta identidade comunitária, ocasiões em que as contradições sociais vêm à tona.

As festas, tidas pelos devotos como momentos de interação social devem ser pensadas, adverte o historiador Robert Darnton, como momentos especiais em que a comunidade se projeta para si mesma.<sup>248</sup> No caso de Viçosa, a própria idéia de que ela seria a “cidade das Ritas” ilustra a questão.

Pensar nas “Santas Ritas” que seguem na procissão é um desafio, uma vez que não há uma prescrição que ordene a organização daquelas mulheres ao longo do cortejo, como havia no caso estudado por Darnton.<sup>249</sup> À primeira vista ficamos com a impressão de que elas estão lá motivadas por questões individuais. Entretanto, uma vez que a cidade apresenta as “Santas Ritas” como sendo uma “tradição” da Festa da Padroeira, não podemos deixar de pensar nas observações levantadas pelo referido historiador, quando ele sugere que há uma representação da comunidade para si mesma. Afinal, como informa a Senhora M.C.: “Viçosa é a cidade das Ritas”.<sup>250</sup>

---

<sup>248</sup> Robert Darnton, em seu estudo sobre um cortejo francês no século XVIII, afirma que as procissões “não funcionam como réplicas em miniatura da estrutura social”, já que nela alguns elementos são negligenciados e outros enfatizados”. Segundo ele, eram momentos em que a sociedade “representava-se para si mesma – e, algumas vezes, para Deus”. DARNTON, Robert. “Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto”. In: *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. pp. 157-161.

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> Entrevista de M.C..

### 2.3- As mulheres na devoção familiar

Santa Rita toma feições de uma amiga de todo momento, que acompanha a vida das pessoas, passando de geração para geração. É, também, visivelmente, uma devoção de mulheres e a própria Santa parece representar uma irmã mais velha, ou uma tia, que oferece aconchego àquelas que a procuram.<sup>251</sup>

Assim Monique Augras definiu a impressão que teve sobre o culto à Santa Rita de Cássia, no levantamento que fez sobre os santos cultuados no Brasil. Santa Rita de Cássia integraria, segundo a autora, uma categoria santoral específica, chamada por ela de “santos da crise”, ao lado de São Judas Tadeu, Santa Edwiges e Santo Expedito. Augras comenta que, diferentemente destes santos, sobre os quais a relação de devoção seria muitas vezes pontual e determinada pelo atendimento de um pedido urgente, a devoção à Santa Rita de Cássia parece provir de uma longa tradição familiar.<sup>252</sup>

Estas observações são bastante sugestivas e nos ajudam a pensar sobre em que medida a devoção à Santa Rita de Cássia na cidade de Viçosa pode ou não se configurar como sendo perceptivelmente de mulheres. Se, por um lado, é visível que há uma certa peculiaridade feminina nesta devoção, a qual tentamos expor no item anterior deste capítulo, por outro lado esta particularidade não pode ser apontada como sinal de que a devoção seja exclusivamente de mulheres. Como já citamos, a devoção a Santa inclui a participação de homens de diversas faixas etárias e condições sociais, que estabelecem vários tipos de relações para com Ela (como exemplifica o pai segurando a criança vestida de Santa Rita na foto e a fala do senhor J.B., entre outras).

No entanto, urge salientar que em nosso trabalho de campo encontramos vários indícios que nos sugerem um tipo de participação bem pontual das mulheres, no que se refere, por exemplo, à divulgação da devoção à Santa Rita na família. A grande maioria de nossos entrevistados atribuiu às mulheres, sobretudo às de suas famílias, o papel de propulsoras do culto, e, em certa medida, de divulgadoras das histórias de vida da Santa, que elas teriam ouvido.

---

<sup>251</sup> AUGRAS, Monique. Todos os santos são bem-vindos. Rio de Janeiro: Pallas, 2005, p. 169.

<sup>252</sup> Santo Expedito é considerado o santo das “causas urgentes”; São Judas Tadeu o das “causas desesperadas”. Cf. GUIMARÃES, op. cit., 19 de abril e 28 de outubro. Estas datas informam a localização dessa referência no livro, já que as ‘páginas’ não são numeradas, e sim ordenadas de acordo com a data em que se comemora a festa do Santo do respectivo dia.

Mas nem sempre a relação de devoção foi originada por intermédio da sugestão de uma mulher, ainda que a devoção possa ter sido fortalecida por uma devota. O caso de F.C. ilustra esta questão. Nascida na pequena cidade de São Sebastião do Oeste, em Minas Gerais, a devota comenta suas primeiras lembranças sobre Santa Rita de Cássia da seguinte maneira:

Então, lá é assim. Em cada esquina tinha uma igreja e, no caminho pra escola, havia uma capelinha de Santa Rita, onde antigamente era uma igreja de Santa Rita. Mas essa igreja eu nem cheguei a conhecer não. Então, eu me lembro que desde muito pequenininha eu sempre ia nesta capelinha, pra ver, né, pra rezar lá pra Santa Rita e tal. E quando era na semana Santa, as pessoas passavam nessa capelinha que ela era um dos padres, né, da ‘via crucis’, né? Funciona lá. Quando não tava na Semana Santa, eles colocavam uma cortina e colocavam a imagem de Santa Rita, né? E eu, assim, criança achava aquilo muito estranho porque tinha uma imagem de Santa Rita deitada, sabe, morta, sabe? (...) É, num caixãozinho. E tinha uma imagem dela em pé. Aí eu achava muito interessante porque sempre que eu ia nas provas, não sei o quê, tinha um aperto, eu tinha que passar lá e pedir Santa Rita pra me dar uma força né? Quando penso que não, eu venho pra Viçosa e descubro que a padroeira de Viçosa era Santa Rita, né?<sup>253</sup>

Apesar das lembranças de seu primeiro contato com Santa Rita remeterem a um lugar determinado, muito provavelmente fixado em sua memória em função da imagem da Santa no caixãozinho, ao longo da entrevista F.C. vai narrando o papel que sua mãe, também devota, teve na sua formação religiosa:

(...) Eu acredito muito nas almas do purgatório, isso tudo é coisa de mãe, né? Outro dia eu tava pensando assim: “gente, você sabe que o inferno deve ser aqui?” (riso). Tem aquela música o inferno é aqui, né? Porque minha mãe, né, colocava assim pra gente que tinha o inferno, né, praquelas pessoas que não tinham mais recuperação. O purgatório, né, que era praquelas pessoas que tão, né, em fase de possibilidade de recuperação, ou não, né? E aquelas que tão no céu, que são as pessoas perfeitas, né, que fizeram a sua parte, e tudo. E que quando a gente tivesse assim, numa situação muito difícil, que tivesse que fazer um sacrifício, que a gente oferecesse pras almas do purgatório, pra aquelas mais necessitadas, pra elas poderem ter força, e poder subir pro céu, né? Assim, o negócio é muito metafísico (risos). Mas... pra uma criança, né, e tal, isso soa muito possível, né, e tal.<sup>254</sup>

Se, na história do Brasil, tradicionalmente os santos participaram como personagens íntimos das famílias desde o período colonial, conforme observara Gilberto Freyre<sup>255</sup>, tendo atuação decisiva em “ritos de passagem” tais como o nascimento, o casamento e a morte, não é de se estranhar que, no seio da família, eles também fossem especialmente divulgados pelas

<sup>253</sup> Entrevista com F.C..

<sup>254</sup> Entrevista com F.C..

<sup>255</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, pp. 51-52.

mulheres. Afinal, durante muito tempo a educação destas pretendeu-se pautada pela formação cristã (leia-se católica), pois

ainda que a República formalizasse a separação da Igreja católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade, quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas. (...) Eu, eu assim, o que eu conheço de Santa Rita, eu nunca peguei a biografia dela, né, pra ler não. Mas tudo isso eu peguei assim, de conversas soltas, né, que eu via a minha mãe falar, e as pessoas em volta também falavam.<sup>256</sup>

A mãe de F.C., como outras mães de nossos entrevistados, teve um papel relevante para a manutenção da crença religiosa católica e da devoção à Santa Rita de Cássia na família. Esse papel também foi incorporado pela médica F.C., ainda que sob formas diferentes. Apesar desta devota reconhecer não ter tido tempo para catequizar suas filhas, ela conta como transmitiu à uma delas as histórias que ouvira de sua mãe, como ilustra o trecho a seguir:

E sempre que assim, é ... era interessante porque até minha filha veio me perguntar: “mãe, quando você tava apertada com algum problema e tal, como é você fazia?” Eu dizia assim, “ah, minha filha, eu rezava pra Santa Rita”. E sempre dava certo, né? E, por a minha mãe ser muito católica e tudo, ela, a minha mãe não foi uma pessoa feliz no casamento, sabe? Então ela brincava que todo mundo que era devoto de Santa Rita, não era feliz no casamento. Diz que Santa Rita não gostava de casamento. Por causa da história de vida de Santa Rita, né? Que Santa Rita parece que teve um marido muito é, possessivo, muito violento, né? E depois esse marido dela foi assassinado, e os filhos dela queriam vingar o marido, aí ela pediu a Deus que se caso acontecesse dos filhos dela terem que se tornar assassinos, que ela preferia vê-los mortos, né? E eles morreram os dois. Foi assim uma situação muito cruel pra Santa Rita. Aí, viúva, e sem filho, Santa Rita foi ser freira, né? E eu tava até contando pra minha filha outro dia, porque ... a minha menina fez quinze anos e ganhou umas rosas, e eu levei um pouco das rosas pro túmulo de mamãe e levei um pouco das rosas pra Santa Rita. Aí minha menina tava me perguntando: “mas por que você trouxe as rosas pra cá e pra sua mãe?” Eu disse: “não, porque, as rosas são as flores de Santa Rita, você sabe por que, eu perguntei a ela, né?” (...) Logicamente que não, né? Porque ela assim, eu não tive, não que eu não quisesse, mas eu não tive assim muito prazo de catequizar as meninas. Até coloquei no catecismo e tudo. Mas como não tinha quem levasse, acabou que elas não fizeram primeira comunhão, não fizeram crisma, sabe? E são super refratárias a Igreja. De vez em quando elas vão, assim, sem compromisso. E aí, o que que aconteceu? Aí eu contei pra ela que o marido de Santa Rita era muito violento, e que Santa Rita era muito caridosa e tava dando, encheu o avental né, pra dá pros pobres, e encontrou o marido no meio do caminho. E o marido perguntou: o que que é isso, né? E ela respondeu: são rosas, senhor. E na hora que ela abriu, né, o avental, caiu

<sup>256</sup> LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: *História das mulheres no Brasil*. DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord.). 6.e. São Paulo: Contexto, 2002, p. 447.

aquele monte de rosas. Quer dizer, um milagre, né, porque não era rosa, era mantimento pra ela fazer, né, a caridade dela.<sup>257</sup>

F.C. exerce um papel de transmissora da memória de Santa Rita não apenas em sua família, mas também em relação a outras mulheres. Nosso primeiro contato com esta devota ocorreu, casualmente, dentro de um supermercado de Viçosa. Naquela ocasião, em dezembro de 2003, depois de comentar com ela o objeto desta pesquisa de mestrado, ela disse que era muito devota de Santa Rita, abriu a bolsa, pegou um santinho e nos deu.<sup>258</sup>

O encontro com F.C. foi retomado, tempos depois, numa entrevista, onde ela explicou a origem do “santinho” com que nos presenteara anteriormente:

Não... sabe o que aconteceu? Foi o seguinte. Alguém me deu o santinho e embaixo tinha: se você quiser fazer, é, ligue pra tal e faça um depósito, né, de tanto, que vem um santinho pra você. Ai eu peguei e falei assim: “ce sabe que é uma boa? Eu vou fazer santinho sim, por que não?” E eu acho assim, eu acho que eu tive muitos momentos de milagre na minha vida.<sup>259</sup>

Apesar de F.C. ter decidido encomendar os santinhos sem que alguma situação especial a tivesse impulsionado para tal, o fato do santinho ter “caído” em suas mãos fez com que ela se sentisse motivada para reproduzi-lo.<sup>260</sup> É importante salientar que o santinho não “caiu em suas mãos”, e sim foi entregue a F.C. por uma outra mulher.

Quando a devota decide encomendar o milheiro de santinhos e passa a carregá-los na bolsa, distribuindo-os a outras mulheres, ela reforça a prática de divulgação que tem sido, na maioria das vezes, feminina<sup>261</sup>, agora não apenas no círculo familiar, mas estendendo-se para o domínio público, e para desconhecidos.

---

<sup>257</sup> Entrevista com F.C..

<sup>258</sup> A partir daquele momento F.C. se tornou interessante para nossa investigação, sobretudo porque ela diferia do perfil de devotas que vislumbrávamos achar, já que era “médica, independente, estudada”, enfim.

<sup>259</sup> Entrevista de M.C..

<sup>260</sup> É interessante perceber que embaixo da oração dirigida à Santa, encontra-se uma chamada bastante imperativa que, no caso desta devota, pode ter facilitado a idéia de encomendá-los: “mande fazer a publicação do seu milheiro, ligando de qualquer lugar do Brasil para (...)”. Este apelo comercial parece ter sido bastante eficaz no convencimento daquela devota que, afinal, já tinha comprovado o poder milagroso de Santa Rita, em diferentes situações de sua vida, conforme veremos no capítulo 3.

<sup>261</sup> Por outro lado, é curioso perceber que F.C. demonstra consciência de que no santinho está apenas uma representação da Santa: “Eu sei que é uma imagem, né, e tudo, mas ... é igual uma foto de uma pessoa que você gosta né? Quando você olha a foto, parece que você sente a pessoa mais perto de você, né?. Você sabe que não é a pessoa nem nada, mas parece que é mais próxima, né?”.

São também as mulheres que compram em maior quantidade os artigos religiosos sobre Santa Rita de Cássia, atestou Dona Z., quando foi indagada a respeito do perfil dos devotos que procuram sua loja em Viçosa. Segundo esta devota,

a procura é mais por meio de mulheres sim, mas o que é uma situação, como eu acabei de falar, normal.<sup>262</sup>

A afirmação desta senhora, proprietária de uma loja de artigos religiosos, é bastante sugestiva, mas é preciso atentar, conforme advertiu Michel de Certeau, que o fato delas serem as maiores consumidoras de livros, imagens e medalhas da Santa, entre outros artigos, não significa que elas próprias vão utilizá-los, nem mostra como elas o farão. Segundo o referido autor,

a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.<sup>263</sup>

Ao dominarem o campo da prática religiosa as mulheres acabam assumindo um papel atribuído socialmente ao gênero feminino, segundo o qual a elas cabem os espaços do lar, dos cuidados para com a família, e da reprodução da religião no seio da família.

O depoimento de J., filho de dona E., a qual nos referimos no item anterior deste capítulo, é significativo e sua memória consolida uma história que ele ouvira desde pequeno<sup>264</sup>, no seio da família.

Assim ele comenta sua devoção:

(...) Alguém riu porque eu falei que eu sou fã dela, né, fã, não, é devoto. Eu gosto muito, sabe por quê? Eu fui criado assim, sempre, né? Você vê, a minha irmã, a minha irmã agora ta com 32 anos. A minha irmã com menos de um ano de idade apareceu com um problema. Aí o problema dela eu nem sei o que que foi não, que eu tava menino ainda. Eu tô com quarenta. Aí é o seguinte: a minha irmã ficou muito mal mesmo. Chegou no hospital o médico não dava nada por ela, e tudo, veio tentando, não sei quanto tempo, teve que raspar a cabecinha, o cabelo dela todo,

<sup>262</sup> Entrevista de Dona Z..

<sup>263</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 40.

<sup>264</sup> O fato de sua entrevista ter sido concedida em setembro de 2005 e de sua narrativa ser bastante parecida com aquela fornecida pela mãe, Dona E., em maio de 2006, nos mostra como a memória se perpetua na família.

tomou muita injeção. Eu tava com sete anos. Eu não lembro muito da história não. Mais ou menos. Aí uma dona que morava na minha rua lá, era até parente da minha mãe. Ela já morreu com 84 anos. Aí o médico chamou minha mãe meu pai, que fosse lá, porque a menina não ia passar daquela noite, porque não tinha condição não, dela passar. Aí essa dona pegou ajoelhou no meio da rua e falou assim: “amanhã cedo essa menina vai acordar boa, porque Santa Rita não vai deixa acontecer nada de mal com ela”. E ela ajoelhou no meio da rua. Eu não vi. Mas os outros moradores lá, pessoas mais antigas contando. Aí meu pai, minha mãe, minha tia foram pro hospital e ela tava ruim, mas ruim mesmo. Aí quando deu seis horas da manhã, o sino da Igreja não dobra? Começou a dobrar. Quando o sino começou a dobrar, minha irmã começou a chorar. Ela começou a chorar porque ela num movimentava, os olhos parava. Começou a chorar, aí ela começo a reagir. Aí ela foi só melhorando, melhorando, e a dona ... é, atribui tudo isto a Santa Rita. Porque até antes do sino bater ela tava praticamente morta. Na hora que o sino da matriz tocou, a minha mãe falou que todo mundo, ate o medico ficou impressionado porque eles tava esperando ela fecha os olhos pra praticamente acabar de morrer. Aí ela acordo, e dali dois dias depois recebeu alta. Agora ela ta com 32 anos, ta forte, acompanha a procissão todo ano, ai fizeram promessa dela vestir de Santa Rita no ano seguinte. Vestiu, ela tava com dois anos. Aí tinha ate uma foto dela lá. Aí muita gente lá mais velha chama ela: “ô Santa Rita!”.<sup>265</sup>

A história contada por J. é muito parecida com aquela narrada por sua mãe, ainda que ele não soubesse explicar exatamente quem era a tal “dona” e que tenha se referido à cura como resultado de uma “promessa”. Conforme vimos anteriormente, Dona E. não se referiu a nenhuma promessa que tivesse sido realizada pela sua prima.

As memórias que J. tem deste episódio podem ser melhor compreendida se consideramos, conforme sugere Miridam Falci, que “a doença, pelo seu imediatismo, e por sua natureza inesperada, compele a esforços maiores de solidariedade, atenção e troca social”.<sup>266</sup> A iminência da morte de sua irmã, e depois a cura dela, podem ter atuado como um elemento de aglutinação familiar, a qual, por sua vez era necessário preservar.

Nesse sentido, a “memória” familiar da

devoção atravessa gerações, transmitida por pais aos filhos e netos repetidamente. Promessas, novenas especiais destinados a tal ou qual santo são compartilhados por parentes e amigos numa extensão dos laços de solidariedade pela cura de tal doente.<sup>267</sup>

A devoção pode ter sido especialmente reforçada no momento da doença de S., irmã de J., mas no cotidiano há outras práticas que parecem ajudar a reafirmar a ligação da família com Santa Rita.

---

<sup>265</sup> Entrevista com J..

<sup>266</sup> FALCI, Miridam B. K. “Doença e religiosidade”. In: LIMA, Lana L. G; HONORATO, Cezar T.; CIRIBELLI, Marilda C.; SILVA, Francisco C. T. (org). *História e Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2003. p. 143.

<sup>267</sup> Idem, p. 138.

Um dado que ilustra tal questão é o fato de Dona E., devota de oitenta anos, preservar, até hoje, um oratório<sup>268</sup> que lhe fora dado por sua mãe, o qual ela fez questão de nos mostrar, durante a entrevista. Enquanto objeto deixado por outra mulher, este relicário se constitui num material interessante para a constituição de uma “arqueologia feminina da vida cotidiana”, na expressão de Rachel Soihet. Segundo esta autora, os objetos deixados pelas mulheres devem ser vistos como “fruto do encargo que lhes foi atribuído de transmitir a história da família”.<sup>269</sup> Assim, ele se constitui num vestígio das representações e práticas devocionais cotidianas, passadas na história da humilde família de Dona E..

Seu pequeno oratório<sup>270</sup>, ao agrupar Sant’Anna e outros “santinhos” junto à imagem de Santa Rita, nos revela que na devoção familiar pode haver uma “inclusão” ou combinação de devoções, mesmo que haja uma “fidelidade especial” a um santo em particular, neste caso, a Santa Rita. Conforme observou Renata Menezes,

não é apenas ao santo de devoção que uma pessoa pede. Alguns pedidos são feitos a santos dos quais a pessoa se considera ‘devota’, e mesmo ‘devota fervorosa’. Mas há outros pedidos que são feitos a santos ‘dos quais também se gosta, mas não se é devoto’. Há, assim, uma distinção entre os pedidos aos santos de devoção e a outros santos, só que apesar desta distinção, aos dois se pode pedir.<sup>271</sup>

Mas as relações de devoção são múltiplas e, ainda que sejam mais impulsionadas pela figura de uma mulher, em geral a mãe ou a avó, elas podem não estar associadas necessariamente a uma tradição familiar. O caso de G., a jovem que foi estudar Zootecnia na Universidade Federal de Viçosa, ilustra esta questão. Por não ter sido criada na comunidade viçosense, seu caso é peculiar. Assim ela nos conta como se tornou devota:

E na verdade, a minha mãe, ela é bem católica e quando a gente chegou aqui em viçosa, é...ela logo foi é...na igreja, procurou saber quem era a Santa Padroeira e era Santa Rita. Aí aconteceu uma coisa muito engraçada porque...aí desde então foram acontecendo várias coisas assim, que eu falei: nossa, realmente. E , uma de, uma...

<sup>268</sup> Pedro de Oliveira afirma que “a instância do culto individual e doméstico é o oratório. Em cada casa um espaço fica reservado para os santos. Seu tamanho varia conforme a piedade da família e sua abrangência. Nas casas de gente pobre, o oratório reduz-se a um canto da parede, onde algumas estampas são afixadas, geralmente deixando no centro a estampa ou imagem do santo padroeiro. Enfeitado com flores e outros ornamentos, é nesse canto da sala que a família se reúne para fazer suas orações”. OLIVEIRA, P. *Religião e...* p.129.

<sup>269</sup> SOIHET, Rachel. “História das mulheres”. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 296. Sobre as possibilidades de usos de outras fontes nos estudos de gênero também é interessante consultar COSTA, Suely G. “Gênero e História”. In: ABREU, M. e SOIHET, R. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 204.

<sup>270</sup> Este oratório está na Ilustração de número onze.

<sup>271</sup> Renata afirma que na conjugação de pedidos aos santos de devoção e aos outros há um tipo de fidelidade inclusiva, isto é, pode-se gostar de vários santos, mas é preciso observar que “é preciso pedir a coisa certa ao santo certo, mas de maneira apropriada”. MENEZES, Saber.. p.50- 51.

A primeira vez foi que a gente não achava lugar pra morar aqui em Viçosa. (...) Veio só eu e minha mãe, a gente não conhecia ninguém aqui. (...) Aí eu, e minha mãe falou: ai minha Santa Rita, arruma um lugar pra minha filha morar, pra eu poder ir embora daqui tranqüila, e sossegada, né. E aí a gente foi... ai entrou na igreja, depois a gente foi almoçar, aí logo depois a gente conseguiu um contato, e aí eu arrumei um lugar pra eu ficar, uma pensão, familiar, então assim, minha mãe foi tranqüila, e aí ela falou assim: nossa tem que sempre ir na igreja, agradecer, vai sempre na igreja agradecer e tal. E eu ia , só que eu não sou católica, praticante, eu não vou muito à igreja, eu vou mais no centro espírita, e aí eu meio que, não, assim, rezava pra Santa mas não tanto, só que até, e no ano de, eu me formei em janeiro de 2005, e aí em fevereiro de 2005, eu estava em Ilhéus, fazendo uma viagem, e aí eu entrei na igreja, lá, e eu sempre soube que Santa Rita era protetora das causas... impossíveis. (...).Minha mãe sempre dizia isso, e aí tinha uma Santa Rita  *muito grande lá assim, as imagens nessa igreja, todas as imagens dos santos eram grandes, não eram imagens pequenas, e eu tava muito preocupada, porque eu até então, eu não tinha arrumado emprego nem tinha passado no mestrado. (...) Eu tava sem saber o que fazer aí eu entrei lá e falei assim: ai minha Santa Rita, por favor, me ajuda a arrumar um emprego, me dá uma luz, me, me arruma um caminho, aí eu rezei assim pra Santa Rita, aí eu fale: ah meu Deus, aí eu sai da igreja, quando eu sai eu fui numa... ‘lan house’, ver meu e-mail. (...) E lá no meu e-mail tava uma chamada da Vale do Rio Doce pra eu poder fazer uma prova, que eu tinha sido aprovada em uma das etapas, da seleção do trainee, e como aconteceu assim tudo na mesma hora, praticamente no mesmo minuto, eu falei: gente, foi a minha Santa que me ajudou de novo. Aí eu fiquei assim, impressionada com isso, ai eu peguei e rezei e tudo, eu não cheguei a passar pra, pra seleção da , da Vale, eu cheguei até o final, assim, rezando muito pra Santa Rita, cheguei até a entrevista final, mas eu não cheguei a passar, e...aí depois disso, tudo que eu preciso, e tudo que eu preciso agradecer, eu vou lá na minha Santinha... (...) E peço pra ela...e assim por incrível que pareça, as coisas acontecem, mesmo assim, depois disso pra mim foi...realmente ela é minha Santa protetora...<sup>272</sup>*

Na fala desta jovem fica clara a forma pela qual, na maioria das vezes, o santo é acionado: para ajudar na realização de coisas concretas, que vão desde relacionamentos afetivos à proteção da família, na saúde, nas dificuldades financeiras até a aprovação de concursos, entre outras.<sup>273</sup> A força da fama de Santa Rita de Cássia como advogada das causas impossíveis parece ter impulsionado mãe e filha a “experimentarem” a Santa, nos termos propostos por Menezes. Segundo a autora,

a comprovação da força de um santo, de seu poder e capacidade de atender aos pedidos, isto é, uma ‘experimentação’ que deu certo tende a estimular o estabelecimento de relações mais duradouras com ele. A dúvida em relação a obter resultados se reduz, a certeza aumenta, e outros pedidos podem ser feitos, intensificando a relação com esse santo e ocasionando uma devoção.<sup>274</sup>

Da narrativa de G. depreendemos ainda que tornar-se devoto também não implica que a pessoa precise, nem que vá conhecer a história de seu santo. Na verdade, em alguns casos

<sup>272</sup> Entrevista com G..

<sup>273</sup> MENEZES, R. *Saber pedir...* p. 53. Cf. também *A dinâmica...* p. 200-206.

<sup>274</sup> MENEZES, R. *A dinâmica...* p. 223.

parece desnecessário saber quem o santo, neste contexto a Santa, foi. Vejamos no diálogo abaixo:

Raquel: E a sua mãe já era devota de Santa Rita?

G.: Não era *devota*, devota assim, mas quando ela queria uma coisa, assim, bem difícil, ela rezava pra Santa Rita, assim, quando a gente tava fazendo *vestibular*, aí ela rezava pra Santa Rita, ela sempre reza pra Santa Rita, e depois disso que aconteceu comigo, ela ficou mais devota ainda de Santa Rita. (...) Então sempre que ela vem pra Viçosa me visitar, ela faz questão de ir na igreja, ela vai à missa, ela, vai rezar pra Santa Rita, ela, depois disso ela ficou mais devota ainda.

Raquel: Então, e por que ela falou, falou de Santa Rita, foi só porque ela viu a Santa na igreja aqui?

G.: Foi, foi porque ela viu que a Santa era padroeira, né, que era a matriz de Santa Rita, e aí ela falava: oh minha filha, a Santa Rita é a protetora das causas impossíveis, to rezando pra ela porque ta quase impossível achar um lugar aqui pra você morar, então aí, por isso que ela foi, e rezou pra ela e tudo.

Raquel: E... e a sua mãe contava por que ela era protetora das causas impossíveis?

G.: Não, só que ouvia falar...Que todo mundo fala , né, aí ela ouvia falar, e vai passando as vezes recebe aqueles santinhos com a oração atrás, aí, Santa Rita protetora das causas impossíveis, né... (...) Todo mundo fala isso.

Raquel: E o que você sabe da história de Santa Rita?

G.: Não sei nada, não sei nada da história dela, não sei como ela virou Santa, não sei nada da vida dela, só sei, e também nem sei porque as pessoas falam que ela é protetora das causas impossíveis, nem sei também porque, não sei nada.

Raquel: Hum hum. E sua mãe, nunca te, te falou?

G.: Não, na verdade eu acho que ela também nem sabe, da história dela, não sabe nada, a minha mãe assim acredita e acredita.<sup>275</sup>

O caso relatado por G. ilustra que mãe e filha desconheciam a história de Santa Rita, mas tornaram-se bastante devotas a partir do momento em que comprovaram o poder ou a eficácia de Santa Rita como boa intercessora em seus problemas concretos e “aflitos”.<sup>276</sup> Desde então, na vida destas duas mulheres a força da fé em Santa Rita de Cássia tem se constituído em elemento de poder para as duas devotas já que, “por incrível que pareça, as coisas acontecem”, como afirma G..

Nesse sentido, as entrevistas apontaram que o maior envolvimento das mulheres no “campo da prática religiosa”, termo usado por Maria José Rosado-Nunes na epígrafe desta dissertação, constitui-se também em uma questão verificada na devoção em Viçosa. No

<sup>275</sup> Entrevista com G..

<sup>276</sup> Como ilustra a situação relatada sobre a procura de uma casa para a jovem morar.

entanto, no interior desses “lugares que lhes são próprios”<sup>277</sup>, as devotas marcam seu espaço, controlam práticas, enfim, exercem múltiplos poderes.

Em que medida esses poderes se relacionam com as representações divulgadas sobre a vida de Santa Rita de Cássia? Como as narrativas escritas sobre esta Santa são transformadas em outras práticas cotidianas, supostamente dadas como não relacionadas à vivência religiosa? Convidamos o leitor a desvendar estas questões conosco.

---

<sup>277</sup> PERROT, M. et al. (orgs.) “História das Mulheres”.. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia”. Trad. de R. Soihet, Suely G. Costa e Rosana Soares. Revista *Gênero – Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG* – 2. sem. 2001, V. 2, N. 1, pp. 10-11.

### 3. A VIDA DE SANTA RITA: DAS REPRESENTAÇÕES ÀS PRÁTICAS.

#### 3.1. “Ela é um modelo de mulher”

Você, que tem devoção à Santa Rita, lendo-o, vai ver que beleza é a vida da nossa Santa. Como **Santa Rita**, por amor a Deus, **praticou virtudes heroicamente**. Ela é **exemplo belíssimo de paciência para esposas que sofrem, tolerando maridos impertinentes, violentos, brutos, irresponsáveis**. É também, **modelo de vida Santa, para viúvas e para religiosas**.<sup>278</sup> (grifo nosso).

(...)

É grande a nossa alegria em podermos apresentar ao ‘Povo de Deus’ este resumo biográfico da preciosa vida da Padroeira de Viçosa. Dois motivos primordiais nos motivaram a fazê-lo. Primeiro motivo: homenagear a Santa Rita neste ano centenário da sua canonização. Sabemos que o Papa Leão XIII elevou-a às honras dos altares no dia 24 de maio de 1900. Segundo motivo: **apresentar às nossas irmãs Casadas, Viúvas, e Religiosas um modelo de preciosas virtudes**.<sup>279</sup> (grifo nosso).

As passagens acima, extraídas de *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*, obra do Cônego Joaquim Quintão, são referências para a elaboração de alguns documentos produzidos na Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Viçosa.

Por exemplo, o *Roteiro para reflexão em família*, que foi divulgado e distribuído aos fiéis na ocasião da Festa da Santa no ano de 2003, afirma:

o roteiro é simples, retrata fatos da patrona das causas difíceis baseados no livro *Rita Estigmatizante: Estrela Fulgurante de Viçosa*, do Cônego Joaquim Quintão e os confronta com fatos de nossas vidas e da realidade local. Esperamos ser mais uma contribuição para ampliar a devoção a nossa querida padroeira.<sup>280</sup>

A leitura destes documentos, na medida em que apresentavam a vida da Santa como exemplar, nos remeteu às palavras ditas pelo Papa Leão XIII em 1900. Guardadas as peculiaridades dos seus respectivos contextos (de tempo e espaço), entendemos que as proposições do Cônego, reproduzidas no Roteiro citado, alinham-se com as daquele pontífice, no que se refere ao convite feito às mulheres para imitarem Santa Rita de Cássia.

<sup>278</sup> “Prólogo”. In: QUINTÃO, Cônego Joaquim *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2000, p. 5.

<sup>279</sup> “Epílogo”. Idem, p. 37.

<sup>280</sup> Cf. *Santa Rita de Cássia, patrona das causas impossíveis*. Roteiro para reflexão em família. PARÓQUIA DE SANTA RITA DE CÁSSIA, op. cit. Este roteiro, que recebemos durante a Missa Solene das Rosas, no ano de 2003, foi arquivado junto de outros documentos em nosso acervo particular, mas também pode ser encontrado no Arquivo da Casa Paroquial, na pasta referente às Festas de Santa Rita.

Às mulheres viçosenses um outro cônego, o senhor J.G.V., também tem direcionado certas passagens consideradas “virtuosas” na vida de Santa Rita. Isto se dá, por exemplo, por intermédio dos sermões que ele prega acerca da história da Santa, na ocasião da Festa em sua homenagem.

Este cônego foi apontado pelos entrevistados como um dos melhores conhecedores da vida de Santa Rita<sup>281</sup>, em função tanto da sua vivência como viçosense quanto da sua atuação como clérigo. Perguntado sobre suas lembranças acerca da Festa de Santa Rita de Cássia, assim ele respondeu:

A festa da qual me lembro desde criança sempre foi muito concorrida e todos os pregadores salientaram suas virtudes como filha, esposa, mãe e religiosa, propondo-a como modelo para todos os estados de vida. (...) “São muitos e muitos anos ou pregando o panegírico de Santa Rita, ou instruindo o povo durante a procissão que dura três horas, sempre contando com os corais que a cada ano animam a festividade na Praça Silviano Brandão. Tenho inúmeras biografias de Santa Rita de vários autores e recebo todo mês a revista editada em Cássia pelas Irmãs Agostinianas.”<sup>282</sup>

Tivemos acesso a parte das biografias que ele utiliza na elaboração de sermões e homilias, e delas retiramos vários trechos que foram analisados e reproduzidos no primeiro capítulo da presente dissertação. De forma parecida com as histórias narradas naquelas biografias, nos seus escritos o Cônego tem apresentado Santa Rita como “esposa, mãe e religiosa, que se celebrizou em todas as linhas do termômetro da perfeição cristã”.<sup>283</sup>

Apesar destes textos apresentarem às mulheres devotas modelos de conduta feminina baseados nas narrativas sobre Santa Rita, é preciso ressaltar, segundo advertiu Roger Chartier, que “os textos ou as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores”.<sup>284</sup> Assim, analisar as trajetórias históricas narradas por homens e mulheres constitui algo particularmente interessante para que possamos entender como aqueles textos são apropriados e inscritos nas suas práticas cotidianas.

---

<sup>281</sup> É importante salientar que durante nosso trabalho de campo não só os devotos contatados e entrevistados, mas também um grande número de pessoas com as quais mantivemos conversas informais nos dirigiam perguntas tais como: “você já entrevistou o cônego?”, “você já procurou o cônego”? “Ah!, o Cônego Zé Geraldo é quem sabe tudo sobre Santa Rita”.

<sup>282</sup> Respostas concedidas pelo Cônego J.G.V. (24/05/2006).

<sup>283</sup> CARVALHO, J.G.V. de. *Temas ...*

<sup>284</sup> CHARTIER, R. “Textos, impressão, leituras”. In: HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 233.

Respaldados por estas concepções teóricas, passemos a ouvir nossos devotos. Começamos com Dona Z., uma senhora de sessenta e dois anos, nascida e criada em Viçosa, casada e mãe de filhos já adultos, que se identifica como uma católica praticante. Sua experiência é especialmente interessante para o nosso trabalho, uma vez que ela é proprietária, junto com seu marido, de uma loja de artigos religiosos adquirida, segundo ela, com o objetivo de “evangelização”. Além de nos contar sobre a sua própria devoção, em sua fala podemos ter acesso a representações e casos que circulam entre alguns dos fiéis que constituem a comunidade católica de Viçosa.

Indagada sobre o que mais admirava na vida de Santa Rita, esta devota respondeu:

Nossa! Admiro demais a vida de Santa Rita! (...) Olha! De um modo geral toda a vida de Santa Rita, mas de um modo mais específico, mais... mesmo porque tem a ver com a nossa vida, com a vida de família nos dias de hoje. Então um aspecto específico da vida dela e que me chama a atenção, é... **e que eu sinto que realmente é um modelo pra nós hoje, é a questão do relacionamento dela com o marido, que era um homem violento, egoísta, e que realmente, com certeza decepcionou profundamente Santa Rita. E ela acreditou que podia ser canal de salvação pra vida dele e não abandonou o marido.** Então, esse aspecto da vida de Santa Rita sempre me chamou muito a atenção, **e eu sinto que deveria ser modelo para todos nós. Todas nós, né, as mulheres, as mães, as esposas de hoje no sentido de permanecerem firmes no sofrimento** porque Deus tem uma solução pra todo mundo, né? Como teve para Santa Rita.<sup>285</sup> (grifo nosso)

Na narrativa da devota percebemos uma representação que associa Santa Rita a um modelo de esposa e de mãe, próximos daquele elaborado pelo “marianismo”, que segundo Evelyn Stevens

é o culto da superioridade espiritual feminina, que considera as mulheres semi-divinas, moralmente superiores e espiritualmente mais fortes do que os homens. Esta força espiritual engendra a abnegação, quer dizer, uma capacidade infinita de humildade e de sacrifício.<sup>286</sup>

Caracterizadas dessa forma, as mulheres supostamente seriam mais capazes de aceitar o sofrimento e, por intermédio de suas qualidades, se constituiriam numa espécie de suporte moral / religioso, capaz de regenerar a família.

---

<sup>285</sup> Entrevista com Dona Z..

<sup>286</sup> STEVENS, Evelyn. op. cit., p. 72.

Presentes na fala de Dona Z., tais idéias podem ser compreendidas como resquícios de um amplo e diverso conjunto de discursos que, de diferentes lugares, há longo tempo versam sobre as mulheres no Brasil.<sup>287</sup>

Decorrente desse conjunto aparece a crença na capacidade feminina de abnegação, também salientada na narrativa que a devota em questão apresenta sobre a Santa:

o sonho de Santa Rita era servir a Deus por meio de uma vida consagrada, mas em **obediência aos pais ela deu toda uma volta na vida dela. Deus possibilitou a realização do sonho dela apesar dela ter passado por tanta atribulação, por tanta dificuldade** e conseguiu realizar... ser canal da graça de Deus pra salvação de muitas pessoas e **conseguiu realizar o sonho dela que foi morrer como uma pessoa consagrada a Deus na vida religiosa.**<sup>288</sup> (grifo nosso)

A abdicação de Rita, a exemplo do que prega o pensamento marianista, aparece na fala de Dona Z. como o instrumento transformador desta Santa. Por intermédio da abdicação Ela conseguiu regenerar o marido egoísta e sua “obediência” é vista pela devota como um caminho que a conduziu para a realização de seu antigo sonho.

Questionada sobre a resignação de Santa Rita, a devota disse que esta era

**Uma resignação construtiva, né?** Porque a palavra resignação ela costuma ter conotação negativa. **Tipo assim, a pessoa cruzar os braços, é... e falar assim: não tem nada pra eu fazer mesmo, então seja feita a vontade de Deus.** Então acaba sendo uma resignação que a pessoa fica... acaba ficando é traumatizada. É uma resignação que não constrói, porque tipo assim: já que eu não posso fazer nada então eu vou suportar isso. Não é o caso de Santa Rita. **Então Santa Rita é resignação no sentido de acreditar que qualquer situação poderia ser mudada por causa da fé dela em Deus. Então a resignação que pra mim é sinônimo de abandono, confiança nas mãos de Deus.**<sup>289</sup> (grifo nosso)

A transformação do marido e a posterior realização do sonho de dedicar-se a Deus faz com que Santa Rita seja representada como uma potencial intercessora para os fiéis. De acordo com Dona Z.

---

<sup>287</sup> June Hanner afirma que esta concepção marianista teria sido difundida no Brasil desde o período colonial, por intermédio do catolicismo, tendo permanecido por muito tempo. Segundo esta autora “o marianismo da América espanhola e lusitana assumiu uma forma característica e secular entre os positivistas brasileiros aí pelos fins do século XIX. (...) o pedestal em que se colocava a mulher foi um dos pilares do positivismo ortodoxo no Brasil. Os positivistas elevaram a mulher por meio do que se poderia considerar como sendo a transfiguração do culto da Virgem. A feminilidade, vista como um todo, devia ser adorada e salva de um mundo perverso. Para os positivistas, a mulher era a base da família, a qual era a pedra fundamental da sociedade. A mulher formava o núcleo moral da sociedade, vivendo sobretudo através dos sentimentos, diferentemente do homem. Dela dependia a regeneração da sociedade”. HANNER, June E. *A mulher no Brasil*. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, pp. 85-91.

<sup>288</sup> Entrevista de Dona Z..

<sup>289</sup> Entrevista de Dona Z..

Muitas pessoas falam isso. Que... é ... contando a vida delas pra gente aqui na loja e fala assim: 'mas eu tenho fé em Santa Rita. Assim como ela venceu as dificuldades, os problemas dela eu também vou dar conta'. Já escutei isso... n vezes. Então realmente são pessoas que tem Santa Rita como modelo do amor de Deus da providencia de Deus, do socorro de Deus nas próprias vidas. **Assim como socorreu Santa Rita, vai também socorrer as outras mães, as outras mulheres nas dificuldades do casamento.**<sup>290</sup> (grifo nosso)

Indagada se concordava com a idéia de que Santa Rita também socorreria as mulheres que são mães e que têm dificuldades no casamento, esta devota disse:

Nossa! Cem por cento!<sup>291</sup>

As concepções de Dona Z. são igualmente salientadas pelo Cônego José Geraldo. Quando foi perguntado se conhecia alguma mulher que porventura tivesse se apegado à devoção de Santa Rita por ter sofrido com seu marido, ele respondeu:

Quantas pessoas vieram procurar o sacerdote e dizem: 'bem que o senhor falou, rezei a Santa Rita e meu marido voltou a se confessar, a participar da Missa e ser devotado a mim e a meus filhos.'<sup>292</sup>

A devota M.C., já mencionada anteriormente, que é casada e mãe de quatro filhas, corrobora com esta versão sobre a exemplaridade de Santa Rita – mãe e esposa perfeita:

E ela viveu toda a sua vida né, é, com os olhos fixos em Jesus. Por isso ela foi, né? Eu falo, as vezes que eu to falando pra jovens, que **Santa Rita é modelo de jovens, para os jovens, para os namorados, os noivos, porque ela foi jovem, ela casou, ela foi mãe. Ela deu um exemplo de fidelidade ao matrimônio, porque agora qualquer dificuldade os casais estão separando.** Ela viveu todo esse sofrimento, né? Então ela é modelo de esposa, ela é modelo de viúva, né? Porque ela também foi viúva. E, né, pediu a Jesus força né, pros filhos dela se cometerem pecado que Ele levasse os filhos dela e Ele levou, ela é modelo de religiosa, monja beneditina. (grifo nosso)<sup>293</sup>

Apesar de M.C. apresentar a vida da Santa como exemplo para pessoas de todas as faixas etárias e estados civis, ela confere destaque à exemplaridade do papel assumido por Rita no seu casamento com Paulo Ferdinando. Segundo ela,

---

<sup>290</sup> Entrevista de Dona Z..

<sup>291</sup> Entrevista de Dona Z..

<sup>292</sup> Respostas concedidas pelo Cônego J.G.V. (24/05/2006).

<sup>293</sup> Entrevista de M.C..

(...) Santa Rita cresceu e casou com, por obediência, com Fernando **e ele foi muito ruim com ela, mas ela aceitou todo o sofrimento.** Aí quando ele já tinha melhorado, né, já tinha, né... Já estava bom pra ela, eles estavam vivendo bem, mas **ele era ruim mesmo, imagina um marido ruim pra esposa, mas ruim mesmo,** e ele era desse jeito, **a ponto de ele pedir pra ela fazer uma sopa de pedra,** essas pedras redonda que parece batata. (...) E, ele fez isso com ela. Aí ela pegou as pedras e pôs pra cozinhar com todo carinho, e as pedras cozinham. (...) Aí quando ela serviu a sopa, que ele pegou a colher, partiu assim, a pedra partiu igual batatinha! Só que ele não era bobo de comer, que ele sabia que era pedra, **então ele jogou na Santa Rita aquela sopa quente. Jogou tudo em cima dela.**<sup>294</sup> (grifo nosso)

A ruindade atribuída a Paulo Ferdinando ajuda a reforçar a idéia de que eventuais dificuldades vivenciadas entre casais nos dias de hoje são pequenas ou “quaisquer”, diante do grande sofrimento suportado por Santa Rita. M.C., ao se referir à importância da Santa para os casais de hoje, fala condicionada pelo contexto do tempo presente em que, segundo Suely Costa,

homens e mulheres, diante das novas condições materiais e culturais de existência, em muitos espaços e tempos, trocam de lugares e deslocam, indistintamente, um o papel do outro, algo que se acentua na experiência social do século XX. Desvendam-se as muitas contingências em que ‘um é outro’; *a maternidade não é mais aquela*, as famílias são de muitos feítios, hetero e homossexuais; os cuidados de crianças, velhos e doentes tornam-se tarefas, indistintamente, atribuídas a homens e mulheres, evidenciando novos padrões de sociabilidade feminina em marcha. (...) Novas referências impulsionam a tomada de consciência de desigualdades do presente e do passado; motivam lutas do presente contra a opressão e a discriminação por sexo, mas não só. Descobriu-se mais: a dominação masculina constrói-se com a feminina. As mulheres também oprimem, ganham compensações com sua fragilidade, resistem e transgridem.<sup>295</sup> (grifos da autora)

Tendo como ‘pano de fundo’ tão profundas mudanças sociais e culturais, pensamos que, ao aceitarem como exemplares as atitudes de Santa Rita diante das agressões de seu marido, as devotas incorporam aquilo que Roger Chartier chamou de “dominação simbólica”. Segundo este autor, a dominação masculina só é exercida na medida em que as representações dominantes da diferença entre os sexos são consentidas pelas mulheres.<sup>296</sup>

A narrativa da senhora M.C. parece incorporar alguns dos estereótipos que por muito tempo marcaram e ainda marcam a condição feminina, tais como: por serem supostamente mais fracas por natureza, as mulheres devem ser submissas aos homens.

<sup>294</sup> Entrevista com M.C..

<sup>295</sup> COSTA, Suely G. “Gênero e História”. In: ABREU, M. e SOIHET, R. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 192.

<sup>296</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). pp. 37-48. *Cadernos Pagú*, (4), 1995, p. 40

Santa Rita de Cássia também é narrada em outros documentos como uma mulher que aceitou a violência física; algo que soa como um comportamento digno de admiração, como observamos nos trechos apresentados abaixo:

não é de hoje que existem mulheres vítimas de violência dentro de suas próprias casas, sofrendo agressões físicas e morais de seus maridos. No século XIV, a jovem italiana Rita de Cássia já era uma delas (...) a tranquilidade e paciência com que Rita de Cássia suportou os ultrajes do marido garantiram-lhe o merecimento de levar o resto de seus dias da maneira como sempre sonhou. É assim que devemos procurar agir quando as adversidades forem tantas, a ponto de nossas metas parecerem inatingíveis. **Se continuarmos tentando com obstinação, sem revolta ou ansiedade, os caminhos vão se abrir para que o melhor nos aconteça.**<sup>297</sup> (grifo nosso)

Sua sabedoria foi genial convertendo seu marido Paulo Ferdinando. Sua coragem foi olímpica suportando anos e anos de tortura, revelando paciência admirável ante a um esposo cruel e sem princípios, seu consorte, algoz. (...) Rita, a pérola da Itália, por tempo semelhante foi torturada por aquele marido desastrado. Como foi mostrado, converte seu esposo.<sup>298</sup>

Sobre este tema da violência do marido de Santa Rita, a devota S.S., que hoje tem trinta e nove anos de idade, destacou que

**Ele bebia muito e batia nela depois.**

Raquel: E ela?

S.S.: **Ficava calada, agüentava tudo e ficava calada, ela estava sempre triste, meia calada, ela estava sempre muito sofrida, quase não falava com ninguém.**<sup>299</sup> (grifo nosso)

A devota referida acima, que se separou de seu marido, calou-se em vários momentos, quando perguntada sobre a sua própria experiência de casada. É tentador pensar em que medida ela poderia estar falando efetivamente de Santa Rita ou de outras mulheres de hoje, ou ainda, dela mesma.<sup>300</sup> Seu silêncio, em alguns momentos da entrevista que realizamos,

<sup>297</sup> GUIMARÃES, op. cit., 22 de maio.

<sup>298</sup> CARVALHO, J.G.V. de. *Temas* ....pp. 209-210.

<sup>299</sup> Entrevista com S.S.

<sup>300</sup> É importante registrar que S.S., ao se deparar com o item “estado civil” enquanto preenchia o nosso cadastro com seus dados pessoais, depois de hesitar, optou por colocar um risco no local onde ela deveria escrever se era solteira, casada, separada, desquitada, viúva, enfim. Nesse sentido, as contribuições do historiador Paul Thompson são sugestivas, quando ele afirma que “a lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes”. Cf. “A memória e o eu”, In: THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Paz e Terra, 1992. pp.204-205.

entrecruzado com as poucas passagens que contou sobre o ex-marido, é certamente muito significativo:

(...) durante um ano e pouquinho eu fiquei assim, afastada. Aí muita gente ficou me falando, menos de um ano, muita gente ficou falando: ‘não, cê tem que ficar junto com ele, porque senão cê implica muito, que ele sai muito, que não sei o que’. E aí eu fui entrando, pra não ter muito conflito entre nós dois... Então nisso, eu entrei na paróquia.<sup>301</sup>

O silêncio que Santa Rita mantinha diante da agressividade do marido também foi destacado por uma outra devota, a comerciante J., de trinta e cinco anos, solteira e mãe de um menino. Segundo ela:

**Aí ele foi, ele chegava em casa, bebia muito, jogava muito, né e agredia ela, mas ela sempre em oração, ela sempre ali rezando, passando a vida dela pedindo muito a Deus por ele.**<sup>302</sup> (grifo nosso)

É importante comentar que a violência apareceu como algo associado às agressões físicas provocadas *pelo* homem, o marido de Santa Rita, mas não como algo consentido por ela, *a* mulher. Santa Rita não abandonou o marido, nem reagiu sendo também violenta, mas reagiu utilizando o que “a mulher deve ter” de mais poderoso, a abnegação, a paciência, o amor, a obediência e, sobretudo, a fé em Deus e em seus desígnios - Rita orava pelo marido quando ele a agredia.

Tal observação pode ser bem sugestiva se levarmos em conta que os devotos entrevistados falam a partir de suas experiências e vivências numa pequena cidade do interior mineiro, na qual, a exemplo de muitas localidades do Brasil e alhures, a “violência física se constitui numa realidade presente em todas as classes sociais”.<sup>303</sup>

Violência que, para a historiadora Rachel Soihet,

sem dúvida tem incidido com mais ênfase sobre as mulheres, quer a violência física – espancamentos, estupros, etc.-, tão bem conhecida, quer àquelas outras formas de violência sutis, engenhosas, compreendendo a chamada violência simbólica, que na verdade mascaram fortes desigualdades.<sup>304</sup>

<sup>301</sup> Entrevista com S.S..

<sup>302</sup> Entrevista com J..

<sup>303</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência*. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 255.

<sup>304</sup>SOIHET, Rachel. *Formas de violência ,relações de gênero e feminismo*. In: *Núcleo de Estudos Contemporâneos / UFF*. Disponível em: <[www.uff.historia.br](http://www.uff.historia.br)>. Acesso em 15/10/2003.

É falando a partir da realidade de Viçosa que novamente a devota J. comenta:

Ela é um modelo *de mulher*, ela é um modelo ... **Ela mostra tudinho às pessoas, como uma mulher deve proceder**, como que ela dever agir, porque a gente não é nada... Porque se a gente soubesse de como ter mais humildade, perseverança. (...) **Sofreu... Ela sofreu muito, e as vezes a gente vê, eu vejo as pessoas que passam por situações que estão lá nos pés dela, e que pedem porque ela pode, ela faz. Ela fortalece e tem gente que pode muito mesmo** (...) aquela música (...) diz tudo, que se eu quiser curar que eu interceda a Santa Rita <sup>305</sup> (grifo nosso)

A fala de J. ganha relevo se considerarmos que ela tem atuado como atriz e co-autora do grupo de teatro <sup>306</sup> que nos últimos anos tem apresentado a história de Santa Rita de Cássia durante as semanas da Festa, no mês de maio. Segundo a devota, a peça é “grandinha”, já que o grupo se preocupa em apresentar toda a vida da Santa:

a gente mostrando a trajetória, o que ela foi na vivência dela, quando criança, moça, mãe, esposa e tem o finalzinho né, que a gente fala da trajetória dela, que até hoje as pessoas, ainda acontecem em muitos lugares que ela ainda esta na vida de cada um que ela realmente ... Quem tem devoção a Santa Rita, pode esperar que acontece. Com muita fê acontece porque ela sofreu muito, *muito mesmo*. E a gente vai mostrando cada pedacinho de cada coisa e depois que ela é canonizada, no finalzinho (...).<sup>307</sup>

J. afirma que o grupo tem relativa autonomia para escrever a história, apesar dos padres também ajudarem dando apoio ao grupo.<sup>308</sup> Como referência bibliográfica, nesse caso também biográfica, a devota cita uma revista que o grupo recebeu de uma senhora de Roma através da indicação do Cônego José Geraldo.<sup>309</sup> Na fala desta devota, como na maioria das entrevistas, o “sofrimento” em todas as suas faces, ocupa espaço central na história de Santa Rita:

---

<sup>305</sup> Entrevista com J.

<sup>306</sup> Não encontramos nenhuma referência sobre alguma apresentação da peça sobre Santa Rita de Cássia na literatura pesquisada. Só encontramos dados referentes às encenações da Paixão de Cristo, cuja primeira apresentação ao vivo foi no ano de 1962, e que ainda hoje têm atraído um grande número de pessoas para Viçosa, durante a Semana Santa. Cf. PANIAGO, *Mudanças...*p. 98.

<sup>307</sup> Entrevista com J.. A música a qual a devota se refere é aquela apresentada no início do segundo capítulo dessa dissertação, cujo refrão é “Se a esperança se acabou, se a alma segue aflita, pede logo a proteção de Santa Rita, se não há mais solução pra essa dor que o peito habita, pede logo a proteção de Santa Rita”.

<sup>308</sup> Segundo ela, os padres não se envolvem tanto com a preparação da peça, em função dos diversos afazeres que os sobrecarregam durante a semana festiva.

<sup>309</sup> Apesar de J. não ter se lembrando do nome da Revista, acreditamos que pode ser aquela editada pelo Mosteiro das Agostinianas em Cássia, que o Cônego recebe por assinatura. Inclusive destacamos que ele nos presenteou com um exemplar dela.

**As cenas mais fortes** do teatro que foram pra mim, vou citar algumas, **foi quando ela não quis se casar**, essa é uma cena que chama muita atenção porque a humildade da família a humildade das pessoas a transparência daquela família, porque quando a gente passa a vida de uma coisa passada, é tão bom que a gente acaba vivendo o personagem, acaba vivendo aquilo e sentindo, porque a gente conta que ela realmente suportou tudo aquilo e isso é uma das partes que chama atenção. **Os filhos, o pedido a Deus que os tirasse daqui**, porque era melhor ver eles junto a Ele do que ver eles matando, vingando a morte de alguém como existe hoje no mundo inteiro e ela pediu que os levasse **e a outra parte que não podia deixar de comentar é a dor da coroa de Jesus**. (...) Esse Paulo Ferdinando se interessou por ela, então ele mandou o pai né, **porque naquela época tinha aquela coisa do pai tinha que fazer o convite à família pra ceder a mão da filha mesmo não tinha aquela coisa eu vi e gostei da pessoa, não**, era os pais que escolhiam e como eles eram muito pobres então acabou escolhendo, porque era praticamente obrigada a fazer isso, mas já sabia o que era, e como seria daí pra frente a vida dela. Aí como ela não queria, mas aceitava, ela **mostrava que queria ser esposa, mas esposa de Cristo**, é o que mostra, ela não queria casar com ele, aí ela foi obrigada a fazer aquilo, e nessa obrigação ela acabou tendo dois filhos, Jean e Paulo, que eram os nomes dos filhos dela. Eu sabia só o Paulo, o outro eu não sabia, o Jean. **Aí ele foi, ele chegava em casa, bebia muito, jogava muito, né e agredia ela, mas ela sempre em oração, ela sempre ali rezando, passando a vida dela pedindo muito a Deus por ele.**<sup>310</sup> (grifo nosso)

Diferentemente das narrativas daquelas devotas casadas, na fala de J. a experiência conjugal da Santa não é apontada como algo especialmente exemplar ou particularmente associado às mulheres casadas. O sofrimento é estendido também aos homens, aos velhos, aos novos, aos solteiros... O leque é ampliado mantendo destaque para o sofrimento advindo com a preocupação com os filhos. Desta maneira J. consegue se identificar mais com Santa Rita, afinal ela é solteira, relativamente jovem, mas tem um filho. Assim como Santa Rita, ela é mãe, e afirma:

Mas eu não acho que vem só por esse lado não né, eu não acho que não é só mulher que sofre no casamento. Eu acho assim, que para quem tem filhos também, pedindo oração, rezando por eles, pedindo pra ajudar em alguma coisa. Num é só uma vida vivenciada só nas mulheres não, então ambos os sexos, feminino ou masculino, casado ou solteiro, senhor ou senhora, não é só pelo casamento não.<sup>311</sup>

Inspirados nas considerações de J., direcionamos nossa atenção às falas dos homens. Começamos com J.R., um estudante de engenharia da Universidade Federal de Viçosa, de vinte e um anos, que se apresenta como um “*católico light*”, apesar de ter sido criado numa família tradicionalmente católica.

A partir de sua entrada no grupo oração *Jovens Seguidores de Cristo (JSC)* em 2001, a vivência de J.R. como católico teria se transformado “de uma tradição para uma coisa eu

---

<sup>310</sup> Entrevista com J..

<sup>311</sup> Entrevista com J..

gosto de fazer”, afirma o jovem. Ligado à Pastoral da Juventude<sup>312</sup>, o JSC tem como objetivo a evangelização de jovens, para o que utiliza estratégias apontadas por J.R. como atrativas: músicas, jogos, piqueniques, eventos, reuniões com “bastante animação”. Mas há momentos de estudos bíblicos, palestras e pregações, onde os jovens se familiarizam formalmente com a doutrina católica, e com as vidas de santos.

Narrando sua trajetória como devoto, ele comenta:

Assim, o que eu lembro de antes de antes de eu entrar no grupo é... eu lembrava assim, a Santa Rita era uma Santa advogada das causas impossíveis, né, esse era um dos *slogans* dela, que a gente fala. E assim, o que eu lembro... é minha mãe: ah, pede a Santa Rita que ela vai te ajudar nisso, nisso e nisso. E sempre lembrava de Santa Rita como aquela Santa do machucadinho na testa, né? Então assim, eu não tenho muita recordação antes, mas sempre tive assim, Santa Rita como uma referencia de Santa, mas não porque eu tinha um devoção, mas porque essa igreja que eu venho, né, desde novinho, é a igreja de Santa Rita, né? Eu lembro de Santa Rita assim, como algo assim, algo alegre, algo festivo pra mim, né aquela coisa de criança: jogar papelzinho, soltar fogo de bengala, e assim, não tinha distinção de santo pra Deus, de Deus pra santo, pra mim era tudo... alguém que você poderia chamar e que ia te ajudar de alguma forma. Eu não sabia como, mas sabia que ia me ajudar porque criança confia no pai e na mãe, né?<sup>313</sup>

Depois que começou a participar do grupo *Jovens Seguidores de Cristo* a representação que este devoto fazia de Santa Rita como sendo a “Santa do machucadinho” se alterou. O discurso muda depois que ele conhece as narrativas sobre Santa Rita, que dão ênfase ao “sofrimento”, à obediência e a Deus:

Então hoje mudou assim, no sentido de que não é Ela que faz nada, mas sim Deus. (...) Assim, eu comecei a ver os Santos com outros olhos, de que eles foram pessoas que viveram o evangelho na carne, na vida mesmo, né, então assim, eles têm mais do que autoridade, né? No mínimo eu tenho que ter respeito por eles, ter veneração, né, amá-los. Não adorá-los, mas ter um certo respeito assim como eu tenho pelo meu pai, que me dá um exemplo de vida a cada dia, a minha mãe, e eles me dão um exemplo de vida espiritual a cada dia, então eu comecei a olhar com esse olhos, né? Com os olhos que são pessoas que são referências para nos, né? Porque deus é perfeito e eles foram humanos, eles erraram, então a gente fica mais fácil de assimilar... com os santos. E, igual assim, eu sou muito devoto de Santa Rita, de São Jose também, mas porque eu tenho muita coisa a ver com eles, mas porque eles me completam muito, né? Igual Santa Rita como exemplo de paciência, né, pela vida dela lá, que ela queria situar a vida dela para Deus, entrar no mosteiro, e o

<sup>312</sup> Este grupo, segundo uma informação retirada do Jornal Folha da Mata, tem como “diretor espiritual” o Cônego José Geraldo. Cf. *Jornal Folha da Mata*, 24/05/03. O movimento de grupos de oração juvenis é bastante forte na cidade. Sobre esta questão é particularmente interessante a pesquisa de Edilson Pereira, sobre os grupos de oração da Universidade Federal de Viçosa. PEREIRA, Edilson. A Igreja vai ao campus. Relatório Final do PIBIC-CNPq: UFV, 2004 apud PEREIRA, Edilson S. *Mística e Mistificação. Sínteses entre religião e indústria cultural. Trabalho de conclusão de Curso (Comunicação Social - Jornalismo) – Curso - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006, p. 36-38.*

<sup>313</sup> Entrevista de J.R..

pai dela fez com que ela se casasse e ela sofreu demais, apanhou demais, né? Foi sofrendo a vida inteira, mas sempre ali, firme em Deus, sempre paciente e confiante que o objetivo dela ia ser alcançado, que ela ia doar a vida dela toda para Deus, né, **como ela não estava conseguindo se doar no mosteiro ela se doava por completo no seu matrimônio, né?** Então eu vejo assim, um exemplo fantástico de paciência, de, de fé em Deus, porque muitas vezes quando as coisas estão dando certo, o oba oba é muito bom, ah, Deus é muito bom, e tal. Aí vai, acontece um acidente na sua casa e aí? ‘Ah, Deus, você não olhou por mim, não sei o que’, começa a jogar... cinco seis pedras na mão... Não, né? É diferente. Então eu vejo assim, que ela é um exemplo mesmo, um exemplo de caminhada para mim, um exemplo de perseverança naquilo que ela queria, né, que era estar doando a vida dela para Deus, não importava a forma, né? E tanto ela quis, e tanto ela mostrou que não importava a forma que chegou um ponto que Deus deu a ela a graça do que ela queria, que é entrar no mosteiro, né? E doar a sua vida da forma que ela queria, né? Nossa! Para mim é fantástico.<sup>314</sup> (grifo nosso)

A Santa, que na infância era vista por ele como alguém alegre, passou a ser percebida como uma mulher sofrida, sobretudo por causa do violento relacionamento com o marido. Apesar do devoto afirmar que os santos são respeitáveis pelo fato de terem sido humanos, e como tais terem cometido erros, ele não os reconhece na vida de Santa Rita. Assim, apanhar do marido, por exemplo, em nenhum momento é explicitado como uma conduta errada de Santa Rita, tampouco a do marido por ter batido. Ao contrário, o procedimento da Santa aparece como algo digno de louvor. A ‘violência’ do marido é vista como um ‘teste’ para Rita, uma provação para que ela se santificasse, ou ainda, atingisse seus objetivos, no caso dela, o de ir para o convento. A morte dos filhos também aparece como ‘providência’, como depreendemos de sua fala:

Olha, assim, se a gente for olhar com um olho até mesmo mundano, com o olhar da mídia hoje em dia, é... a gente vê que realmente, mesmo assim, independente de religião ela foi um exemplo de mãe, **ela foi um exemplo de esposa porque se a gente for pensar hoje em dia uma mulher normal, que não tem religião nenhuma, né, se o marido dela brigar com ela se bobear ela bate, briga também, xinga, faz de tudo, né.** Se ela ver os filhos dela, por mais que seja, é... vê aquele ódio contra alguém que matou o pai dele. Uma mulher normal eu acho que ela simplesmente iria apoiar o filho dela: “não, tá certo, matou seu pai, né, faz ruindade com ele também, faz a mesma coisa”. E assim, então eu acho que é um exemplo, né. Independente de religião é um exemplo porque ela soube trazer a harmonia, né, ela soube trazer a, é... a harmonia de novo, né, soube trazer o amor pelos outros, né, e muito mais. Eu com minha visão de católico que sou, né, eu vejo que ela é um exemplo enorme de mãe, né, porque o próprio Cristo fala, né, que não há maior prova de amor do que doar a sua vida pelos irmãos.<sup>315</sup> (grifo nosso)

Na fala se J.R. Santa Rita é destacada como responsável pela harmonia. Aparece como um pilar da família, um exemplo raro num mundo onde cada vez mais as mulheres têm

---

<sup>314</sup> Entrevista de J.R..

<sup>315</sup> Entrevista de J.R..

reagido às diferentes formas de dominação que historicamente destinaram a elas o lugar da fragilidade, da emoção e da passividade.<sup>316</sup>

É interessante como J.R. classifica as ações de mulheres que contradizem os comportamentos ditados ao gênero feminino, agredindo seus maridos, por exemplo, como típicas das mulheres *sem* religião, que fazem exatamente o que “não se deve fazer”.

O jovem estudante comentou que não conhecia muitas histórias conjugais que pudessem ser associadas ao exemplo deixado por Santa Rita:

Então assim, mas eu não vejo muito, eu não vi muito caso na minha vida não. **Eu vi só assim, questão por exemplo igual da minha avó, que tinha um marido que bebia muito, né, não foi assim, uma semelhança muito parecida com Santa Rita, mas, foi uma semelhança que por mais que meu avô bebia muito ela estava sempre rezando por ele, né para que nada de mal acontecesse, e graças a Deus nada de mal aconteceu com ele, né.** E o único exemplo que eu tenho, o único exemplo que me vem a mente também é o exemplo de Santa Mônica, né, mãe de Santo Agostinho. (...) Então assim, é... um exemplo de esposa também, né, que tá perguntando, né? Eu vejo que **ela foi um exemplo fenomenal de esposa, né? Quem, que hoje em dia faria o que ela fez? Ninguém, quase que ninguém. Uma pessoa que tem um marido totalmente arrogante simplesmente levar uma canelada todo dia em casa e tal, você vim dar o amor e receber o desamor em troca, né. Ainda assim ela conseguiu sustentar o casamento dela, né. E não só sustentá-lo como em oração, né, pedindo sempre a Deus ela conseguiu mudar o coração de pedra daquele marido para um coração mais humano, mais amado, mais humano, onde ver as pessoas não como simples objetos, não como simples, é... forma de ganhar dinheiro como ele via e tal... não, né.** Santa Rita conseguiu fazer com que o esposo dela fosse uma pessoa mais humana, uma pessoa mais amado. Então assim, é um exemplo de esposa porque, é, no relacionamento a gente não vai conseguir encontrar a pessoa certa. **Ela conseguiu ir lapidando a pessoa que estava ao lado dela, né.** E assim, com os olhos mundanos mesmo isso é um ótimo exemplo. A gente vê, né, **as vezes a gente começa a namorar, né, no início tem aqueles atritos, mas é igual uma pedra, né, uma vai lapidando a outra e no final tá encaixadinho, né. Porque assim, eu vi que Santa Rita soube esperar, soube lapidar o marido dela devagarzinho, né. Então assim, foi um exemplo pra mim de Santidade, né, um exemplo de esposa tanto no... com os olhos humanos como com os olhos da fé, né. Ela soube converte ele e soube também lapida ele como homem e mulher mesmo, né, pra se darem bem e pra viverem uma vida material verdadeira, né?**<sup>317</sup> (grifo nosso)

Apesar da sua pouca experiência de vida, a fala de J.R. é bastante emblemática, se pensarmos na sua condição de homem, jovem, e solteiro. Apesar de não ser casado, ele se reporta a algo que está próximo da sua vivência cotidiana, e mostra como a conduta conjugal de Santa Rita de Cássia pode servir de referência para os namorados no começo do relacionamento. É bastante significativo pensarmos que este rapaz ainda fala a partir de suas

<sup>316</sup> Sobre esta questão cf. SOIHET, R. “Mulheres pobre e violência no Brasil urbano”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 367.

<sup>317</sup> Entrevista de J.R..

experiências enquanto membro de um grupo de jovens, dentro do qual eles discutem sobre a vida de Santa Rita:

(...) Santa Rita, sempre quando é época assim, de 22 de maio, assim, a gente fala sobre ela. Então sempre ta fresquinho na cabeça do pessoal, e sempre tão olhando a vida dela e sempre comentam isso ou aquilo. Interessante o que ela fez, será que a gente teria coragem de fazer isso?

Raquel: Por exemplo? Dá um exemplo.

J.R.: De aceitar. Igual a gente conversa com as meninas, com os meninos, aceitar o pai a obrigá-la a casar... será que a gente teria coragem de fazer isso?

Raquel: E o que em geral o pessoal do grupo acha assim, quando você tava falando, né? Será que você se espelharia ou faria o que ela fez?

J.R.: Normalmente a gente fala a principio é uma coisa impossível de ser feita, mas assim como... Se você for olhar todo o evangelho, a maioria dos ensinamentos de Jesus eram impossíveis de se viver. Mas com Deus a gente vai conseguindo aceitar, os chamados, as ordens a que Deus nos chama, né? Igual a “amar a deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”. É algo praticamente... nossa, difícilimo, mas é algo que a gente tenta viver a cada dia, né? É algo... hoje eu não consigo fazer isso, mas eu quero fazer isso, né? **A gente diante dessas situações assim, de santo, da vida deles, a gente mostra com esse intuito, né?** Que hoje nos não estamos fazendo isso, mas que a partir de hoje comece a tentar viver como... os santos nos convidam, como o evangelho nos convida, né?<sup>318</sup> (grifo nosso)

Torna-se instigante pensar que este jovem universitário associa a imagem daquela esposa “fenomenal” como alguém que mostra como se deve agir. Um agir que propõe a aceitação da agressividade, encarada como algo que a mulher tivesse mais condições para aceitar e, com base na idéia de sua superioridade moral, ainda transformar. Ele conclui:

Nossa, eu não digo só no final, mas eu digo assim, **durante todo o sofrimento dela, durante toda a vida dela, né? Ela foi uma pessoa feliz porque, não tem jeito, quando você vive as coisas de Cristo sabendo o que você esta fazendo, tendo experiência com Deus, né?** Porque se você não tiver uma certeza que Deus realmente existe para você, você não... você vai estar fazendo tudo em vão, não vai adiantar de nada. Mas como Ela sabia que Deus existia, as experiências dela, com Deus, né, os milagres que ela fazia, os sofrimentos não eram, vamos assim dizer, não eram nada perto da grandeza de Deus. Que quando a gente chora, Deus consola, quando a gente ri, Deus ri com a gente, quando a gente briga, Deus fica olhando a nossa briga ali, pra depois a gente ir la e abraçar, fazer reconciliar. Então, assim, eu não diria só no final, né, mas em todas as partes da vida dela, né? (...) Tudo e a oração não flui tão bem como antes, né. Porque? Porque eu tenho perdido isso. **Então assim, o sofrimento nos engrandece, é... acho que é Santa Tereza D’Ávila fala que o sofrer passa, mas o ter sofrido permanece eternamente.** Então, assim, às vezes eu fico lembrando de Juiz de Fora, do meu sofrimento, porque lá, em meio às dificuldades eu conseguia buscar a Deus, assim, tranquilo, feliz. E hoje que eu tenho tudo , às vezes eu começo a capengar, a desanimar. A gente desanima, não tem jeito (...) Então assim, eu vejo **que o sofrimento de Santa**

<sup>318</sup> Entrevista de J.R..

**Rita foi assim, o que santificou ela às vezes muito mais do que ela poderia se ela tivesse tido uma vida normal.** Mas nem por isso aqueles que tem uma vida normal não deixam de ser santos, né, como Santa Joana D'arc. Era rica pra danar e tal, tinha tudo. São Francisco também abandonou tudo, né? E foi pro caminho de Deus. Então, assim, tem aqueles que, como eu falei, né, Deus pega aqueles que tem tudo de bom ou aqueles que não tem nada de nada e consegue fazer deles santos.<sup>319</sup> (grifo nosso)

Percebemos que a questão do sofrimento tem sido apropriada por muitos devotos de forma parecida com a que é proposta pela Igreja. Algo que, a exemplo da dor de Cristo à qual Santa Rita teria pedido para compartilhar, conduz à libertação.

Tal como para o jovem J.R., o sofrimento também se apresenta para outro devoto, o Sr. A. como algo engrandecedor na vida de Santa Rita. A fala deste senhor, casado, mecânico, com setenta e dois anos de idade, assim se expressa:

**Sofreu, né, porque o marido dela era péssimo, ordinário mesmo, a ponto de ser assassinado** e deixou dois filhos, e os filhos começo a entender, e nós vão cresce e vão matar esse homem. E a Santa Rita com medo deles ficarem, não alcançar o céu, com medo deles assassinar, pediu a Deus que tirasse os filhos dela antes deles fazerem bobagem. Aí ela ficou feliz .

(...)

Ah, ela é um exemplo, não só como mãe, como esposa, né, **o marido não valia nada**, mas ela ... **por causa disso, ela nunca brigou com ele**, salvou os filho da desgraça, e viveu sua vida de sofrimento até ganha os céus!<sup>320</sup> (grifo nosso)

Apesar de Santa Rita ter ‘ganhado os céus’, depois de tanto sofrimento na terra, a fala deste devoto indica que a ‘dor’ não teria “subido” com ela. Nas palavras do Senhor A., que visitou o túmulo de Santa Rita em Cássia, seu sofrimento ainda está impresso em seu corpo:

Aí eu fui convidado pra ir a Turim ver o Santo Sudário, não tinha passaporte, não tinha nada, nem dinheiro, e eu arrumei tudo (...) Então eu fui lá na Santa Rita de Cássia (ênfase no Cascia)”, como eles falam lá.

Raquel: Ah, então o senhor foi lá no mosteiro, lá no convento?.

Sr. A.: Fui ...é uma cidadezinha lá de Santa Rita de Cássia. **Então o corpo dela ta meio assim e nota que as expressões dela são de uma mulher que pegou no duro, né, que sofreu muito, ela ta assim um chocolate claro** ... E o negócio dela é vidro, vidro, vidro, e precisa esperar a hora pra você ver.

Raquel: E tem muita gente?

<sup>319</sup> Entrevista de J.R..

<sup>320</sup> Entrevista do Senhor A..

Sr. A.: Muita gente, e pra você é a mesma coisa que .. pra você ver ela o padre, ce ta em condições de comungar? Então muito bem, pode ir lá.

Raquel: Olha só, então pra entrar lá tem que comungar, antes de ver o corpo de Santa Rita?

Sr. A.: Se não tiver em condições confessa, o ta lá pessoal pra confessar (... ) as **feições dela são muito fechadas**, ela ta lá.<sup>321</sup> (grifo nosso)

Como vimos, nas observações do Sr. A., o sofrimento vivenciado por Santa Rita enquanto mãe e esposa parece ter permanecido no corpo daquela mulher, como algo associado apenas à sua experiência terrena. “Subindo aos céus”, Ela se convertera em ‘modelo de mulher, mãe e esposa’, sendo objeto de apropriações múltiplas, que “circulam”<sup>322</sup>, e que não se encerram somente na dimensão da resignação por parte das devotas.

---

<sup>321</sup> Entrevista do Senhor A..

<sup>322</sup><sup>322</sup> Inspirado por Mikhail Bakhtin, através de sua obra sobre as relações entre Rabelais e a cultura popular da Idade Média, o historiador Carlo Ginzburg propõe o conceito de “Circularidade Cultural”, que implica no reconhecimento da dinâmica existente entre o popular e o erudito. Esta proposta reconhece a existência de inter-relações culturais entre as diferentes camadas sociais. GINZBURG, C. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguindo pela inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13 e 20..

### 3.2. Devoção e práticas conjugais.

E, por a minha mãe ser muito católica e tudo, ela, a minha mãe, não foi uma pessoa feliz no casamento, sabe? **Então ela brincava que todo mundo que era devoto de Santa Rita, não era feliz no casamento. Diz que Santa Rita não gostava de casamento.** Por causa da história de vida de Santa Rita, né? Que Santa Rita parece que teve um marido muito é, possessivo, muito violento, né? E depois esse marido dela foi assassinado.<sup>323</sup> grifo nosso

Com as palavras acima F.C., médica, trinta e nove anos, separada, se reportou às lembranças que tinha das histórias contadas por sua mãe sobre Santa Rita de Cássia. A trajetória de F.C. como mulher/esposa/devota é bastante interessante, pois, como ela comenta:

**Isso aí é, é um ... é uma lenda, é uma história de Santa Rita,** que por ela ter sido muito infeliz no casamento, né? **E quem é devoto de Santa Rita, não se sai bem no casamento.** Quer dizer, minha mãe não se saiu bem no dela, eu também não me saí bem no meu não (risos) ... Não é? De certa forma ...<sup>324</sup> (grifo nosso)

A lenda<sup>325</sup> de que os devotos de Santa Rita não se davam bem no casamento, ao contrário de ser apenas uma simples brincadeira que a mãe de F.C. fazia, pode ser percebida como uma questão bastante séria, se pensada em termos do que significava “se sair bem no casamento”. Considerando-se que durante muitos séculos as mulheres (assim como provavelmente a mãe de F.C.) foram criadas numa geração onde “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado destino natural das mulheres”<sup>326</sup>, aquela aparente brincadeira revela-se profundamente séria.

Atrelando-se a essa concepção o fato de que nas relações com os santos é preciso “pedir a coisa certa, ao santo certo, e de maneira apropriada”<sup>327</sup>, a brincadeira que a mãe fazia parece ser emblemática.<sup>328</sup>

<sup>323</sup> Entrevista de F.C..

<sup>324</sup> Entrevista de F.C..

<sup>325</sup> Além de F.C., também ouvimos em várias conversas informais e na qual estabelecemos com Dona E., para quem “mulher solteira não devia ser devota de Santa Rita, pois não dava sorte no casamento”.

<sup>326</sup> Estudando a geração de mulheres dos anos de 1950 no Brasil Carla Bazasseni afirma que “na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação”. BAZASSENI, C. “Mulheres dos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 609.

<sup>327</sup> MENEZES, Saber ..., p. 51.

<sup>328</sup> Em sua tese de doutorado, publicada em livro, Renata Menezes comenta que o atributo de santo casamenteiro foi o mais citado entre o conjunto de percepções encontradas na pesquisa com os fiéis, como no Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro. Segundo ela, os entrevistados não se referiram apenas a casamentos, pois, ao falarem das capacidades do santo, apareceram referências mais abrangentes, ligadas a namoro, noivado, etc. A habilidade como santo casamenteiro “teria origem em atitudes que ele tomou ainda durante sua vida, quando ele

F.C., falando como uma mulher que está cursando sua terceira faculdade, parece justificar que a fala da mãe era apenas uma “história”, no sentido fictício do termo, mas deixa transparecer a confirmação disto como verdade, realçando a “coincidência” entre os casos conjugais de Santa Rita, da mãe e o seu próprio.

Comentando sua trajetória conjugal, F.C. diz que apesar de ter se casado grávida o casamento não foi determinado por este fato, já que se casou com um homem com quem já mantinha um relacionamento de seis anos, entre namoro e noivado. Assim comenta:

Eu achei que seria bom, né? Seria bom, eu namorava a pessoa... É, aí eu me casei, **eu sei que com dois meses de casamento eu não tava querendo ficar casada mais. Mas eu agüentei as pontas quatorze anos, sabe, e aí eu me separei.**<sup>329</sup> (grifo nosso)

A exemplo de ‘sua Santa Rita’, que agüentou o marido por dezoito anos, F.C. suportou o casamento por muito tempo, apesar de ter se decepcionado com o marido logo no início do casamento. Ela explica:

Quando eu engravidei, o pai das minhas meninas queria que eu abortasse. Aí eu peguei e falei que eu não abortaria não. Que se fosse o caso eu teria a menina, né? E ela não pediu pra, pra, pra ser concebida. E eu não concordava. Não que eu seja contra o aborto. Eu não sou contra o aborto, não, entendeu? Mas eu tinha dentro de mim que eu tinha força pra ter aquela menina e continuar a minha vida, sabe? Aí eu contei assim pra ele “oh, se não houvesse a menina, eu teria que gastar pra me manter aqui, e você paga a pensão no final de semana. Então, o que que nós vamos fazer? Eu sou monitora, né” na época eles pagavam um salário mínimo de monitoria; na época, a gente gastava um salário mínimo pra deixar a menina na creche, né, o dinheiro parece que tinha maior poder, né, do que hoje. E eu falei assim: “não, ce paga o aluguel da casa, a minha mãe vai me ajudar, continuar me ajudando, e mais essa monitoria, né, e a gente vai levando. Entendeu? Mas que eu vou” ... **Aí eu acho que foi a partir, assim, o homem que eu namorei e noivei, aquela figura ideológica que eu tinha na minha cabeça, jamais me, me, me colocaria essa situação, de abortar, entendeu?** A partir do momento que aquele homem se tornou uma pessoa que tinha capacidade de me falar pra abortar, **eu não devia não só não ter abortado, mas eu não devia ter casado com ele, sabe?** Porque eu acho que a decepção começou daí. (...) Mas eu, assim, aquele sentimento né, que não, não é possível, seis anos por uma situação, né? Não é possível, deve ser uma situação de stress e tal. Mas eu, eu fiquei muito decepcionada, **porque a dificuldade maior seria minha, né?**<sup>330</sup> (grifo nosso)

A maneira como F.C. interpreta as ações do marido, ao contrário do que ela mesma considera, não parece ser algo exclusivo da ‘sua cabeça’, mas provavelmente seria uma

---

foi ‘um dos padres que lutou pelo sacramento do casamento’ e ‘levantou o clero contra a lei que rico só casaria com rico, pobre com pobre’”. MENEZES, *A dinâmica ...*, pp. 163-169, 173-178.

<sup>329</sup> Entrevista de F.C..

<sup>330</sup> Entrevista de F.C..

postura comum a muitas outras ‘cabeças’ femininas. É importante observar que durante muito tempo várias gerações de mulheres foram criadas ouvindo histórias de “príncipes encantados”, “figuras ideológicas” que perdem o encanto, e decepcionam, como diz F.C.. Ao mesmo tempo, esta devota parece se culpabilizar, pois mesmo tendo reconhecido naquela época que assumiria a maior parte da responsabilidade sobre a filha, ela se casou. Ela prossegue:

E aí eu sei que eu passei a gravidez de minha filha todinha sozinha, morando numa casa cheia de escorpião, porque foi o único lugar que nós conseguimos alugar, né? Com o preço que a gente podia pagar, perto do Hospital Escola, né? E, e eu tive eclampsia grave, tive pré-eclampsia grave, tive eclampsia na hora do parto, a minha filha nasceu de trinta e quatro semanas, ficou internada um tempão, e depois... é, eu fiquei com ela sozinha, sem ter ninguém comigo na casa, mais de sete dias, porque a sogra não quis ficar, e a minha mãe, tava esperando pra vir no mês seguinte, né? **O meu pai nem tava sabendo do meu casamento, e muito menos da minha gravidez, porque se ele soubesse, ele não me ajudaria mais, e eu não tinha como me manter, né, sem a ajuda deles...** Eu sei que depois ele descobriu e parou de me ajudar, sabe, mas a mamãe continuou me ajudando.<sup>331</sup> (grifo nosso)

As questões relacionadas aos comportamentos de gênero aparecem de forma muito presente na vida de F.C.. A gravidez escondida do pai, encarnado na figura de provedor financeiro que de fato parou de sustentá-la <sup>332</sup>, a mãe cúmplice, que ajudou a filha às escondidas, a experiência da devota, que assumiu sozinha os cuidados com a recém-nascida.

Todavia, apesar de todas essas implicações relacionadas aos estereótipos prescritos para sua conduta como mulher, a devota, ainda que aparentemente parecesse estar consentindo com o casamento frustrante, criou suas resistências. F.C. diz:

Mas aí, em virtude de varias situações, né, quando a minha filha tava pra fazer três anos, eu terminei tudo, né, terminei medicina, terminei psicologia, e, e vim pra Viçosa, sabe? Aí no final do ano eu consegui passar na residência em Belo Horizonte, né? E o mais engraçado foi que, no último ano da residência, eu engravidei da segunda filha. (riso). Aí, é ... consegui, né, adiantar as horas de plantão e tudo mais, e terminar a residência. ... nasceu dia vinte e seis de outubro, né, e a minha residência ia te o dia onze de dezembro, mas aí eu adiantei, né, pra não ter que voltar. **Então assim, foram situações muito diversas, né? E esse tempo todo eu sempre, assim, me apoiei muito, sabe, nessa fé que eu tinha, e, mesmo assim, nas historia de vida, o pouco que eu sabia.** Eu nunca parei pra ler, né, a história deles, não. **Então, eu penso assim, que Deus me deu muitas provas, mas ele também me deu também uma excelente bibliografia.** (riso) Eu pude estar preparada pra essas provas, né?<sup>333</sup> (grifo nosso)

<sup>331</sup> Entrevista de F.C..

<sup>332</sup> É importante salientar que essa ainda é uma prática comum entre pais e filhas, principalmente, e pode estar relacionada à idéia do pai como o provedor dos bens materiais na família, sem o qual, supunha-se, o sustento seria mais difícil. Nesse sentido, muitas vezes essa prática aparece como uma tentativa de “coação” dos pais sobre as filhas, no sentido de garantirem a obediência dela, ou seja, de assegurar o poder sobre elas.

<sup>333</sup> Entrevista de F.C..

A bibliografia, nesse caso, a biografia de Santa Rita, que sugeria a resignação para outras esposas e mães de família, foi apropriada de forma bem inversa por F.C., o que confirma a plausibilidade das advertências sugeridas tanto por Roger Chartier como por Michel de Certeau. Estes dois autores apontaram a necessidade de se dar atenção aos usos e às apropriações das idéias e dos comportamentos que são destinados culturalmente às pessoas no cotidiano.<sup>334</sup>

No que se refere à história de Santa Rita de Cássia, F.C. diz que ela

Serviu como exemplo, serviu como apoio, né? Eu lembro que, quando eu tava grávida, no final da gravidez, a menina não mexia, sabe? Porque eu tava muito inchada, pressão muito alta, né? Foi uma fase de sofrimento, né? Então eu falava assim “gente, nem parece que eu to grávida, ninguém mexe dentro da minha barriga”. Falava assim: “não, Deus dá o frio conforme o cobertor, né? Deus, **Santa Rita, vai me ajudar, vai dar tudo certo.**” Quer dizer, deu tudo certo, eu entrei em eclampsia, e tudo mais, mas no final das contas eu fiquei bem, né, não tive nenhuma seqüela, e mesmo minha primeira filha não ficou com seqüela nenhuma de tudo o que ela passou, né? (...) A minha segunda filha, nasceu muito bem. **Apesar da ignorância do pai, quando a menina nasceu, ele e a família dele me disseram que a menina não era filha dele, que não parecia com ele, sabe? É horrível, né, uma mulher ter que escutar isso, inda mais eu, né, que nunca fui depender de ninguém, né?** Porque eles não davam chance, e eu não ficava atrás pedindo, sabe? E tal... Aí, eu sei que ele demorou pra registrar a menina, porque eu não queria que ele registrasse. Eu falava assim: se não é sua filha, ce não vai registrar, sabe? E tal. E aí depois, né, quando a menina estava com um ano e oito meses, ela teve meningite meningocócica, e não ficou com seqüela. Depois, quando ela tava com seis anos, a meningite repetiu, e ela não ficou com seqüela, sabe? Aí quando ela tava com oito anos eu me separei. E aí foi dessa forma, sabe? É ... foi assim... muitas coisas que você vê acontecer com outras pessoas, e deixaram seqüelas muito profundas, e comigo aconteceu, eu passei muito aperto, muita dificuldade, mas no final eu to bem, né? Então, eu, eu acredito assim, é ... da mesma forma que eu tive que lutar muito, né, eu também tive as armas pra isso, né? Então, eu, eu sempre falo com as meninas aí, que vêm grávidas, preocupadas, e tal: se você quiser abortar, é um direito seu. Mas se você não quiser, a gente não precisa de homem pra criar filho, não, sabe?<sup>335</sup> (grifo nosso)

Apesar de acreditar na conduta exemplar das histórias de vidas dos santos, F.C. usa a leitura sobre Santa Rita de forma inversa no seu cotidiano. A devota marca um deslocamento e uma subversão<sup>336</sup> em sua própria história de vida, que é explicada da seguinte maneira:

<sup>334</sup> CERTEAU, *A invenção ...* e CHARTIER, *Textos...*

<sup>335</sup> Entrevista de F.C..

<sup>336</sup> Estes termos foram utilizados no sentido proposto por Roger Chartier, quando argumentou que a “incorporação da dominação não exclui, entretanto, afastamentos e manipulações. Como prova, de início, o ‘efeito beleza’. Para as mulheres, se conformar aos cânones corporais (móveis e variados, inclusive) ditados pelo olhar e pelo desejo dos homens não é somente se curvar a uma submissão alienante, mas também construir um recurso permitindo deslocar ou subverter a relação de dominação. ... Como provam também as apropriações femininas dos modelos clericais, ou seja masculinos, que, de um lado e de outro da fronteira religiosa, definem estritamente os arquétipos da santidade, as funções eclesiais, as formas de espiritualidade e as práticas devotas

“Um dos motivos que eu fui ficando meio sem graça, foi pelo seguinte. Porque, a minha mãe, era uma pessoa muito insatisfeita, né, não era satisfeita no casamento dela, né? Não se separou, **talvez até eu tenha feito muita questão de me separar talvez até pra, pra evitar esse karma dela, né, de ficar casada com uma pessoa cinquenta e cinco anos, sem estar bem com ela, né?**<sup>337</sup> (grifo nosso)

A separação, pontuada por F.C. como uma necessidade (vontade) de fugir daquilo que poderia se construir como uma eventual herança conjugal da mãe (devota da Santa), também convergiu para novas direções:

Foi assim. Eu me separei... eu pedi a separação de corpos, né? Eu tinha comprado um apartamento, saí da casa, né? Aí depois, é... a advogada perdeu o prazo, aí eu fiquei parada na separação um tempo. Aí ele resolveu entrar com o pedido de divórcio direto, né? Porque teoricamente, assim, agora que eu sei, que eu estudei direito de família, eu sei que poderia ter saído o divórcio ali mesmo. Mas o juiz falou que não, que não tinha como provar que tava separado há mais de dois anos de fato... Mas tava. Eu sei que eu consegui a minha separação mais ou menos em 2003. E eu fui muito prejudicada financeiramente e moralmente. Porque é igual a gente fala. A gente estuda muito no direito. Tem muita coisa que é legal, mas não é moral né? Então, a minha separação foi extremamente imoral, sabe? Eu acabei ficando com toda a responsabilidade, eu que lutei pra ter todo o patrimônio e o patrimônio ficou quase assim, a parte melhor ficou pra ele, e as meninas ficaram comigo. Ele não cumpriu nada do que ele colocou lá em relação aos cuidados com as meninas, sabe? E quando eu questionei se eu poderia entrar com alguma ação, né, mesmo quando eu tava fazendo o curso de direito, pra que ele cumprisse, né? Por exemplo, ficar com as meninas no final de semana, em férias, né, participar de alguma despesa extra e tudo mais. Eles falam que não, entendeu? Que isso aí é uma coisa que a lei manda fazer mas não tem como fazer cumprir, entendeu? Então, eu comecei a questionar: como é que pode? Esse negócio não tá correto, né? E eu acho que uma das formas que você tem de, de melhorar as coisas é você estar por dentro do que que é a coisa. Eu falo que tem, é... igual por exemplo, eu fui muito doente quando eu era criança, né?” (...) Então, por isso eu fui fazer medicina, eu acredito, né? Porque, nó, eu passei tanto aperto, tomei tanto remédio, fiquei tão exposta, né, à medicina, que eu resolvi enfrentar aquele *dragão* que pra mim era a medicina, né? E, da mesma forma com o direito. Eu acho que eu me senti tão *exposta*, né, às, às leis, achei que as leis, assim, valeram tão pouco, que eu resolvi ver que diabo era isso, né? (...) Tô, eu tô no sétimo período. Vou formar no final desse ano. É interessante, né? Mas o que me despertou pro Direito foi exatamente essa minha separação, sabe? Porque eu achei que o Direito, o Direito tava tão mal, mal administrado na minha separação, que eu resolvi fazer o curso<sup>338</sup>.

F.C. é aquela devota referida anteriormente, que nasceu numa cidadezinha de Minas Gerais onde encontrava Santa Rita “deitada no seu caixãozinho”, a caminho da escola. Quando adolescente, a devota foi para Viçosa cursar o então segundo grau no Colégio

---

que convém a cada um dos sexos. Mas, como mostra o exemplo espanhol, onde, justamente, a concentração religiosa das mulheres em espaços específicos e controlados é muito significativa, a invenção espiritual feminina transborda os limites impostos, embaralha os papéis, desloca as convenções.”

<sup>337</sup> Entrevista de F.C..

<sup>338</sup> Idem.

Universitário. Prestou vestibular para Zootecnia, desistiu da graduação, inscreveu-se em um curso preparatório para vestibular, ingressou nas faculdades de Medicina e de Psicologia<sup>339</sup>. Formou-se nas duas, fez residência médica, atende e dá plantão. Reconhece que durante a sua trajetória peculiar, marcada por tantas adversidades, a “Santa das causas impossíveis” esteve sempre presente e deu forças na sua caminhada. Ao mesmo tempo, tentou resolver seus problemas pessoais com os cursos de graduação que fez.

As escolhas de F.C. configuram aquilo que Michelle Perrot e outras autoras chamaram de ruptura. Seu exemplo ser percebido como uma forma de transformação ou subversão que, “tocando direta ou indiretamente a vida das mulheres”<sup>340</sup>, implica por conseguinte na alteração das suas relações com os homens e com outras mulheres. No caso específico desta devota, implicou nas suas relações com a mãe e com o ex-marido – talvez até com a própria Igreja Católica:

Eu freqüentei muito a igreja até eu me divorciar, sabe? Tem mais ou menos sete anos que eu me divorciei. Aí, quando eu divorciei ... antes de eu me divorciar, eu fiquei numa, assim ... numa situação muito difícil comigo mesmo. Porque ... eu ficava naquela né, e agora José, né? O que que eu faço? Porque eu não vou ficar com uma pessoa que não me entende, que não ta dando certo, pro resto da minha vida, só porque tem uma instituição religiosa dizendo que eu tenho que fazer isso. Eu acho que isso aí é uma coisa da igreja, e não é uma coisa de Jesus, né? (...) Eu acho que não, não seria dessa forma que eu devia conduzir a minha vida, né? Mas, ao mesmo tempo, **assim que eu me separei, eu fiquei sabendo que eu não poderia comungar se eu tivesse um namorado**, qualquer coisa assim, se eu tivesse tendo uma, uma vida, né, sexual, assim, quer dizer... vamo né, eles não falam isso, mas é subentendido nas entrelinhas. Por exemplo, se você é separada, mas não tiver nenhum relacionamento, você pode comungar. Se você tem um relacionamento você não pode. **Eu já comecei a achar aquilo um absurdo. Segundo, você ta casada pra sempre, né?** A partir do momento que você se casou, você ta casada pra sempre, e mesmo é ... e eles ... como é que se diz? Não aceitam, né, é ... anulação, né, de um casamento, mesmo que você prove por a mais b que foi um engano, que você casou em circunstâncias adversas, né? Igual, por exemplo, uma vez eu conversei com um seminarista, ele me disse que por eu ter casado grávida, que eu poderia alegar, né, em Roma ao pessoal do direito canônico, que o objetivo do meu casamento não foi o casamento em si, mas que eu tava numa situação, né, e tal. Eu disse assim, olha, eu acho que é uma coisa que tem que partir de lá. Não é uma coisa que tem que partir daqui. E eu tenho varias amigas que são de outras igrejas cristãs, e que se separaram, se casaram em outras igrejas cristãs, né, que elas freqüentam e tudo. Mas eu também não me identifico com essas outras igrejas cristãs, sabe? Assim, eu acho que o que elas falam e o que elas fazem ta muito longe do que a igreja católica fala e faz não. A única diferença eu acho que é a questão da sexualidade, né? Porque eles podem viver assim de uma maneira social, né, não precisa esconder. **E na igreja católica a gente vê muito a coisa acontecer, mas de uma forma ... é... confidencial, aos olhos da população e tudo né? É uma castidade que não existe, é um celibato que não existe.** (...) Então, a situação foi a seguinte. **Quando eu fiquei sabendo dessas coisas, né, da religião**, que eu freqüentava, que não se poderia comungar, por ser separada, que não podia isso, não podia aquilo, coisas que ce via que não tinha nada a ver, que ce via que

<sup>339</sup> Entrevista com F.C..

<sup>340</sup> PERROT, M. et al. (orgs.) op. cit, pp.7-28.

era uma tremenda hipocrisia, **eu peguei e fui me afastando, me afastando. Mas eu nunca deixei de, de, ter minha fé, sabe? Houve dia assim, que, nos últimos dois anos então piorou. Eu já não rezo mais, sabe? Mas eu já rezei muito (com ênfase). Eu rezava terço, eu rezava isto, rezava aquilo.**<sup>341</sup> (grifo nosso)

Pela fala de F.C. percebemos que ainda hoje as mulheres separadas são alvos de constante vigilância em nome da boa moral e dos bons costumes, conforme o discurso religioso pregou sobre elas durante muito tempo. Sobre os corpos dessas mulheres parecem incidir e pesar duplamente as normas de conduta historicamente destinadas àquelas consideradas “sexo frágil”, cujas sexualidades deveriam ser especialmente mantidas sobre controle.<sup>342</sup>

Apesar de todos os avanços realizados no terreno das leis e das profundas alterações na ordem econômica, política, social e cultural, conforme salientou a fala já citada da historiadora Suely Costa, em pleno século XXI as palavras dirigidas às mulheres separadas ainda são ouvidas por F.C., divorciada.

Ela, porém, consegue manter sua fé em Santa Rita de Cássia, mesmo tendo se afastado da Igreja; fato que elucida a idéia de que “as práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas.”<sup>343</sup>

Enquanto a trajetória de F.C. foi marcada pelo questionamento e pela ruptura com a Igreja, a de uma outra devota se caracteriza por escolhas que a fizeram esquivar e ao mesmo tempo reproduzir as determinações que o discurso religioso dirige ao “gênero feminino” – Dona M.A., uma senhora de sessenta e nove anos de idade.

Órfã da mãe, que morreu pouco tempo depois de seu nascimento, Dona M.A. viveu até os oito anos de idade no pequeno distrito em que nasceu, perto de Viçosa, e depois se mudou para a cidade a convite da avó materna para dar prosseguimento aos estudos. Coursou até a sétima série no Colégio Nossa Senhora do Carmo, mas em decorrência de problemas financeiros teve que interromper os estudos e voltar para a área rural. Lá abriu uma escolinha, começou a dar aulas para crianças pobres, mas também trabalhou como secretária de um grande comprador de café.

Apesar de ter sido criada por uma família católica e de ter estudado numa escola viçosense coordenada pelas Irmãs Carmelitas, Dona M.A. comenta que sua devoção à Santa Rita teria se fortalecido porque:

<sup>341</sup> Entrevista de F.C..

<sup>342</sup> Cf. BASSANEZI, op. cit., p. 631.

<sup>343</sup> CHARTIER, *Textos...* p. 234

Com 18 anos eu me casei e aí vim morar em Viçosa (...) ele trabalhava no armazém e eu não fazia nada porque aqui em Viçosa não tinha escola, e foi aí que eu conheci mais a devoção por Santa Rita, porque eu sempre freqüentei a Igreja e novena de Santa Rita, nove dias antes né, da festa, era a novena de Santa Rita, então a gente fazia, acompanhava a novena de Santa Rita e havia muito da história dela, da vida dela que foi muito sofrida. (...) **A historia dela a gente já conhece né, como a gente sempre foi a Igreja, a gente conhecia aquela que todo mundo tem. Agora eu tenho um resumo falando o último sermão do ano passado, acho até que foi o Padre Zé Geraldo que fez, foi muito bonito ele falando sobre Santa Rita, sobre o sofrimento dela, tudo que ela passou (...)** Olha, eu assisto a missa, e a procissão como é muito prolongada e a gente já não ta muito nova, aí eu não acompanho toda não, aí quando passa aqui perto da minha casa aí eu vou até na praça e ouço o sermão, e é no sermão que fala sobre a vida dela.<sup>344</sup> (grifo nosso)

A devoção a Santa Rita de Cássia não foi acentuada como uma tradição familiar, a exemplo de outras devotas, mas parece estar associada às experiências e obrigações da devota como mulher e dona de casa. Para este tipo de mulher a Igreja, na cidade interiorana de Viçosa, se constituiu muitas vezes em espaço privilegiado de sociabilização, conforme vimos pela trajetória de Dona M.A..

No entanto, a trajetória desta senhora sinaliza que nem sempre a prática cotidiana das mulheres foi estruturada seguindo uma norma social idealizada para o gênero feminino, segundo a qual a elas cabia o mundo religioso e o doméstico. Tendo lecionado desde nova, ela só passou a freqüentar regularmente a igreja por falta de opção; a partir de então ela conheceu mais a história de Santa Rita, e aumentou sua devoção. Não queremos dizer que se ela trabalhasse, ela talvez pudesse não freqüentar a igreja, não é isso. Salientamos apenas que o trabalho *fora de casa* se constituía como algo aparentemente mais interessante para a devota:

Ela é um exemplo pra todos nós, que a gente tem que copiar mesmo. Eu mesma, às vezes eu falo assim, até porque agora eu me aposentei, trabalhei 35 anos no Fórum e agora mudaram né, mas não to gostando não Raquel, assim, agora chegou visita. Mas ficar sozinha me dá uma angústia, as vezes eu vou perto dele e alo assim “tem alguma coisa pra eu arrumar?” Mas as vezes eu saio, vou lá na igreja, rezo, mas assim, agora tem uma missa das três todo dia, mas com esse calor eu tenho evitado de ir porque eu sinto mal né, dentro de casa eu sinto mal, imagina se eu saísse nesse sol.<sup>345</sup>

Matriculada pela avó, Dona M.A. estudou numa escola voltada para a formação de professoras, abriu uma escolinha, lecionou, exercendo um ‘profissão feminina’<sup>346</sup>, conforme

<sup>344</sup> Entrevista de Dona M.A..

<sup>345</sup> Entrevista de Dona M.A..

<sup>346</sup> Guacira Louro mostra como o magistério foi transformado em profissão feminina no Brasil, a partir do final do século XIX: se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério

outras mulheres. Quando se mudou para Viçosa, vendo-se impossibilitada de trabalhar com o ensino, recorreu com mais frequência ao espaço religioso, onde teve contato maior com Santa Rita. Mas a devota não fez da religião o seu único espaço.

Quando apareceu uma oportunidade, começou a trabalhar no Tribunal de Justiça como secretária, onde ficou por trinta e cinco anos, até se aposentar. Dona M.A. escolheu um outro lugar social, o qual não era o lugar socialmente esperado para sua ‘condição’ feminina; nesse sentido, promoveu uma ruptura com os padrões almejados para seu gênero, preferindo trabalhar a ser dona de casa, talvez beata.

No entanto, em nenhum momento ela largou a religião ou a devoção a Santa Rita. Muito pelo contrário, sua trajetória sugere que houve uma conciliação entre as atividades do trabalho e suas concepções religiosas. Dentro do trabalho ela foi alocada na seção de processos de separação e fora dele participou de encontros de casais organizados na Igreja, acompanhada pelo marido. Ela descreve:

**(...) depois nós fizemos encontros de casais, uma coisa muito boa, e eu tinha vontade que meus filhos fizessem encontro de casais porque é muito bom. E depois a gente ajudou muito porque os encontros de casais, os últimos que nós trabalhamos foi aqui no colégio estadual, começava na sexta-feira à noite e terminava no domingo à noite, e são casais falando pra casais, casais que tem uma certa experiência falando para outros casais.**<sup>347</sup> (grifo nosso)

É bem interessante pensar como o mundo do seu trabalho era imbricado nas suas práticas religiosas, considerando-se sobretudo que ela era devota de uma Santa que

**sofreu muito com o marido, tanto que só depois que ele morreu é que ela podia seguir outra carreira, pensando mais em Deus e pensando no próximo. A coisa mais emocionante da vida dela é que ela sempre ajudou o próximo, então até hoje ela é admirada por isso, ela é... além de ser procurada, tem muitas pessoas que fazem novenas de Santa Rita, e ela é chamada Santa Rita dos invisíveis, das causas impossíveis, Santa Rita é das causas impossíveis, não tem nada que você peça a ela que você não consiga, como disse o padre uma vez que não é que você consiga na hora né, mas peça e espere porque ela também tem a hora dela (...). Eu acho que o maior exemplo que ela nos deu foi que a gente, quer dizer, o sofrimento não é o pior, a gente tem que aceitar, como ela aceitou o sofrimento e conseguiu a**

---

representava, de certa forma, a ‘extensão da maternidade’. (...) Esse discurso justificava a saída dos homens das salas de aula, dedicados agora a outras ocupações, muitas vezes mais rendosas – e legitimava a entrada das mulheres nas escolas- ansiosas para ampliar seus universos – restrito ao lar e à igreja. A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como ‘típicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando a idéia de que a docência deve ser percebida mais como um ‘sacerdócio’ do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se construísse a imagem das professoras ‘como trabalhadoras dóceis, delicadas e pouco reivindicadoras’, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho, etc. LOURO, op. cit, p. 450.

<sup>347</sup> Entrevista de Dona M.A..

**gloria dele, a salvação dele e de muitos que ela ajudou, acho que o maior exemplo que ela nos deu foi ver as pessoas humildes**, vendo as pessoas humildes, vendo as pessoas que não tinham muita condição até de sobreviver, o exemplo maior que ela deu foi a humildade, que ela sempre foi uma pessoa humilde.<sup>348</sup>  
(grifo nosso)

A capacidade de ser humilde, ressaltada como algo emocionante na vida que conta da Santa parece estar relacionada à própria história da devota. É visível pela fala de Dona M.A. que no trabalho ela tenha tentado convencer “pessoas que não tinham muito condição” de se reconciliarem:

Eu até falava lá com os casais na hora que tava entrando com os papéis com o advogado. Às vezes o advogado virava as costas e eu falava assim “você não quer dar um tempinho, estão de mal humor”. Ainda mais numa situação dessas né, eu falava no encontro de casais “separa de quarto antes de separar no papel” até porque tem essa burocracia toda de juiz, de advogado, de tudo né, eu acho que é um transtorno para o casal, então assim, tenta viver distante um pouquinho que as vezes volta, mas a maioria não aceitava. Nos encontros de casais, normalmente são 40 pessoas numa sala, então chegou um casal pra dar a primeira palestra, então quando ele entrou na sala ele com a mulher, apresentou, falou o nome, a cidade que morava, tudo ele ficou ouvindo assim atento, eu notei que ele entrou com uma flor branca, então tinha um borrãozinho aqui, ele fez assim pra nós, o quê que vocês estão vendo aqui, “ah, um borrão azul”, “uma bola azul”, “ah um borrão preto”, cada um falava uma coisa, e cada um falava uma coisa sobre a cor, aí ele olhou e comentou assim: é a vida do casal. Não teve nenhum, nenhum que falasse “isso é uma flor branca”. Nunca esqueci disso, Raquel! Porque o que que acontece? A gente vê um defeito, vê o defeito do outro, mas não vê as qualidades, né? Isso tocou muito, muito, e a gente né, uma das coisas que a gente mencionava muito nos encontros de casais, se o casal não tem ninguém perfeito, perfeito não tem ninguém né? Mas se as vezes o casal não tá se dando bem, procura saber, porque, o que que tá acontecendo, eu falo, quando há traição, aí é diferente, brigar agora, igual a todo mundo, a gente as vezes briga né, mas por causa de coisinha boba, a gente volta atrás, pede desculpa, qualquer coisa, aí, tem uns que não aceitam né.<sup>349</sup>

Na narrativa de Dona M.A., para quem o “sofrimento a gente tem que aceitar”, percebemos como as concepções que ela tem sobre Santa Rita parecem imbricadas com as que tem sobre o matrimônio (na igreja e no civil), e sobre o casamento da própria Santa. Enquanto conversávamos com Dona M.A., seu marido entrou na sala em que estávamos, e a devota assim o chamou:

Oh bem, vem conhecer Raquel, ela tá fazendo uma entrevista sobre Santa Rita.<sup>350</sup>

<sup>348</sup> Entrevista de Dona M.A..

<sup>349</sup> Entrevista de Dona M.A..

<sup>350</sup> Entrevista de Dona M.A..

Depois de sermos apresentados ao marido da referida devota, ele comentou sobre a vida de Santa Rita da seguinte maneira:

Santa Rita tem uma história tão bonita e tão triste. Sem dúvida foi uma mulher que se casou mal, ela queria ser freira e não tinha jeito de ser, mas não sei porque conseguiu entrar lá, bom, mas eu não sei a história direito.<sup>351</sup>

Apesar de ter afirmado que não conhecia bem a vida de Santa Rita, o referido senhor comentou sobre o (mau) casamento dela, o que torna a fala desse casal de devotos bem interessante.

Ao ser indagada se achava que os devotos procuravam seguir o exemplo de Santa Rita em suas vivências cotidianas, Dona M.A. nos respondeu:

A maioria que segue, os outros eu acredito que não porque hoje é muito comum o casal não ter a tolerância que ela teve né? Sofreu, mas continuou com o marido, hoje não existe isso né, não sei nem se é bom pra nós ou não, mas é horrível né, eu, por exemplo, trabalhei com processo de separação, e uma quantidade de história muito triste, quando tem filhos então é pior ainda.

Com base na experiência que Dona M.A. adquiriu nos contatos com os casais, tanto em seu trabalho no Fórum, quanto nos encontros da Igreja, indagamos à referida devota se ela percebia alguma diferença na conduta dos homens e das mulheres diante das dificuldades das suas vivências conjugais. Assim a devota nos respondeu:

**Eu acho que a mulher aceita mais**, mas eu não sei, que é, sem filhos eram poucos. **E como a mãe é mais apegada ao filho né**, eu digo, o pai também tem grande apego ao filho **mas a mãe sempre tem mais e é normal isso né?** E então eu acho que a mãe, ela tolera mais as coisas, mais às vezes por causa dos filhos e é muito triste o casal separar e os filhos ficarem sem apoio né, é muito triste mesmo.

Raquel: É interessante isso né, porque as mulheres, a mãe... Por que a senhora acha que geralmente pra mãe é mais normal, né? Assim ... por que pra mãe é mais normal?

Dona M.A.: Você fala assim, ela aceitar?

Raquel: é...

Dona M.A.: Eu acho que é por amor aos filhos, que é mais por amor aos filhos, e muitas vezes Raquel, tem muitos né, vão botar, **cinquenta por cento não tem condição de sustentar os filhos né?** É claro que na separação do marido, ele fica responsável pela pensão dos filhos, mas isso não acontece sempre. Dá um mês, dá

---

<sup>351</sup> Fala do marido de Dona M.A..

dois, depois deixa os filhos, arruma outra e essa história a gente fica sabendo aí todos os dias, isso não é novidade né?<sup>352</sup> (grifo nosso)

A fala de Dona M.A. é particularmente importante porque nos apresenta elementos não só referentes às suas próprias representações em relação à Santa, mas porque trazem ainda informações referentes às suas experiências concretas junto aos casais. Ela observa que as mulheres suportam mais o casamento e atribui este fato a uma suposta capacidade feminina de abnegação, especialmente em nome dos filhos.

As afirmativas desta devota confirmam o que Elizabeth Badinter chamou de mito do amor materno. Dona M.A. acredita que as mães são “normalmente” mais apegadas aos filhos. Apesar desta crença do apego aos filhos, a devota indica que a condição de classe também pode incidir de forma mais ou menos determinante sobre as decisões das esposas, em relação à conveniência ou não da separação.

Para uma outra devota, a catequista M.G., solteira, de cinquenta e oito anos, a mulher tem uma capacidade maior de converter os homens. Indagada sobre esta questão, ela comentou:

*Ah, eu acho que tem!* Por exemplo, o homem não vai muito na igreja não. Se a mulher vai, ela costuma levar. E isso não acontece o contrario não. Se o homem for de rezar e a mulher não gosta, é difícil o homem conseguir levar a mulher pra igreja. E as mulheres conseguem levar os homens. Elas têm essa capacidade de envolver mais. (...) Ela tem capacidade mesmo de envolver, quando ela quer. Então é porque eu falo assim que a família é mesmo a mulher, porque se ela, ela envolve todo mundo né? Então eu acho que essa é uma característica feminina, né? A mulher já nasce, isso é uma característica da mulher mesmo, e ela usa. A mulher tem mais habilidade que o homem.<sup>353</sup>

M.G. se apropria da idéia de que a mulher é o suporte moral e religioso da família. Para esta devota isto confere poder em relação aos homens. Vejamos sua fala:

Eu tenho um conhecido que o marido, né? Pulou cerca, arrumou outra, e ela não teve filho né, uma decisão dela. Porque eu acho que a mulher ela que sustenta a família. Normalmente é a mulher mesmo, quem sustenta um casamento é a mulher. Então a mulher desconfia, e às vezes o marido volta. Por que se, às vezes a mulher, ela desconfiou que o marido arrumou outra, que que ela faz? A primeira coisa que ela faz, é jogar a trouxa dele na rua, né? Então, em vez de ajudá-lo a vencer essa fraqueza, às vezes ela empurra, pra fraqueza. Por que que a amante sempre quer que a mulher separe dele, que o marido separe dela? Porque, no dia que a mulher descobrir, ela vai ficar pra ela só, sabe? O normal não é assim? Ela liga pra mulher legítima, pra esposa né? Liga, liga até descobrir. Pra quê? Pra brigar com ele e ele ir ficar com a outra. Então, em vez de ela ajudar o marido a vencer a fraqueza, porque

<sup>352</sup> Entrevista com Dona M.A..

<sup>353</sup> Entrevista com M.G..

às vezes a outra fica dando em cima, ela joga ele na rua, né? Pra outra mesma, né? E quando o casal só mora junto, a amante não faz isso não. A amante sempre quando desconfia que o marido ta arranjando outra, ela agrada mais ainda. Porque se ela perder, acabou, não vai ter papel nenhum, não tem nada.<sup>354</sup>

A traição realizada pelo homem é curiosamente descrita por M.G. como uma “fraqueza” que deveria ser combatida pela esposa traída, por intermédio de sua “fortaleza” sentimental, moral e religiosa. Mas é preciso pensar em que medida a crença na superioridade espiritual da mulher, defendida como uma espécie de poder feminino pode, ao mesmo tempo, ser engendrada como uma “outra face do machismo”.

Conforme sugeriu Evelyn Stevens,

na submissão reside a força de sua convicção, partilhada por toda a sociedade; (...) diz-se que se deve fazer a vontade dos homens, porque, de qualquer maneira, todo mundo sabe, eles são como crianças em que a intemperança, a necessidade e a obstinação devem ser perdoadas porque eles não são culpados de serem desta maneira.<sup>355</sup>

A fala de M.G. ilustra que os estereótipos ‘tradicionais’ do gênero feminino aparecem difundidos nas crenças religiosas, ainda que não sejam explicitados como tais. Sua fala também descreve como tais crenças são determinantes na conduta cotidiana de homens e mulheres:

Tem um rapaz lá que ele mora com a moça há pouco tempo e agora ele queria comungar. Mas ele não pode comungar, porque ele não pode receber o sacramento da eucaristia. Eu perguntei pra ele, porque você não casa? Ele disse que casar dá confusão, é perigoso... Ai eu perguntei: ce tem medo dela arrumar outro porque ce aqui na cadeia? Porque ele ta preso, né? Ai eu falei: ah, mas de todo jeito, se você for casado ou solteiro, se ela arrumar outro, você vai perdê-la. Ah não, por que quando é solteiro, o chifre ele é de rosca, ela arrumou outra, a gente tira o chifre, e se é casado, não tem jeito de tirar o chifre mais. E sabe que ele tem razão?<sup>356</sup>

M.G. compartilha a idéia do devoto, qual seja, a de que a traição, caso fosse cometida por sua eventual esposa, seria inconcebível. Provavelmente, se a traição fosse cometida pelo homem, talvez a devota pensasse o contrário.

Em outros momentos da entrevista estas concepções de gênero reaparecem na fala de M.G., associadas às narrativas sobre Santa Rita de Cássia. Perguntada sobre o que ela

<sup>354</sup> Entrevista com M.G..

<sup>355</sup> STEVENS, Evelyn (1977, p. 128). Apud ARY, Zaira. *Masculino...* p. 80.

<sup>356</sup> Entrevista de M.G..

entendia da frase proferida por Leão XIII “oh, que imitem a Santa Rita de Cássia as mulheres de nosso tempo”, a devota respondeu:

O que o Papa quis dizer talvez seja pras mulheres, né, serem mais amáveis com os maridos né? Porque você sabe que tem muito marido bom, mas tem muita mulher ruim, ao contrario também, né? Tem muito homem que passa mal com as mulheres também né? Não passa, o homem não passa mal né? (riso). Então assim, tem mulheres que têm uma parte delas também que elas não são assim, como e que eu diria, porque lá no livro do Eclesiastes fala né? “Feliz o homem que tem uma mulher dócil”, né? Uma mulher meiga, que acalma, silenciosa, né? Então ele queria a certeza né que as mulheres fossem mais dóceis mesmo, acho que a palavra, não tem outra não.<sup>357</sup>

A docilidade feminina com a qual Santa Rita teria suportado seu “marido ruim”, desde a elaboração do nosso projeto de pesquisa, constituía-se num elemento biográfico que nós interpretávamos como uma tentativa masculina de submeter as mulheres ao homens (pais, maridos e filhos). No entanto, verificamos que esta questão é apropriada de forma muito diferente pelos devotos e pelas devotas.

M.G., ao ser questionada se achava justo que o referido Papa estivesse propondo (implicitamente) às mulheres que sofressem como Santa Rita de Cássia, assim argumentou:

Olha, pra mim todo sofrimento ... eu não acho que Ele quer que as mulheres sofram com o marido. Porque o respeito é bom e todo mundo gosta, né? Aí já passa a aceitar, né, as coisas do marido, por um momento que ela como uma pessoa de casa, dedicada, eu acho que funciona mais nessa parte mesmo né? Mas não que ninguém quer sofrer né? Por amor a Deus, porque o sofrimento existe independente do marido ou não, né? *Porque mulher sofre discriminação mesmo, né?* Por exemplo, no trabalho, ela sofre. Agora isso tem o contrário também, né? Tem a mulher violenta, tem as escandalosas, né? Eu acho que não teria sentido, né? Por que sofrer por sofrer, Ele não vai mandar a pessoa sofrer a toa né? Ai seria burrice né? Agora tem muita mulher também que vê, que vai por exemplo, tem um namorado, ce sabe que o homem mexe com droga, sabe que o homem vive de pilantragem mesmo, e elas vão, ai ela sabe que vai sofrer.

Apesar de afirmar que o sofrimento existe independentemente dos desígnios de Deus, do Papa ou do marido, ou seja, dos homens, M.G. de certa forma naturaliza o sofrimento feminino. Ao comentar sobre a discriminação das mulheres a devota se refere a esta questão como algo dado, que parece ser reforçado quando ela se reporta ao exemplo do trabalho (mundo tido por muito tempo como masculino). Por outro lado, quando a mulher age contrariando a docilidade esperada para sua “condição feminina”, a atitude é mais salientada por M.G..

---

<sup>357</sup> Entrevista de M.G..

No que se refere ao sofrimento de Santa Rita em sua vida conjugal a devota, indignada, comenta que

sendo que na hora que o marido converteu ela devia aproveitar a vida, a vida matrimonial dela, aí vem Deus e leva o homem ainda! Porque ela já tinha feito tudo, o marido já tinha melhorado, e ela não curtiu. Ai o marido morreu, ai ela podia ser feliz com os filhos, aí os filhos resolvem vingar o pai.

Apesar de ter obtido sucesso na conversão do marido, Santa Rita curiosamente não obteve sucesso na transformação de seus filhos, segundo a fala de M.G.:

‘Ela’ não conseguiu convencer os filhos pra não vingar a morte, né? Porque a vingança cabe a Deus. E eles queriam vingar a morte do pai. Então ‘Ela’ não conseguiu convencer os filhos.

Indagamos a devota em que medida Santa Rita, tal qual outra mãe, poderia ter pedido a Deus que “levasse seus filhos”. M.G. respondeu da seguinte maneira:

É a certeza que ela tinha né, da vida em Deus após a morte, porque se ‘Ela’ não tivesse essa certeza, Ela não ia pedir. Você vê, muita gente diz “eu prefiro ver meu filho morto do que isso”, né? A gente não usa essa expressão? “Eu prefiro ver meu filho no caixão do que”... isso é a confiança que ela tinha em deus.

O fato de Santa Rita de Cássia ter optado por ver os filhos mortos não significa, para aquela devota, que Ela não fosse uma boa mãe. Ao ter preferido que eles morressem, Santa Rita provou a Deus que confiava no poder de sua oração. Assim, agiu em conformidade com o que se esperava culturalmente das mães, a confiança em Deus.

Interrogada acerca deste episódio vivenciado por Santa Rita de Cássia, a já referida devota F.C. explicou:

Quando ela viu que os filhos iam se perder, ela fez essa prece, né, pedindo que eles, se fosse pra eles serem assassinos que eles falecessem. E eles realmente faleceram, porque eles iriam ser assassinos, né? Eu nunca, quando eu era mais nova, eu, eu sempre achei essa passagem meia doida, sabe? “Uai, mas uma mãe pedir a morte dos filhos”, né? Mas aí depois eu pensei assim: “ela pediu a morte deles pra eles não, pra eles não perderem a alma deles”, né? Pra eles não terem comprometido o lado espiritual deles, porque eles queriam vingar o pai, né, que tinha sido assassinado.

Para a maioria dos devotos entrevistados Santa Rita de Cássia foi considerada como um exemplo perfeito de mãe, uma “Santa mãe”.

A idéia da mãe como uma Santa é relacionada a uma certa herança que a imagem da Virgem Maria teria deixado sobre boa parte do mundo, afirma a historiadora June Hahner. Para esta autora,

de acordo com o que se poderia chamar de conceito de Santa mãe, a mulher é encarada como a personalidade focal em torno de quem todos os membros da família agrupam-se espiritualmente, ligados pelo sentimento. Sua pureza, num mundo reconhecidamente perverso, devia ser respeitada e preservada através do isolamento. Era na reclusão do lar que ela devia ser adorada. Servia como uma espécie de sacerdotisa da família, velando pela vida dos membros da família, do berço ao túmulo.<sup>358</sup>

A “Santa mãe”, no caso de nossa pesquisa, Santa Rita de Cássia, aparece nas representações dos devotos como alguém que teria vivido sob a ótica da obediência, da resignação e da submissão às vontades dos pais, do marido, Paulo Ferdinando, e de Deus. Mas toda a vivência da Santa, ainda que pautada pela experiência do sofrimento nas diversas fases de sua vida, não foi apontada como submissa ou dolorosa, pelas mulheres e pelos homens entrevistados.

A fala da devota M.G. sintetiza essa questão:

Ela foi um exemplo porque ela foi fiel a Jesus Cristo até o final. Ela não viveu o sofrimento apenas, né? Ela lutou pela conversão dele, né? Quer dizer que ela não aceitou tudo não, por que se ela não tivesse feito nada, ele ia continuar do mesmo jeito, e ela mudou o marido. O casamento não é na saúde e na doença, na alegria e na tristeza? Por que que a gente sofre? Ninguém sabe. A gente só sabe que ele existe. Isso é um mistério, que a gente não vai entender nunca. (...) A cruz para os homens é loucura. Mas pra Deus é a salvação. Jesus morreu na cruz, mostrou sua fé no pai. Então a cruz é símbolo de libertação, porque a gente vê a cruz só como sofrimento, a gente fala que a cruz é maldita. Não, maldito é o homem que matou Jesus. Por que o sofrimento? O sofrimento existe por causa do pecado né? (...) Ninguém quer sofrer, né? Ninguém é masoquista, né, ninguém quer sofrer por sofrer. Mas, é que ‘Ela’ é ... ‘Ela’ quis identificar com a Paixão de Cristo, né? É porque, se Cristo sofreu por nós, e a gente experimentar esse sofrimento dele na pele, né? E ‘Ela’ sofreu com a injúria, né, com ... com o sofrimento físico mesmo, né? **Ela conquistou a felicidade dela aqui na terra.**

---

<sup>358</sup> HAHNER, op. cit., p. 85.

## CONSIDERAÇÕES

Niterói, 2006. Surpreendidos pelas diversas histórias reveladas em nosso trabalho de campo constatamos que apesar das narrativas biográficas sugerirem uma certa “conduta feminina” baseada no exemplo de Santa Rita de Cássia, muitas mulheres e homens entrevistados nem sempre percebem estas narrativas enquanto construções elaboradas culturalmente.

Porém eles, ao construírem suas narrativas, se apropriam das histórias ouvidas sobre Santa Rita de Cássia de formas diferenciadas e inusitadas, condicionados pelas suas posições de gênero, classe, enfim, pelas suas experiências pessoais nas relações com outras pessoas.

Devotos e devotas representam Santa Rita como uma pessoa íntima, com quem se conversa, a quem se pede conselho, com quem se divide as angústias e os problemas (por vezes simples) do cotidiano. Ela é ainda aquela pessoa com quem se compartilha e a quem muitas vezes se atribuem os sucessos e as realizações pessoais, profissionais, entre outras. Com Santa Rita homens e mulheres também dividem suas alegrias.

Entretanto Santa Rita ganha contornos especiais na fala dos entrevistados quando eles se referem ao seu papel como Padroeira da cidade. Ela é vista como alguém que os protege individualmente e ao mesmo tempo como alguém que os “integra” na comunidade de viçosenses. Daí a recorrente idéia de que “todo viçosense é devoto de Santa Rita”. Ela é percebida como uma figura poderosa, advogada com a qual todos se sentem mais seguros, diante não só de “causas impossíveis”, mas de situações corriqueiras vivenciadas no dia-a-dia daquela cidade do interior de Minas Gerais.

Para muitos devotos a trajetória vivida pela Santa não se constitui em algo imprescindível para a sua relação de devoção. Todavia, é significativo o fato de termos encontrado uma certa representação “comum” naquilo que os devotos falam sobre a vida dela. Vários relatos referem-se ao fato da Santa ter sido uma mulher muito obediente e sofrida. Ou seja, nem sempre os devotos conhecem muito sobre Santa Rita de Cássia, mas muito do que falam sobre esta vida é enfatizado nos sermões, nas novenas, nas missas, no dia da Festa. O que é dito no âmbito da hierarquia eclesiástica e das narrativas biográficas chega até os fiéis; é apropriado de formas múltiplas ou “circulares”, mas há um “senso comum” nas histórias que os devotos contaram sobre Santa Rita, sobretudo as que se referem à sua experiência conjugal.

As narrativas que os devotos apresentam sobre a vida matrimonial de Santa Rita são condicionadas pelos seus gêneros de homens e mulheres, embora nem sempre sejam

percebidos ou identificados como tais. Assim, no que tange às agressividades sofridas do marido, por exemplo, a atitude passiva de Santa Rita não é questionada, por vezes é digna de louvor. Afinal, disse o jovem J.R., “quem conseguiria fazer o que ela fez?”.

A trajetória de Santa Rita é ainda exemplar porque ela é percebida como alguém que sofreu na obediência e na submissão, mas pela força da sua “resignação construtiva”, intermediada pela oração a Deus, realizou seu antigo sonho – entrou no convento e foi feliz, como disseram alguns entrevistados.

Essas representações se articulam diversamente nas práticas cotidianas de devotos e de devotas, às quais a vida de Santa Rita de Cássia é particularmente apresentada.

As devotas mostram que, em suas trajetórias, algumas não questionam a vivência sofrida de Santa Rita como esposa; pelo contrário, enfatizam a necessidade de seu caráter exemplar (M.C. e Dona Z.). Outras devotas usam a “bibliografia” da Santa de forma inversa e se esquivam da vida conjugal frustrada (F.C.), utilizando para isto táticas e estratégias no interior da relação com Santa Rita. Algumas mulheres, apesar de afirmarem que “ninguém é masoquista, ninguém quer sofrer”, acreditam na capacidade “natural” das mulheres agüentarem o sofrimento, sobretudo em nome de suas famílias (M.G.).

São variadas as representações, as apropriações e as práticas relacionadas à Santa Rita de Cássia, assim como são múltiplas as possibilidades de interpretação destas. Por isso faz-se necessário pontuar, finalmente, nosso trabalho.

Como vimos, as crenças e as práticas religiosas imbricadas na devoção de homens e mulheres estão permeadas por conceitos criados e destinados culturalmente segundo seus gêneros (e com eles as classes, idades, etnias). Este “mundo religioso”, intrinsecamente relacionado com o “mundo público”, é, na maioria das vezes, representado como o seu opositor – e as questões religiosas apontadas como algo referente à vida íntima do fiel, a uma esfera “privada”. Mundo oposto ao espaço da política, este concebido como esfera pública e apresentado como o lugar dos questionamentos, das indagações e das resistências. Colocando em questão tal “senso comum”, pontuamos, por fim, aos nossos leitores, que privado e público constituem espaços indissociáveis: é no cotidiano que conceitos e estereótipos são “naturalizados” e transformados em práticas e, além disso, relações de poder têm lugar, tendo como componente fundamental papéis e valores atribuídos a homens e mulheres.

## ANEXO 1

### ROTEIRO GERAL PARA ENTREVISTAS

“Viçosa, \_\_\_\_\_ de setembro de 2005, \_\_\_\_\_ (número da entrevista) entrevista com \_\_\_\_\_, pesquisadora Raquel dos Santos Sousa Lima, projeto de Mestrado em História Social – UFF. \_\_\_\_\_ (local da entrevista)

O (a) senhor(a) pode me contar um pouco sobre suas origens familiares? Onde nasceu? De onde eram seus pais e o que faziam? Tem irmãos? Frequentou escola?

Há quanto tempo você mora em Viçosa? O que faz em Viçosa (estuda? Trabalha? É aposentada?)

Você é casado (a)? Tem filhos (as)?

Você frequenta esta Igreja há muito tempo? Desde quando? Quando começou a frequentá-la?

Você é devoto(a) de algum santo? Qual(ais)?

E sobre Santa Rita de Cássia? É devoto? Desde quando?

Santa Rita é protetora de quê? Por que, você sabe?

Você sabe me contar sobre a vida de Santa Rita?

Como você conheceu a história de Santa Rita?

Você lembra em que momento da sua vida você teve o primeiro contato com Santa Rita de Cássia?

Você era devoto (a) de outro(a) santo (a)? Por que escolheu outro santo?

A Santa é importante para você? Por quê? (se ela fez milagres)

Em que momentos você procura Santa Rita? Há um momento da sua vida em que ela tenha te ajudado mais?

Como pratica sua devoção a ela?

Você tem algum objeto da Santa? Qual?

Você frequenta as festas da Santa? Desde quando?

Como é a festa da Santa?

Acha que mudou alguma coisa nas festas mais antigas e as de hoje?

## ANEXO 2

### ROTEIRO SOBRE A VIDA DE SANTA RITA DE CÁSSIA

O (a) senhor(a) é devoto (a) de Santa Rita?

Quem é Santa Rita para o (a) senhor(a)?

Quais são os meios mais comuns pelos quais o (a) senhor(a) acha que as pessoas passam a conhecer a vida de Santa Rita?

O que as pessoas mais sabem da vida de Santa Rita?

Quais são as formas de devoção que os fiéis estabelecem mais comumente para com a Santa (dão nomes às filhas, fazem promessas, vão à igreja, etc...)?

Quais são as passagens da vida de Santa Rita que o (a) senhor(a) acha mais importantes? Por quê?

Li que o Papa Leão XIII teria, no dia da canonização da Santa, em 1900, proferido a seguinte frase: “ Oh, que imitem a Santa as mulheres de nosso tempo”! Considerando a história de vida de Santa Rita, pergunto: quais são, na concepção o (a) senhor(a), as características mais exemplares da Santa, como mulher, mãe, viúva e monja?

Ouvi algumas devotas dizerem que muitas mulheres que sofrem com o casamento se apegam na devoção a Santa Rita, já que Ela sofreu muito com seu marido. O (a) senhor(a) acha que isto é uma crença popular, ou que de fato há muitas mulheres que se espelham nas atitudes de Santa Rita para manterem o casamento? Como o (a) senhor(a) vê isso?

O (a) senhor(a) acha que as mulheres casadas, que porventura sofram com seus maridos, devam “imitar” o sofrimento, a obediência e a resignação vivida por Santa Rita no seu casamento? Por quê?

O (a) senhor(a) conhece alguma mulher que teria se apegado na devoção de Santa Rita por também ter sofrido com seu marido? A senhora pode comentar o fato?

O (a) senhor(a) acha que as mulheres e mães de família, que porventura sofram com seus filhos e maridos devam seguir o exemplo da Santa? Por quê?

Há alguma informação complementar que o (a) senhor(a) queira registrar aqui?

**ANEXO 3****CADASTRO DE ENTREVISTADOS**

Nome: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ -

Profissão: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Local de nascimento: \_\_\_\_\_

## ANEXO 4

## CADASTRO DE ENTREVISTAS

Número da entrevista:	
Nome do entrevistado:	
Tipo da entrevista: ( ) temática                      ( ) história de vida	
Razões da escolha do entrevistado:	
Local onde foi gravada a entrevista:	
Dia e hora:	
Número da fita onde está a gravação:	Duração da entrevista:
Data de assinatura da cessão de direitos:	
Restrições(?):	
Contato feito com o entrevistado (através de que pessoas, se houve dificuldade em contatá-lo, qual foi sua reação, etc):	
Observações sobre o andamento da entrevista (mudanças durante a mesma, interrupções):	
Pessoas presentes à entrevista:	
Comentários sobre a cessão do depoimento(dificuldades, etc):	
Outras observações:	

**ANEXO 5**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu \_\_\_\_\_,  
 (nacionalidade)\_\_\_\_\_, (estado civil)\_\_\_\_\_, (profissão)  
 \_\_\_\_\_, (CPF nº) \_\_\_\_\_, (Documento de Identidade)  
 \_\_\_\_\_, (órgão expedidor) \_\_\_\_\_, domiciliado na cidade de  
 \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, rua  
 \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, declaro ceder à Profª Raquel  
 dos Santos Sousa Lima, do COLUNI- Colégio de Aplicação da Universidade Federal de  
 Viçosa, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena  
 propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei  
 a mesma na cidade de \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_, num total de  
 \_\_\_\_\_ horas gravadas perante os pesquisadores

\_\_\_\_\_ membros de sua equipe de pesquisa. A Profª Raquel fica conseqüentemente autorizada a  
 utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em  
 parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos,  
 com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do depoente: \_\_\_\_\_

## ANEXO 6

### QUESTÕES SOBRE A VIDA DE SANTA RITA DE CÁSSIA PROPOSTAS AO CÔNEGO J.G.V. (para o cônego)

O senhor tem alguma lembrança da sua infância sobre como era a festa de Santa Rita de Cássia em Viçosa (quem fazia o sermão sobre sua vida, o que dizia, se muita gente comparecia)?

O programa da festa, incluindo as novenas, missas, procissão, mudou muito em relação aos dos mais recentes?

O senhor é devoto de Santa Rita? Desde quando? Como se tornou devoto? Quem é Santa Rita para o senhor?

Quais são as lembranças que o senhor tem sobre a história de Santa Rita, que lhe foram passadas quando ainda era criança? Como ficou conhecendo e por intermédio de quem conheceu Sua história?

O senhor foi indicado em várias entrevistas que me foram concedidas por devotos como sendo a maior referência local sobre a história de vida de Santa Rita. A afirmação dos devotos parece estar baseada, sobretudo, no fato de o senhor fazer o panegírico da Santa na praça, enquanto a procissão percorre as ruas da cidade. Gostaria de saber desde quando o senhor participa das festividades, e quais livros serviram e/ou servem de referência para o senhor preparar o sermão.

Por intermédio de que formas os fiéis mais comumente conhecem a história de vida de Santa Rita?

Quais são as formas de devoção que os fiéis estabelecem mais comumente para com a Santa (dão nomes às filhas, fazem promessas, vão à igreja, etc...)?

Li que o Papa Leão XIII teria, no dia da canonização da Santa, em 1900, proferido a seguinte frase: “Oh, que imitem a Santa as mulheres de nosso tempo”! Considerando a história de vida de Santa Rita, pergunto: quais são, na concepção do senhor, as características mais exemplares da Santa, como mulher, mãe, viúva e monja?

Ouvi algumas devotas dizerem que muitas mulheres que sofrem com o casamento se apegam na devoção a Santa Rita, já que Ela sofreu muito com seu marido. O senhor acha que isto é uma crença popular, ou que de fato há muitas mulheres que se espelham nas atitudes de Santa Rita para manterem o casamento? Como o senhor vê isso?

O senhor conhece alguma mulher que teria se apegado na devoção de Santa Rita por também ter sofrido com seu marido? Pode comentar o fato?

O senhor acha que as mães de família, que porventura sofram com seus filhos, devam seguir o exemplo da Santa? Por quê?

O senhor acha que as mulheres casadas, que porventura sofram com seus maridos, devam “imitar” o sofrimento, a obediência e a resignação vivida por Santa Rita no seu casamento? Por quê?

Como o senhor pode resumir o culto a Santa Rita em Viçosa? O senhor o vê de forma diferente de outras regiões?

O senhor me disse uma vez que encontrou uma igreja de Santa Rita em um antigo país comunista. O senhor pode comentar sobre como o culto da Santa se espalhou para diversos países? Teria sido levado pelas ordens religiosas, ou pela devoção popular? Há alguma informação complementar que o senhor queira de registrar aqui?

## **FONTES UTILIZADAS**

### **MANUSCRITAS**

#### **Arquivo da Paróquia de Santa Rita de Cássia. Igreja Matriz de Viçosa**

Livros de registros de batismos.

Livros de registros de óbitos e casamentos.

Livro de Tombo.

### **IMPRESSAS**

#### **DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS**

LEAO XIII, Encíclica *Inscrutabili dei consilio*, ou *Sobre os males da sociedade moderna, suas causas e remédios*. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: abr. 2005.

GUIA DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. 2000.

### **PERIÓDICOS**

Jornal Semeando. Paróquia Santa Rita de Cássia. Viçosa/MG. Mai. 2001. Ano II – n. 15.

*Jornal Semeando*. Paróquia de Santa Rita de Cássia. Viçosa/MG. Jun. 2002. Ano II, n. 29.

*Jornal de Viçosa*, 26/08/1923, P(sic), nº 9, ano I. Acervo Tonny Melo.

*Jornal Cidade de Viçosa*, 04/07/1948. Ano XLVI, nº 2.052. Acervo Tonny Melo.

*Jornal Folha da Mata*, 24/05/03.

*Jornal Folha da Mata*, 23/08/03.

## BIOGRAFIAS, LIVROS CATÓLICOS, NOVENAS E ORAÇÕES.

ARIAS, JUAN. *Rita, a Santa do impossível*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

BUTLER, Alban. *A vida dos santos de Butler*: vol. 3. Tradução de Hamilton Francischetti. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 207.

CUOMO, Franco. *Rita de Cássia – A Santa dos casos impossíveis*. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Luz do Mundo).

FOURNIER, J. *Les livres des saints. Calendrier et Sanctoral de l'Eglise universelle*. 1995.

GIOVETTI, Paola. *Santa Rita de Cássia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

GUIMARÃES, Ariadne. *O livro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

GUÉRIN, Paul. *Les petits Bollandistes : vies des saints / d'après les Bollandistes, le père Giry, Surius; Bar-le-Duc : typographie des célestins ; Paris : Bloud et Barral, 1876, 7è edition, T. 6, Du 19 mai au 13 juin*. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k30736h/f113.table>>. Acesso em maio de 2006.

LEHMANN, Padre J. B. *Na luz Perpétua. Leituras da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentados ao povo cristão*. Juiz de Fora: Editora Lar Católico, 1.vol. 5 ed., 1959.

MARCHI, Monsenhor Luis de. *Santa Rita de Cássia. A Santa dos Casos Impossíveis e Desesperados*. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1955.

NOVENA DE SANTA RITA DE CÁSSIA. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORAÇÃO À SANTA RITA DE CÁSSIA. Editora Santo Expedito.

PARÓQUIA DE SANTA RITA DE CÁSSIA. *Santa Rita de Cássia, patrona das causas impossíveis*. Roteiro para reflexão em família. Viçosa, Minas Gerais, 2003.

QUINTÃO, Cônego Joaquim.. *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2000.

TEIXEIRA, Aloísio. *Vida de Santa Rita de Cássia*. Aparecida: Editora Santuário, 1995.

RIESCO, Gabriel. *Vidas ejemplares de la Cristianidad. Santa Rita de Cássia*. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1946.

VIEIRA, Pe. J. e ROSARIO, Pe. D. *Flos Sanctorum ou Historia das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas festas*. V. 5. Festas e santos do mez de maio. Lisboa: Typografia Universal, 1870.

## **IMAGÉTICAS**

Fotografias da Festa de Santa Rita de Cássia. Anos de 2003, 2005 e 2006.

Santinho de Santa Rita de Cássia.

## **DISCOGRAFIA**

CD “Santa Rita de Cássia – Vida, música, oração”. Editora Musical: Paulinas – COMEP (Série Minha Devoção).

## **ORAIS**

### **Entrevistas**

J.R. 16 de setembro de 2005.

J.B. 16 de setembro de 2005.

M.C. 20 de setembro de 2005.

G. 20 de setembro de 2005.

A. 21 de setembro de 2005.

S. 21 de setembro de 2005.

M. 22 de setembro de 2005 e 24 de maio de 2006.

F. 17 de janeiro de 2006.

J.M. 21 de janeiro de 2006.

J. 22 de setembro de 2005.

M.A. 08 de fevereiro de 2006.

J. 06 de fevereiro de 2006.

E. 24 de maio de 2006.

G. 07 de fevereiro de 2006.

Z. maio de 2006.

## **SITÍOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS**

<http://www.arqmariana.com.br/>

<http://www.ceris.org.br/>

<http://www.cnbb.org.br/>

<http://www.ritadacascia.it>

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. *O império do Divino, festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALBERT, Jean-Pierre. *Le sang et le ciel: les saintes mystiques dans le monde chrétien*. Paris: Aubier, 1997.

ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALENCAR, Alexandre. *Fatos e vultos de Viçosa*. Belo Horizonte: Editora Santa Maria, 1959.

ALGRANTI, Leila Mezan. “Famílias e vida doméstica”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Edunb, 1993.

ARIAS, JUAN. *Rita, a Santa do impossível*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978, p. 194-195.

ARY, Zaira. O marianismo como estereótipo da superioridade espiritual da mulher: poder ou contra-poder das mulheres? Trabalho apresentado no *Congresso Internacional Os Rostos femininos da expansão portuguesa II*. São Paulo, 28-30 de agosto de 1995.

\_\_\_\_\_. Teologia da libertação e relações sociais de gênero: “mulher e homem: imagem de Deus” (CNBB/1990)? Trabalho apresentado no *XVIII Encontro Estadual da ANPOCS*. Caxambú, Minas Gerais, 23-27 de novembro de 1994.

\_\_\_\_\_. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secult, 2000.

ATTWATER, Donald. *Dicionário de Santos*. Lisboa, Mem-Martins: Europa América, 1983.

AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem-vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). pp. 101-107. In: MARCÍLIO, Maria Luiza. *A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. *Religião e Sociedade*, 1 (1), 1977, pp. 125-149.

\_\_\_\_\_. Elementos para a História do catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 36 (141): 95-130, março, 1976.

\_\_\_\_\_. O catolicismo popular no Brasil. In: *Cadernos de teologia e pastoral*. n. 11.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Waldemar de A. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BARTHOLO, Maria Elisa C. *Que seja feita a tua vontade: um estudo sobre santidade e culto aos Santos no catolicismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1991. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

BAZASSENI, Carla. “Mulheres dos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 609.

BEOZZO, José Oscar. *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.37, (148): 741-758, dez., 1977.

BIDEGAIN, Ana Maria. Gênero como categoria de análise na História das Religiões. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp.13- 29.

BIERSACK, Aletta. “Saber local, história local: Geertz e além”. In: HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mulher na Igreja hoje: a partir e para além do Concílio Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, v. 63, n. 249, (jan.2003), p. 23-46.

BISSON, Mauro Polacow. Brincando nos Campos do Senhor: religiosidade, pós-modernismo e interpretação. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC-SP. São Paulo: EDUC/FAPESP. n°. 17, nov.1998, pp. 203-214.

BOCK, Gisela. Pobreza feminina, maternidade e direito das mães na ascensão dos Estados Providência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. O século XX. Porto: Afrontamento, São Paulo: EBRADIL, 1994, v.5., p. 435-503.

BORGES, Célia A. R. Maia. O ideal de santidade entre mulheres na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII. In: *Sagrado Urbano. VI Congresso da Associação Brasileira de Historiadores da Religião*, 2005, Belo Horizonte. *Anais ...* Belo Horizonte: PUC, 2005. CD-ROM.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOTELHO, Demerval A. Para se instruir um processo de canonização. *Revista Atualização*, Belo Horizonte, n.193-194, jan./fev. 1986, pp. 47-59.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. Gênese e estrutura do Campo Religioso. In: *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Júlia M. et al. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: RS: Artes Médicas, 1999, pp. 28-40.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BROWN, Peter. *The cult of the saints*. Chicago: The Chicago University Press. 1982.

BURGUIÈRE, André. A antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp. 125-153.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_(org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. pp. 7-38.

\_\_\_\_\_. Unidade e variedade na história cultural. In: \_\_\_\_\_. *Variedades de História Cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “A carta pastoral de Dom Justino e o ‘juramento de fidelidade à Igreja’: controle do rebanho face às ameaças do ‘lobo voraz’ espírita”. In: *Memórias Eclesiásticas: documentos comentados*. Editora UFJF, Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora- Cehila/Brasil, Núcleo Minas Gerais. 2000

CANEZIN, Claudete Carvalho. *A mulher e o casamento: da submissão à emancipação*. Disponível em: <<http://www.intelligentiajuridica.com.br/old-set2004/artigo4.html>>. Acesso em: 16 abr. 2005.

CARVALHO, J.G.V. de. *Temas de história da igreja no Brasil*. Viçosa: Folha de Viçosa, 1994.

\_\_\_\_\_. *Temas finais*. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2003.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. A Idade Média. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990, p. 99-142.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia. v.4. (Clássicos Cultura Brasileira). 5ª. ed, 1984.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB (ed). *Código de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 1983.

CERIS (CENTRO DE INVESTIGAÇÕES ECONOMICAS E SOCIAIS). *Anuário Católico*. Rio de Janeiro: Ceris, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). pp. 37-48. *Cadernos Pagú*, (4), 1995.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: *Revista Estudos Avançados*, 11(5), 1991, p. 180.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB (ed). *Código de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 1983.

CONTI, Servilio. *O Santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CORRÊA, Eliane Machado. A religiosidade nas origens do espaço urbano juizforano: petições e despachos para ereção de capelas em devoção a Santo Antônio. In: *Memórias Eclesiásticas: documentos comentados*. Editora UFJF, Centro da Memória da Igreja de Juiz de Fora- Cehila/Brasil, Núcleo Minas Gerais. 2000.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha.; SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas, metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 187-208.

CRAMPE-CASNABET, Michele. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Do Renascimento à Idade Moderna. Tradução de Alda Maria Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeirto, Maria Carvalho Torres e Maria Clarinda Moreira. Porto: Afrontamento, 1991, v.3, pp. 369-402.

CUOMO, Franco. *Rita de Cássia – A Santa dos casos impossíveis*. Tradução de Jairo Veloso Vargas. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Luz do Mundo).

CRUZ, Tancredo A. Cruz; ALVARENGA, S.S. Coelho de; SILVA, Ananias Ribeiro da. *Currículo de Viçosa*. Viçosa: Minas Gerais: CENSUS, 2004.

DAIX, G. *Dicionário dos santos do calendário romano e dos beatos portugueses*. Lisboa: Terramar, 2000.

DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990, p. 29-64.

DARNTON, Robert. “Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto”. In: *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de S.S. Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: \_\_\_\_\_. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna. Oito ensaios*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1990, p. 107-128.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), 2003, pp. 171-186.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O pecado e o medo. A culpabilização no ocidente (séculos 13-18)*. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. v.1.

D’INCAO, Maria A. “Mulher e família burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DICTIONNAIRE ICONOGRAPHIQUE DES SAINTS. Bernard Berthod, Elisabeth Hardouin-Fugier; dessins de Camille Deprez, Les Editions de l'Amateur, Paris, 1999.

DOUILLET, Jacques. *O que é um santo?* Tradução de Lúcia J. Villela. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant. (Coleção Sei e Creio Enciclopédia), 1960.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: J. Zahar/Editora UFRJ, 1993, P. 25-26.

\_\_\_\_\_. *Eva e os Padres. Damas do século XII*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUPRONT, Alphonse. A Religião: Antropologia Religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, pp. 83-105.

DURKHEIM, E. *As formas elementares de vida religiosa (o sistema totêmico da Austrália)*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, MIRCEA. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENCICLOPEDIA CATTOLICA. Citta del Vaticano: Ente per l'Enciclopedia cattolica e per il Libro cattolico, 1948-1954.12v.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. O século XX*. Porto: Afrontamento, São Paulo: EBRADIL, 1994, v.5., p. 583-611.

EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista

FALCI, Miridam B. K. "Doença e religiosidade". In: LIMA, Lana L. G; HONORATO, Cezar T.; CIRIBELLI, Marilda C.; SILVA, Francisco C. T. (org). *História e Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2003.

FALCON, Francisco José Calazans, *História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARGE, Arlette. Agitadoras notórias. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Tradução de M H. da C. Celho, I. M. Vaquinhas, L. Ventura, G. Mota. Porto: Afrontamento, São Paulo: EBRADIL, 1991, v.3., p. 553-569.

FERNANDES, Rubem C. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, sarava! In: \_\_\_\_\_ . *BRASIL e EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: ed. Graal. 1986.

\_\_\_\_\_. *Religião no Brasil: pouco padre, pouca missa e muita festa*. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em: fev. 2004.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONSECA, Dagoberto José da. *Clausura e silêncio*. Texto apresentado no seminário Temático 08 – Experiências religiosas e novas espiritualidades, nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, Centro Universitário Maria Antônia, 22 a 25 de setembro de 1998.

FONTANA, Joseph. *História: análise do passado e projeto social*. São Paulo: Edusc, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990, p. 461-511.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: SCHMITT, Jean-Claude; LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru (SP): EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002, pp.449-463.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GASPAR, Eneida Duarte. *Guia de religiões populares do Brasil*. Rio de Janeiro : Pallas, 2002.

GEARY, Patrick. "L'humiliation des saints". *Annales ESC*, vol. 34, n.1, 1979, pp. 27-42.

GEBARA, Ivone. O mal feminino ou a regionalização do discurso sobre o mal humano. In: *Cultura Vozes* v. 93, n.4, p. 61-73, jul/ago. 1999.

\_\_\_\_\_. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. O século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, 1991, v.4., p. 199-238.

LOURO, Guacira L. "Mulheres na sala de aula". In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

HANNER, June E. *A mulher no Brasil*. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HERMANN, J.. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *A era do capital: 1848-1875*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, Enrique (org.) *500 anos de história da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_ et al. *História Geral da Igreja na América Latina t. II.: História da Igreja no Brasil, primeira época*. Petrópolis: Vozes, 1992 [1977].

HUNT, Lyn. Apresentação: história, cultura e texto. In: \_\_\_\_\_. *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JULIA, Dominique. A Religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, pp. 106-131.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Edições Paulinas e Loyola, 2004.

LARAÑA, Ildelfonso Camacho. *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*. Tradução de J. A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

\_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. São Luís. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEITE, Iolanda Lourenço. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel, 2004.

LEÓN, Maria A. Rodriguez. A discriminação da mulher na Igreja Católica. In: MARCÍLIO, Maria Luiza. *A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984. pp. 30- 94.

LERMEN, Gisela Anna Bütter. Mulher e controle social na Igreja Católica. In: *Reflexão*. Campinas: PUCCAMP, Instituto de Filosofia. v. 10, n. 33, 1986, p. 47-64.

LOPES, José Rogério. Imagens e Devoções no Catolicismo Brasileiro. Fundamentos Metodológicos e Perspectivas de Investigações. In: *REVER - Revista de Estudos da Religião da PUC-SP*. n.03, ano 3, 2003. Disponível em: <<http://www.iesb.br/sipec/revista>>. Acesso em 03 jan. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: *História das mulheres no Brasil*. DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord.). 6.e. São Paulo: Contexto, 2002.

LIMA, Raquel dos Santos S. “Rita de Cássia: gênero e história na ‘Santa do Impossível’”. In: *Estudos Feministas*, v. 13. n.2 / 2005, pp. 449-451.

KLAPISCH-ZUBER, Cristiane. “Introdução”. in DUBY, G. e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Porto: Ed. Afrontamento, 1990, v. 2  
KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KNIBIEHLER, Yvone. *Corpos e corações*. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. O século XIX*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, 1991, v.4., p. 351-401.

MACHADO, Janaína Marcon. *Família e herança: a formação do povoado de Santa Rita do Turvo (1813-1839)*. Viçosa, 2004. 65 f. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Curso de História - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Paraty: religião e folclore*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1976.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja. De Lutero a Nossos Dias*. Vol. IV. A Era Contemporânea. Tradução de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola, 1997.

MATA, Sérgio da. *Chão de Deus: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, séculos XVIII-XIX*. Berlin: Wiss. Verl. Berlin, 2002.

MATOS, Maria Isilda S. de. *Da invisibilidade ao gênero: Odisséias do pensamento – percursos e possibilidades nas ciências sociais contemporâneas*. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), 2003, pp. 67-88.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil*. S/E, USP, São Paulo, 1996.

MENEZES, R. C. *A Dinâmica do Sagrado: um estudo antropológico de um santuário católico*. Tese de Doutorado, Museu Nacional/ PPGGAS/ UFRJ, Rio de Janeiro, fevereiro de 2004.

\_\_\_\_\_. *A Dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. *Devoção, Diversão e Poder*. Um estudo antropológico sobre a festa da Penha. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, 1987 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *Saber pedir: a etiqueta do pedido ao santo*. In: *Religião e Sociedade*. Vol. 24. n. 1. out. 2004. pp. 46-64.

MENOZZI, Daniele. *A Igreja Católica e a secularização*. Tradução de Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 1998.

MONTES, Maria Luiza. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SCHWARCZ, Lilia M. de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol. 4

MOTT, LUIS. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MURARO, Rose. M. e BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. New York: McGraw-Hill Book Co., 1967.

NORA, Pierre, “Introdução”. In: *Ensaio de Ego-história*. Rio de Janeiro: ed. 70 LTDA, 1987.

OLIVEIRA, Pedro R. de. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 36 (141), pp. 131-141, 1976.

\_\_\_\_\_. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Simone G. de. Paradigmas populares da ‘santidade’: estudos de casos mineiros. In: *Sagrado Urbano. VI Congresso da Associação Brasileira de Historiadores da Religião*, 2005, Belo Horizonte. *Anais ...* Belo Horizonte: PUC, 2005. CD-ROM.

OPITZ, Cláudia. “O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente. A Idade Média*. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990. pp. 353-440.

PANIAGO, M.C. T. *Viçosa – mudanças sócio-culturais; evolução histórica e tendências*. Viçosa, UFV, Imprensa Universitária, 1990.

\_\_\_\_\_. *Viçosa – retratos de uma cidade*. São Paulo: Scortecci, 2001.

\_\_\_\_\_. *Viçosa – tradições e folclore*. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1983.

PEREIRA, Edilson S. *Mística e Mistificação. Sínteses entre religião e indústria cultural. Trabalho de conclusão de Curso (Comunicação Social - Jornalismo) – Curso - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.*

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do Catolicismo. In: *REVER - Revista de Estudos da Religião da PUC-SP*, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso: mar. 2004.

PERROT, Michelle. Sair. In: FRAISSE, Geneviève; \_\_\_\_\_. *História das mulheres no Ocidente. O século XIX*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egipto Gonçalves. Porto: Afrontamento, 1991, v.4., p. 503-540.

\_\_\_\_\_. et al. (orgs.). *História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia*. Tradução de Rachel Soihet, Suely Gomes Costa e Rosana Soares. In: *Revista Gênero*. NUTEG. Niterói, v. 2, n.1, 2.sem. 2001. pp. 7-28.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. 1989.

PRINS, G. *História Oral*. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. pp. 163-198.

PRIORE, Mary Del. “Ritos da Vida Privada”. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e MELLO e SOUZA, Laura de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RAGO, Margareth. Mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1993. (Seminários e Debates), pp. 81-93.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista”. In: *História da vida privada no Brasil*. Império: a corte e a modernidade nacional. NOVAIS, Fernando A. (coord.) e ALENCASTRO, Luis F. de (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997

RIBEIRO, Silvana M. *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo*. In: Anais do IV Congresso Português de Sociologia. 2004. Acesso em 15/02/2005.

ROSADO, Maria José. Catolicismo e direitos da mulher como direitos humanos. In: *Concilium*. Revista Internacional de Teologia. v.263, n.1, 2002, pp. 55-69.

\_\_\_\_\_. Dossiê Gênero e Religião”. In: *Estudos Feministas*, v. 13. n.2/2005, p. 363.

\_\_\_\_\_. “Freiras no Brasil”. In: *História das mulheres no Brasil*. DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord.). 6.e. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 482-509.

\_\_\_\_\_. Igreja Católica e poder feminino. In: *Comunicações do ISEER*. v.6. n.26, p. 24-35, set. 1987. \_\_\_\_\_. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. In: *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp. 79-96

SAFFIOTI, Heleieth I. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp. 115-135.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990.

SAMPAIO, Tânia Mara V. Gênero e os desafios epistêmicos para a Teologia e outros saberes. In: *Impulso*. Piracicaba, 14 (34), pp. 107-127, 2003.

SANCHIS, Pierre. A caminhada ritual. In: *Religião e Sociedade*, n. 9, Rio, jun. 1983. pp. 15-26.

\_\_\_\_\_. *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Trad. Madalena Mendes de Matos. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Maria de Lourdes. As múltiplas faces de uma Santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de 'Ser Santo'. In: *Estudos de História - Revista do Curso de Pós-Graduação em História. Religião e Religiosidades*. Franca: v. 7, n,1 p. 32.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In: *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp. 137-150.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. A criação da mulher: um ardil para a história das mulheres? In: MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, pp. 129-156.

SGARBOSSA, Mario. *Um santo para cada dia*. Tradução de Onofre José Ribeiro. 9.ed. São Paulo: Paulus, 1983.

SILVA, André Luiz. Devoções Populares no Brasil: Contextualizando Algumas Obras das Ciências Sociais. IN: *REVER - Revista de Estudos da Religião da PUC-SP*. n.3, ano 3. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: abr. 2005.

SILVEIRA, Vicente. *Expansão da Igreja Católica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003. pp. 13-37; 387-441.

SOARES, Mariza. *Devotos da cor, identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. As religiosidades como objeto da historiografia brasileira. Entrevista a Ronaldo Vainfas. In: *Tempo*, Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro: 7 Letras, v.6, n. 11, jul.2001. pp. 251-254.

\_\_\_\_\_. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. O século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento, 1991, v.4., p. 443-475.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Gender and the politics of History*. New York: Columbia University Press, 1989. Tradução: Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. SOS CORPO. 3ª. ed. Recife, abril de 1996. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História. Novas perspectivas*. Tradução de Maria Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência*. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

\_\_\_\_\_. Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890-1920). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

\_\_\_\_\_. Formas de violência, relações de gênero e feminismo. Conferência apresentada no *III Encontro Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia*, promovido pela REDEFEM, na UFF, em 2001. Disponível em: <<http://www.uff.historia.br>>. Acesso em: 15 out. 2003.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. *História das Mulheres e relações de gênero: algumas reflexões*. Disponível em: <http://www.historia.uff.br>>. Acesso em: out. 2003.

\_\_\_\_\_. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Norma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 95-114.

\_\_\_\_\_. “Mulheres pobre e violência no Brasil urbano”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas (1850-1950). *Revista Estudos Feministas*. Vol. 5, n. 1/97. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, p. 7-29.

SOUZA, Juliana B. A. de. Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar. In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 2, 2001, pp. 1-17.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista*. História da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TARDUCCI, Mônica. Estudios feministas de religión: uma mirada muy parcial. In: *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp. 97-114.

TAVARES, J. Campos. *Dicionários de Santos*. Porto: Lello, 1990.

TEIXEIRA, Igor Salomão. *O tempo que conta o desvio de Nossos Primeiros Pais: São Tomás de Aquino, Jacopo de Varazze e a função social das mulheres na segunda metade do século XIII*. Viçosa, 2004. 56 f. Trabalho de conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Curso de História - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

\_\_\_\_\_. *Literatura, tempo e verdade: a hagiografia nos campos da história*. Trabalho de conclusão da disciplina Teoria e Metodologia da História I, ministrada pela Profa. Sandra Jatahy Pesavento, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2005.

THE ENCYCLOPEDIA OF RELIGION, Editor in chief: Mircea Eliade, Macmillan, New York, c1987, 1987. 16 v.

TOLDY, Teresa Martinho (1997). As mulheres na Igreja Católica – luzes e sombras ao longo da história. In: *Revista Theologica*, II séire, V. XXXII, Fasc. 2., Braga, 219-245.

THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde / SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), 1945

VAILATI, Luis Lima. Os funerais de ‘anjinhos’ na literatura de viagem. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 22, n. 44. São Paulo, 2002.

VARIKAS, Eleni. “O ‘pessoal é político’: desventuras de uma promessa subversiva”. In: *Revista Tempo*, v. 2, 3, jun.1997. Niterói: p. 59-80.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. Santidade. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

VECCHIO, Silvana. A boa esposa. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. A Idade Média. Tradução de Ana L. Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco G. Barba, Jose S. Ribeirto, Katharina Rzepka e Teresa Joaquim. Porto: Afrontamento, v.2., 1990, p. 143-184.

VELOSO, Dom Eurico. *O livro de Tombo*. Disponível em: [http://www.catoliconet.com.br/noticias/noticias\\_integra.asp?cod=1&codigo\\_noticias=35101&editoria=1](http://www.catoliconet.com.br/noticias/noticias_integra.asp?cod=1&codigo_noticias=35101&editoria=1). Acesso em 07 mar. 2005.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 8 ed. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1994.

WOODWARD, Kenneth L. *A fábrica de santos*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Siciliano, 1992.

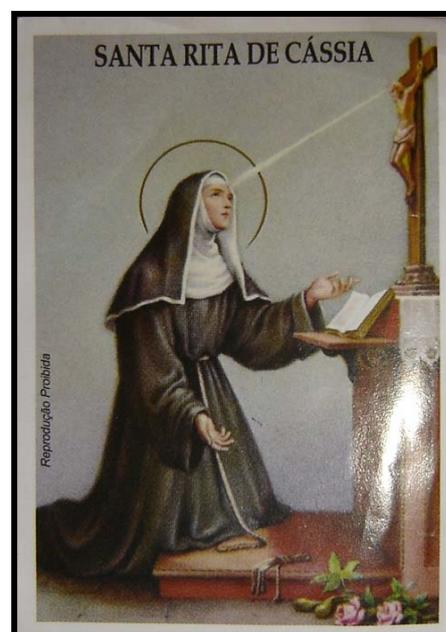
WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. Tradução de Deborah Pereira. IN: *REVER - Revista de Estudos da Religião da PUC-SP*. São Paulo: PUC-SP, n. 1, ano 2, 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp/rever>>. Acesso em: 15 mai. 2004.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus*. Um estudo do santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

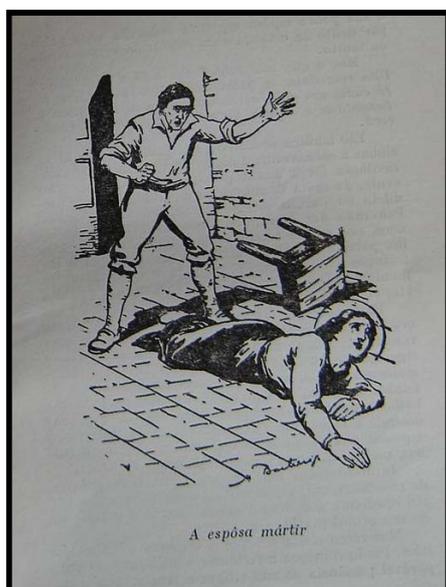
## ILUSTRAÇÕES



1. Imagem de Santa Rita de Cássia localizada na entrada principal da Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia. Foto de Raquel Lima.



2. “Santinho” cedido pela devota F.C.. Editora Santo Expedito.



3 Fonte: MARCHI, Monsenhor Luis de. *Santa Rita de Cássia. A Santa dos Casos Impossíveis e Desesperados*. 4.ed. São Paulo, 1995, p. 33.



4. Imagem de Santa Rita que fica no interior da Igreja Matriz. Semana da Festa da Padroeira, maio de 2006. Foto de Raquel Lima.



5. Imagem localizada na Avenida Santa Rita de Cássia. Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.



6. Imagem localizada no entroncamento da Rua Gomes Barbosa com a Avenida Santa Rita de Cássia. Festa de 2006. Foto de Raquel Lima.

7. Procissão da Festa de 2006. Foto de Leandro Gomide.





**8.** Andor construído pelo Sr. A. Procissão da Festa de 2006.  
Foto de Leandro Gomide.



**9.** Missa Solene (Missa das Rosas).  
Festa de 2005.  
Foto de Raquel Lima.



**10.** Roupinha de Santa Rita de Cássia com a qual Dona E. vestiu sua filha S., hoje com 35 anos.  
Foto de Raquel Lima.



**11.** Oratório que Dona E. herdou de sua mãe.  
Foto de Raquel Lima.



**12.** Criança vestida de Santa Rita.  
Procissão da Festa de 2006.  
Foto de Leandro Gomide.

**13.** Diferentes gerações de “Santas Ritas”.  
Procissão da Festa de 2003.  
Foto de Marcus Andersen.



**14.** Criança vestida de Santa Rita.  
Procissão da Festa de 2006.  
Foto de Leandro Gomide.